

CARTA DUODECIMA.

SUMARIO.

T Rata-se da-Medicina, que é uma consequencia da-Fizica. Nam é impropria aos Religiozos. Requiritos da-Medicina. Que o Medico, alem de Fizico, deve ser um grande Anatomico. Ignorancia da-Anatomia em Portugal, e principalmente na Universidade. Prejuizos que os Portuguezes tem nesta materia: por cuja razam, nam podem saber Medicina. Odio que os Galeniccos tem aos Anatomicos, e por-que razam. Abuzo dos-remedios por-falta de boa Fizica, e Mecanica. Que os remedios, pola maior parte sam imposturas: principalmente os segredos mais louvados. Que o Galenico, nam pode ter boa pratica. Que a Cirurgia em Portugal, é totalmente ignorada. Aponta-se o metodo de estudar, a verdadeira Medicina, e Cirurgia. Apontam-se os melhores autores em Anatomia, Chimica, Medicina, Cirurgia.

M EU amigo e senhor, Recebi com grande gofio a carta de V. P. de 13. de Julho, em que me-dá noticia da fua faude, e dos-seus trabalhos literarios felizmente concluidos. Tenho particular consolaçam dos-seus lustres, e aumentos: e dezejára com todo o gofio, poder concorrer para eles. Mas se nam tenho esta fortuna, terei ao menos a satisfaçam de lhe obedecer, em coizas do-ieu agrado, e empenho; como farei agora nesta carta. Devo porem advertir a V. P. que eu nam figo o metodo, que me-infinua nesta fua carta: porque altera humanamente a ordem, que eu tinha estabelecido. Pasar logo da-Filozofia à Teologia, aindaque possa ser util aos Religiozos, é, alterar a ordem dos-tratados, e confundir as ideias aos principiantes. A materia que propuz a V. P. nas minhas duas ultimas, conduz-me a falar em duas faculdades, que sam consequencias das-ditas. Falo da-Medicina, e Jurisprudencia: porque aquella, é uma continuaçam da-Fizica, e esta, da-Etica: com as quais tem mais proximo parentefco, que com a Teologia. Onde, seguindo o plano ideado, falarei nesta carta, sobre a Medicina: na seguinte, sobre as leis Civis: vencidas as quais dificuldades, obedecerei a V. P. no-que me-ordena. E espero, que, ouvindo as razoens que me-movèram, me-desculpe, nam seguir o fio que me-infinua, só por-seguir outro mais natural.

Afimque a Medicina, é o argumento da-prezente carta. E aqui me-parece ouvir ja, um confuzo fu furro dos-leitores, e destes Socrates Portuguezes, que se-escandalizam, que um omem de profifam regular, e de um instituto tam apertado como o meu, queira entrar em seara alheia, e discorrer em uma materia tam distante, segundo eles dizem, do-meu instituto. Tambem nifto, seja dito aqui entre nós, reconhefo a infinita ignorancia destes pa-

zes. Primeiramente, se a Filozofia nam é impropria aos Religiozos, nem menos o-deve ser a Medicina: da-qual mais de trez partes, sam pura Filozofia. Alem diso, nam acho algum canone de Concilio, que proiba aos Religiozos, dizer o seu parecer sobre a Medicina, ou Cirurgia. Polo contrario acho, que por-muitos seculos os Clerigos Seculares e Regulares, foram os unicos Medicos dese tempo, e os que se-aplicaram à Fizica, e Medicina. No-XI. e XII. seculo da-Igreja, nam avia coiza mais frequente, que esta. Obicio Religiozo de S. Vitor, era Medico de Luiz VI. Rei de Franca: Fulberto Bispo de Chartres, Pedro Lombardo chamado o Mestre das sentensas, Rigordo Monge de S. Dionizio, deixando agora outros muitos, eram Medicos. Finalmente isto era tam vulgar, que o Concilio Lateranente congregado por-Inocencio III. no ano 1139. considera como um abuzo envelhecido nos-Monges, e Conegos Regulares, exercitarem a profissam de Medicos, e Advogados, para conseguirem riquezas. Nam condena o uzo, mas o abuzo: vistoque despois dese Concilio quazi trezentos anos, os Clerigos exercitaram a Medicina: aindaque nam a Cirurgia. O que bastava, para convencer estes criticos, que fogem de ouvir as repreensoens, com o pretexto de nam serem feitas, por-omens da-sua profissam. Mas esta nam é a questam. o ponto está se o que censura, faz iso com razoens boas, ou mas. O que suposto, sem fazer cazo doque dizem estes Senhores, darci a V. P. as minhas razoens. Se eses a quem as-propuzer, souberem intendelas, e confutalas, terei particular consolafiam: quando nam, nam devem olhar para quem o-diz, senam para o que diz. Aindaque sem vaidade alguma podia dizer a V. P. que talvez tenha eu estudado mais Medicina, e assistido a mais anatomias, e conversado mais dias, com os que eram insignes nestas materias; doque muitos, que as-profesam neste Reino. Mas, deixando de parte tudo isto, digo da-Medicina, o que ja disse da-Fizica, que neste Reino, nam se-sabe de que cor é: e que nesa Universidade, sabe-se ainda menos. vistoque na Corte, à forsa de conversar com alguns estrangeiros, tem algumas pessoas aquistado, noticias menos más: que certamente nam se-acham nas provincias. Cuido, que provarei a V. P. com facilidade este ponto, se lhe-trouxer à memoria, o que é a verdadeira Medicina, e o que ja lhe-dise, da-Filozofia deste Reino.

A Medicina é a Ciencia, *que ensina a conservar, e recuperar a vida perfeita, e saude do-corpo humano.* Esta difinisam nam tem controversias, porque é clara, e abraçada geralmente. Daqui fica claro, que coiza deve saber o Medico: porque examinada esta difinisam, e cadauma das-suas partes, conhece-se até onde se-deve estender, o conhecimento da-Medicina. Deve pois o Medico saber 1. que coiza é corpo. 2. que coiza é corpo humano. 3. que coiza é vida do-corpo humano inteira e perfeita, 4. que coiza é vida imperfeita, e ofendida. 5. que coiza é saude perfeita. 6. que coiza é saude ofendida. 7. que coiza até aqui tem descuberto o ingenho humano, para conservar, e recuperar a saude. Estes conhecimentos pode ter qualquer Filozofio, sem ser Medico.

O 8. e particular do-Medico é, saber aplicar esta medicina, em certo tempo, e certo modo, e certeza dóze &c.

Cadauma destas partes divide-se em outras, que abraçam legitimamente tudo, o que é necessário a um bom Medico. O primeiro conhecimento, que é saber, que coiza é Corpo, traz consigo o conhecimento, de quasi toda a Fízica. Porque somente se-sabe que coiza é corpo, quando, postos de parte todos os prejuizos, se-forma verdadeira ideia do-corpo, examinando qual é a natureza daquilo, que todos constantemente asentam, que é *corpo*: despois as propriedades, e todos os accidentes que lhe-competem. Em uma palavra: lembre-se V. P. do-que lhe-dise na Fízica, que era necessário ao omem, que queria saber que coiza é corpo; e asente que tudo isto, é necessário ao Medico. Onde deve saber a Geometria, e Calculo: porque sem este conhecimento, nunca chegará a conhecer, que coiza é corpo, e quais são as forças dos-corpos duros, e elasticos: como também dos-fluidos, é mutua concorrencia deles.

Esta noticia, é indispensavelmente necessária, a quem quer conhecer; que coiza é corpo: e especialmente necessária, a quem do-movimento dos-corpos deve deduzir os fenomenos, que sucedem no-corpo humano, tanto entre os solidos, como nos-fluidos que correm por-eles: o que compreende, a maior parte da-Fízica. E nem só isto, mas, rigorosamente falando, nem menos pode o Medico passar-se de examinar, os fenomenos que rezultam, das-diyersas unioens de partes insensiveis de corpos, a que chamam principios de sensaçoens: como são as *cores*, *calor*, *frio* &c. e todo o sistema dos-Ceos, com as suas consequencias. Das-quais duas coizas, juntas com o que disemos, se-compoem isto a que chamamos, Fízica completa. A razam disto é, porque se nam se-acostuma, a discorrer bem nestas materias; e em-todas elas nam faz um sistema fundado nas experiencias, como *datos*; e regulado polos principios da-Matematica, que nam deixa errar nos-raciocinios que dela se-deduzem; todos os momentos achará dificuldades insuperaveis. Também se nam souber, o sistema das-Cores; nam entenderá bem, que coiza é vizam: de que se-rem os orgaos: como se-podem curar as enfermidades dos-olhos: nem poderá de repente julgar, se esta ou aquela coiza é nociva à vista &c. Também o sistema Planetario bem entendido, (intendo por-isto, nam só o diferente sitio dos-Astros no-Univerfo, mas a constituissam fízica deles) pode livrar o Medico, de mil terrores panicos: v. g. nam querer sangrar em Lua nova, e outras ridicularias destas. Finalmente, pode esta erudissam dar ao Medico, mil noticias utis sobre o Ar, e mui necessárias para alcançar a cauza, de muitas enfermidades. De que venho a concluir, que nam só o que convem ao corpo geralmente, mas uma inteira noticia da-verdadeira Fízica, é sumamente necessária ao Medico: e que daqui é, que deve comesar, o estudo da-Medicina. E tendo dito a V. P. isto, fica superfluo repetir-lhe particularmente os motivos, porque ao Medico é necessário, saber Geometria, e Aritmetica, e as outras partes da-Fízica. Tudo isto explico com uma palavra, dizendo, que o Medico deve ser,

um perfeito Físico: isto é, deve saber que coiza é corpo, e todas as suas propriedades: saber bem a história dos-phenomenos naturais, e mediante o que sabe com certeza dos-corpos, isto é, mediante a noticia da-Matematica simplez, deve descobrir as causas, dos-particulares phenomenos que observa. Isto claramente se-colhe, da-definição da-Medicina, e concedem-no sem repugnancia, os mesmos Peripateticos.

Deste primeiro principio fica claro, que conceito se-deve formar, da-Medicina deste Reino. Porque sendo todos estes Medicos Peripateticos, que vale o mesmo que dizer, ignorando a Filozofia, e especialmente a Física; é certo, que nam podem saber, coiza alguma da-Medicina. Aindaque estes Medicos lesem, algum dos-livros de Aristoteles das-coizas naturais, como da-Geração e natureza dos-animais; Meteoros &c. em que se-acham bastantes observaçoens boas; nam podiam discorrer melhor. E' certo, que o Medico que estudou aquilo, a que nas escolas se-chama, *Física de Aristoteles*, que consiste, em palavras gerais; tudo explicará segundo o dito sistema: servindo-se de trez vozes, *materia, forma, e uniam*: de 4. *elementos, qualidades* &c. com as quais certamente nam se-intende, o que disse Aristoteles nos ditos livros: nem se-pode tirar documento algum util, para a Física. Mas o pior é, quem nem menos isto lem. e apostarei eu, que nam acha V. P. um só, que saiba, que matérias tratou Aristoteles. O que digo por-experiencia: pois nem menos até aqui achei leitor algum de Filozofia nestes paizes, que me-responde-se coerentemente, a esta pergunta.

O Medico, passa para a Medicina, com a noticia que tem na Física. e como ja em outra carta mostrei a V. P. que os que seguem o Peripato, nam podem saber Física; fica claro, que coiza pode saber o Medico, que nam estudou, as coizas necessarias para a Física: que ignora, que coiza é corpo: e que nem menos sabe, que esta noticia nam se-pode ter, sem um perfeito conhecimento da-Matematica simplez. Nem cuide V. P. que engrandese muito a minha propositam: eu o-deixo à sua experiencia, e fico certo, que se diser a algum Medico, que a Medicina nam se-pode saber, sem estas Ciencias; á-de ouvir grandissimas rizadas. o que certamente provem, de nam saber, que coiza é Física. Na verdade intender, que podem saber que coiza é corpo, sem considerar o corpo, pelo modo que apontamos, é loucura. E' nem menos Aristoteles apadrinhára tal opinia: pois conhecia ele muito bem, que sem o movimento; e suas propriedades, ignora-se que coiza seja a natureza corporea: e o-deu mai bem a intender como exemplo, vistoque estudou a Matematica: nem podia ser de outro modo, tendo estudado na escola de Platam.

O segundo requisito consiste em saber, que coiza é corpo humano. E este é o principal emprego do-Medico: vistoque neste é, que se-deve impregar, a sua ciencia. Onde nam basta saber, que coiza é corpo, e o que compete em geral ao corpo: mas particularmente deve saber, o que é corpo humano. Da-mesma forte que o relojoeiro, nam basta que saiba, que coiza é metal, mas é

é necessário saber, de que partes se-compoem o tal relojo, e que figura, e uzo tem. Sem este conhecimento, poderá falar muito; mas não saberá, que coisa é relojo: que lhe-falta: e como se-conferta. O nosso corpo é uma machina hydraulica, muito mais perfeita, que um relojo: pois nele vemos os vasos, e fluidos, que correm por-eles; e os ossos, que sustentam toda machina. Basta ver o coração, e as arterias, e veias que nascem dele (as arterias produzem novos ramos laterais, para distribuirem o sangue por-todo o corpo: o qual recebe-se nas veias, que o-restituem ao coração) e alguns outros vasos, para fazer as separações; para se-capacitar bem, do-que dizemos. Quem não tem este conhecimento da-Anatomia, e os que dele se-seguem, não é capaz de saber Medicina. Discorra quanto quizer o Galenico, sobre as quatro qualidades; se não chegasse a conhecer, a circulação do-sangue, ignoraria o que são muitas enfermidades, e como se-curam. Quem não conhece, a machina dos vasos, não pode saber, por-que razão a sangria na veia, pode ser útil às vezes; e na arteria comumente é prejudicial: mas pode aver ocasiões, em que seja necessária na arteria: Não menos poderá saber, como se-curará a arteria picada com a lanceta, e outras coisas semelhantes. Concedem os mesmos Galenicos, que depois que Harveo descobriu, a circulação do-sangue, a Medicina tem-se adiantado e aumentado muito. Mas se quizessem considerar melhor a materia, achariam, que se não se-continuar, o estudo da-Mecanica do-corpo, seguindo o mesmo metodo de Harveo; não se-poderão saber, as causas de outras enfermidades. Finalmente, nisso convem todos, os que têm juizo.

Mas este conhecimento Anatomico, é o que não se-acha neste Reino, e muito menos nesta Universidade: onde de Anatomia, não sabem senão o nome. Estes Portuguezes vivem persuadidos, que professor Anatomico, raras vezes é bom Pratico. e com esta ideia têm só alguns termos, para usarem deles nas-consultas; (que é o mesmo que dizer, para enganarem o mundo, dando a entender, que sabem Anatomia) e tudo o mais, dizem que pertence, ao Cirurgião pratico. Na Universidade, ainda que aja uma cadeira de Anatomia, não tem exercicio: pois só duas vezes no-ano fazem a tal Anatomia, em um carneiro, cujas partes se-mostram na escola. Não sei se V. P. poderá ler isto sem riso: eu certamente estou-me rindo, quando o-escreveo. Quer saber a anatomia do-omem, pela do-carneiro, é uma ideia nova. Pois ainda que as anatomias dos-animais ajudem, para formar conceito, de algumas partes do-omem; contudo, primeiro se-devem examinar muito bem no-cadaver do-omem: e ainda depois de observar nos-animais, é necessário tornar a confirmar, a mesma noticia no-omem, para ver se concorda. Observe V. P. a vulva, ou madre, como aqui lhe-chamam, de uma cadela, de uma corça, de uma coelha, e achará, que não são diferentes entre si, mas diferentes do-utero da-mulher. Além disto, o que elles mostram no-carneiro, são as partes maiores: não são estas, as que dão ideia da-Anatomia. Quanto ao persuadir-se, que os Anatomicos são maos Praticos, esta ideia é já muito velha nos

Galenicos, porque nem sabem Anatomia, nem Medicina: e assim dizem mal, daquilo que nam intendem. E' coiza digna de rizo, que a um omem que cura o corpo humano, aja de ser prejudicial, conhecer que coiza é esse corpo humano. E é coiza digna de compaixam, que a omens que estudam Medicina, saia da boca semelhante erezia! Por-pouco que estes omens considerassem a materia, conheceriam, que saber o uzo das-partes do-corpo humano, é indispensavelmente necessario na Medicina: coiza que o seu Galeno conheceo, pois escreveu um tratado desta materia, e chamou a Anatomia, *Oculus dexter Medicina*. Ora é certo, que, sem perfeito conhecimento das-partes, nam posso saber o uzo delas: e consequentemente, da-Anatomia depende tudo.

Alem disso, se a pratica consiste, em conhecer a cauza particular, desta determinada infernidade, e podêla curar; que impedimento seja para isto, saber Anatomia, eu nam alcanço. Formará melhor conceito, da-cauza de uma infernidade, quem nam sabe onde ela se-forma, doque quem o-sabe? entenderá melhor a cauza, de qualquer dor do-corpo, quem nunca vio um corpo aberto, doque quem é pratico das-entranhas? Que omem de juizo se-persuadirá desta propozizam? Como é possível, que possa um omem, emendar algum vicio dos-olhos, se nam conhece a estrutura deles? Como á-de julgar; que coiza é uma aneurisma na Aorta, na Celiaca, nas arterias Iliacas &c. se ignora a situasam, e estrutura dessas partes? Porque modo chegará a conhecer, se em alguma parte se-acha algum cirro; se a molher tem algum defeito organico nas partes da-gerasam, v.g. a boca do-utero torta, ou coiza semelhante; como advertio bem o doutissimo *Valisnieri*; sem ter um perfeitissimo conhecimento, da-Anatomia dessas partes? Certo é, que sem este conhecimento, poderá aplicar mil remedios: mas todos inutilmente. Mas esta é antiga cantilena dos-Arabes Galenicos: querem curar as coizas, com discursos aereos: E como a sua Fizica aprende-se somente nos-seus livros, mas nam na natureza; assim tambem a sua Medicina, intendem se-deve estudar no-Gabinete, e nam no-Ospital, ou teatro Anatomico. Dizem mal dos-Anatomicos, porque estes, considerando o corpo como uma machina, como na verdade é, conhecem, que muitas infernidades se-podem curar, sem tantos remedios. Os Galenicos polo contrario, fundam-se em receitas grandes, e curam às apalpadelas. Este é o principio, de odio tam intranhavel.

Deste principio se-colhe, que devem ignorar o 3. e 4. requizito, da-Medicina. Aindaque seja preocupado o Galenico, cuido que nam poderá negar, que o saber que coiza seja, vida inteira, e perfeita do-corpo humano, e vida mutilada e imperfeita; é indispensavelmente necessario ao omem, cuja occupasam consiste, em fazer que dessa vida imperfeita, se-restitua o doente para uma perfeita vida e faude. Tomára pois que me-disesse este tal Galenico, como se-pode saber, como vive o Omem, sem saber distintamente, de que partes se-compoem? O saber como vive, consiste no-saber, o uzo das-partes: e o saber este uzo, sem saber quais sam as partes, é um paradoxo bem galante.

O mesmo digo do 5. e 6. requizito, que são consequencias destes dois. A saúde perfeita consiste principalmente, no-devido uzo das-partes necessárias à vida: a imperfeita polo contrario: e tudo isto se-funda em saber, quais são as partes, e o seu uzo. Deixo agora o 7. e 8. requizito: porque deles falarei em seu lugar. O que dissemos dos-seis apontados mostra bem, que, sem um perfeito conhecimento da-Anatomia, não se-podem saber as causas, de muitas enfermidades: sem conhecer as quais, não é possível dar-lhe remedio, ou deenganar um doente, que o-nam-tem, e poupar-lhe esta despesa. Achem-se enfermidades extraordinarias, cuja causa só se-descobre, quando se-abre o cadaver. Li em Boerhaave a historia de uma doença singular, que dois Medicos tão grandes, como ele, e Albini, não puderam conhecer, pela sua singularidade. Aberto o corpo, achou-se que era, uma rotura no-*esophago* perto do-ventriculo, pela qual saiam todos os liquidos que bebia o doente, e entravam na concavidade do-peito; produzindo orriveis fenomenos, e martirios no-pobre doente. Achem-se mil relações de semelhantes enfermidades, cujas causas só se-descobriram, com a Anatomia. E que faria um Galenico em tal caso? applicaria mil remedios; empobreceria, e consumiria o doente.

Basta ler o famoso tratado do-*Bonelli*, intitulado *Sepulcretum Anatomicum*, sem falar agora em outros, para intender, que sem a anatomia dos-cadaveres não podiamos descobrir a causa, de infinitas enfermidades: sem conhecer as quais causas, não se-podem curar. Que Medico, ou Cirurgiam dará prompto remedio, à insupportavel dor de-Panaricio interno malino, que improvizadamente afalta, causando às vezes desesperadas dores, convulsões, delirios, febre, gangrena, e a morte; e tudo isto sem ver-mos ao principio, aparente tumor no-dedo, nem outro sinal: se acaso não for perfeitamente informado, da-estrutura do-dedo: que tem o seu tendine cheio de vasos, nos-quais pode formar-se uma obstrução ou inflamação: Aqual certamente não saberá remediar promptamente, quem não conhece bem, que partes á no-dedo. As observações Anatomicas do-diligentissimo *Santorini*, confirmam o presente assunto: além de infinitas observações, de famosos Anatomicos, e Medicos. No-tempo de Galeno não faltava quem julgasse, que nas arterias não ouvesse sangue: e nem menos na *aorta*: porque, segundo diz *Cornelio Celso*, intendiam, fundados na opinião de *Erasistrato*, que a inflamação se-origina-se, quando o sangue entrava nas arterias: que eles cuidavam estarem vazias: e dos-quais galantemente zomba Galeno. Mas hoje, descuberta a circulação do-sangue, manifesta a Anatomia, que continuamente corre pelas arterias o sangue: e que obstruindo-se as extremidades dessas arterias na parte estreita, nasce a inflamação. Mas eu profigo, e pergunto, quem ensina a sangrar copiosamente na Apoplexia procedida da-Pletora, sem não ter conhecido, por-meio da-Anatomia, as extravasões succedidas no-cerebro, por-causa da-muita copia de humores? E tornando outra vez ao mesmo *Boerhaave*, não deixarei de fazer memoria, de outro caso que lhe-sucedeo, em que a Anatomia, e o bom ra-

ciocínio, livrou um omem da-morte. O cazo é este. A certo cavalheiro succedeo uma forte convulsam, na queixada inferior, cauzada de grave contraçam do-muscúlo crotosite: e tam violenta, que nam podia comer, nem abrir a boca de modo algum. Nam deixáram os Medicos de lhe-fazer tudo, o que ensinára uma longa experiencia, com medo, que nam morrêse de fome: e até procuráram abrir-lhe com forsa a boca: mas sem fruto. Chamado *Boerhaave*, e informado do-cazo, discorreo assim: Os muscúlos tem a sua asám de contrair-se, por-cauza do-influxo do-sangue, que conduzem as arterias, e do-suco nerveo, que conduzem os nervos. onde deminuindo-se a copia de um destes, deminue-se a asám dos-nervos. Isto posto, ordenou a artereotomia na fonte: e no-meimo instante abrio o doente a boca. Progunto: entende V. P. que esta dedusam pode fazer-se, sem noticia da-Anatomia, e grande noticia da-Meccanica? certamente quem nam tivele estes fundamentos, aindaque tivele mil anos de pratica, nam concluiria, nem tiraria documento algum util. Finalmente, digo tudo em uma palavra. Quem diz, que a Anatomia é prejudicial ao Medico, nam sabe a antiga obrigasam do-Medico, de ser bom Cirurgiam, e, por-necesaria consequencia, otimo Auatomico: paraque do-conhecimento das-doenças externas, pase a conhecer as internas, como nos-ensina *Boerhaave*, e *Ippocrates*. E ainda aqui me-fica outra circunstancia, e vem ater: que até para a Republica, é necessaria a Anatomia. Pois proguntado um Medico, ou Cirurgiam polo Magistrado, que declarem, se uma fer da é mortal, isto é, se se-acha ofendida uma das-partes, necessarias à vida: como pode formar reto juízo, se ele nam sabe, por-meio da-Anatomia, quais sam esas partes? Finalmente isto é tam claro, que só os cegos ou loucos o-nam-intenderám. E de pasagem note V. P. que os Portuguezes sem o-querer, o-confesam: porque eles elegem um Medico, para Cirurgiammór do-Reino. uma de duas, ou isto é uma apparencia de comedia, e tanto vale nomiar aquele, como um sapateiro: ou o Medico deve tambem ser Cirurgiam; que é o mesmo, que Auatomico.

Mas, dirá V. P. com toda esa Anatomia os omens morrem, e muitas doenças nam securam. Concedo: E o mesmo, ou pior succederia, se os omens fosseo compostos de canais de bronze: e talvez nele cazo morreriam mais de presa. que agora: como vemos nos relosos, que certamente duram menos, que os omens. Nunca me-pasou pola imaginasam, querer que os Medicos, tivessem a virtude de fazer milagres, ou de emendar os defeitos da-natureza, corrupta polo pecado. Sempre ouveram, e averám doenças incuraveis. Se muitos morrem, por-necesidade da-natureza; é certo que muitissimos saram, com o beneficio da-Medicina. O que digo é, que conhecendo a enfermidade, ou applicará o remedio que tem, ou dezinganará o doente. Se os que estudam muito nos-corpos mortos, as cauzas das-infermidades, sabem ainda muito pouco; considere V. P. o que saberá, quem nada estuda, e nunca vio corpo aberto?

Nam eu poso intender, a incoerencia destes seus Medicos Portuguezes,
em

em materia da Anatomia. Se ella é iuperflua, e prejudicial à Medicina, nam deviam nem menos consentir cadeira na Univerfidade; nem permitir, que se-mostrasem as partes nas aulas. Se é util, deve-se ensinar bem: e nam basta mostrar as partes principais: mas as miudas, e miudifimas. Todos fábemos, que os carneiros tem bofes, figado, bafô, corafam, bexiga, tripas, miolos. &c. para mostrar ifto, nam é necesario abrir os corpos. Se nifto á utilidade, é necesario conhecer, a constituição intrínfeca dos-vazos, para formar conceito dos-fenomenos, que fucedem neles. o que certamente nam se-ve na superficie, mas com um exame cansado, e repetido. Ainda nam achei Medico Portuguez, que formáfe verdadeira ideia, de como circula o fangue nos-vazos, e de que nace o movimento do-corafam. Polo contrario achei muitos, que nem menos fábiam, onde estavam as veias. Em certa caza me-achava um dia, em que um Medico famoso receitava fanguixugas, no-orificio do-*podex*, para aliviar certas dores de cabefa. Proguntei-lhe a razam da-receita: e ele com voz magiftral refpondeo, que era clara: Viftoque da-cabefa até a dita parte, vinham duas veias direitas, polo qual via se-descarregava. Confefo, que nam podia conter o rizo: mas a prudencia, e atenfiam que devia à dita caza mo-fufocou. faí porem bem capacitado, de quanto valia o dito doutor em Anatomia: e quanto bem intendia, aquilo mefmo que receitava.

Se V. P. me-progunta, d'onde provem o odio, que os Galenicos tem à Anatomia: cuido que nam me-cansarei muito, em lho-provar. Provem dos-principios que bebèram, na Filozofia Peripatetica. Esta Filozofia nam fórma ideia das-coizas, fobre as mefmas coizas: quero dizer, nam fórma ideia da-natureza, fobre a mefma natureza: mas das-ideias que tem formado, pola leitura dos-feus autores, é que finge a natureza. Afentam, que a natureza é aquilo, que lèram nos-feus livros; e ao despois reduzem tudo, o que observáram na natureza; aos principios que tem bebido. Nenhum Peripatetico toma o trabalho de examinar, que coiza é aquilo, a que todos chamam *corpo*: quais as fuas propriedades. nam Senhor. Lem no-feu livro, que *corpo* é a *quantidade*: e que esta se-diftingue da-*materia*: e daqui faiem dizendo, que a *materia* nam é *corpo*, mas corporea: que a luz nam é *corpo*, mas corporea: e outras coizas semelhantes: As quais quando V.P. aperta que lhas-próvem, nam acham que responder: quando lhe-mostra experiencias, que nam se-podem explicar naquella fentença, ficam mudos.

Defla mefma forte difcorrem fobre o *corpo humano*. Dos-principios que tem bebido, faiem as qualidades do-*corpo*; faie a fórma cadaverica; e outras ridicularias deftas. Se o Peripatetico tomáfe o trabalho de consultar eife *corpo*, e ver, que se-intende muito bem, o movimento do-fangue polos vazos, (efte é o que tem em pé esta machina, a que chamamos, *corpo humano*) fem recorrer a qualidades occultas &c. conheceria, que as *qualidades*, e as *fórmulas cadavericas*, fiam palavras fem significado. Tornemos ao exemplo de um relojo que parou, porque se-entortou um dente de uma roda, ou se-rompeo a cadeia.

Tam-

Tambem eu posso dizer, que entrou a fórma cadaverica no-dito relogo, porque lhe-faltou a ultima disposiçam, para a fórma de relogo, que produzia o movimento. Mas dizendo isto, mostro nunca ter vislo relogo: e qualquer relojoeiro me-dirá, que sou louco: que nam á tais fórmas, que sejam vida do-relogo; ou por cuja falta ele pare: mas que tudo consiste, no-simplez artificio: o qual nam se-pode mover, se alguma roda se-desmancha, ou se-embarala. O meímo digo do-corpo humano. Se os omens nunca tiverem vislo, a estrutura interna do-corpo humano; eu lhe-perdoára, que conjeturassem: mas se nós estamos vendo manifestissimamente, que é um relogo, que recebe a vida da-circulaçam do-fangue; seremos loucos se comesar-mos a falar, em fórmas, ou qualidades; coizas de que nam temos ideia, nem prova alguma. Basta olhar para a fabrica dos-bofes, para intender isto. Nós sem ar nam podemos viver, nam por-outra cauza, senam porque este ajuda, a circulaçam do-fangue: o que se-mostra, com as experiencias feitas, na machina de Boile: ou nas experiencias que se-fazem, em animais abertos vivos. Do-que claramente se-colhe, que um determinado movimento, tem em pé esta machina: para conhecer a qual, é necesario conhecer, o principio deste movimento. Certamente que o movimento dos-liquidos pelo corpo, sem olhar para as qualidades, é o que sustenta esta machina. Onde, este conhecimento é necesario ao Medico: o qual cura muitas infermidades, fomite com fazer, que se-movam os umores adelgados, solidar os leves &c. e isto sem recorrer, a *peleijas de sais, chamadas de encastre, qualidades occultas do mercurio*: que sam vozes, de que uzam muito os Chimicos, e que comumente nada significam. Prova muito bem Boerhaave com varios exemplos, que, estando inteiro o solido, e liquido do-corpo vivente, e fomite cessando o movimento, cesa a vida: tornando, refucita. Ve-se isto claramente, em um omem que desmaia: no-qual pára o movimento, que faz circular os umores. basta mover os nervos, desorteque a materia movente do-coraçam se-mova; e no-meímo tempo refucita o omem: sem tantos fermentos, e efervecencias &c. Como se-vio naquele omem, que, tendo-se esvaído em fangue; fomite com beber um caldo de vitela, que lhe-faia puro pelas roturas das-veias; se-confortou, e viveo. As Aves, Insectos &c. interifados com o frio, quando recebem algum moderado calor, refucitam. E alem disto um animal morto, porque se-destruira o *Torace*, applicando-lhe um fole à *laringe*, e asoprando-lhe os bofes, refucitou.

Se advertise mui bem isto o Peripatetico, reconheceria quantas falsidades afirma, quando diz, que a alma racional é aquela, que faz comque viva o corpo: que está unida ao corpo por-uma uniam corporea &c. Nada tem que fazer a alma espirital, com a vida fizica do-corpo: sendo certo, que a alma nam pode fazer coiza, que nam conheça: e a alma ignora, o que succede dentro do-seu corpo. Deus infundio a alma no-corpo, para o-governar, e servir-se dele como instrumento, para algumas coizas. mas quanto á vida fizica, é certo que a alma ignora, o que succede nele. Isto bastava, para dezenganar os Peripateticos,

cos, e mostrar-lhe, que esta tal vida nam depende da-alma: e consequentemente que outra coiza, é aque o-tem em pé. Se acazo, conservando-se a machina inteira, Deus separáse a alma do-corpo; é sem duvida, que este corpo viviria, e se-conservaria, como atualmente se-move. O que se-colhe manifestamente, do-que succede ainda nesta uniam: pois, ou a alma esteja esperta, ou impedida com o sono; as funsoens do-corpo fazem-se da mesma sorte, sem que a alma conheça nada disto: e muitos andam dormindo &c. Onde concludo, que se o Peripatetico, quizesse fazer reflexam nisto, se-dezenganaria, que o corpo deve se considerar, como uma machina: e que nam devemos misturar a alma, com as funsoens do-corpo. Desta sorte entenderia melhor, que coiza era corpo: e diria coizas, que todos entendem, e tivessem apparencia de verdade, e pudessem servir à Medicina, e Anatomia. Mas falando em *qualidades, disposições*, e outras coizas destas, contraria a propria vista: embrulha tudo: e nam pode servir em modo algum, para a Medicina: a qual nam deve curar um corpo imaginario: mas deve curar este corpo que nós temos, polos finais que observa nele. E este é o motivo, porque V. P. ve aqui, tanta ignorancia neste particular.

Destes mesmos principios nascem muitos danos: nos-quais todos tem influxo, a Filozofia Peripatetica. pois nam só obriga desprezar a Anatomia, com a qual somente se-pode formar, verdadeiro conceito do-corpo humano, mas impossibilita um omem para buscar autores, que o-dezenganem. Examine V. P. o metodo que segue um estudante, que entra nesta Universidade para estudar Medicina; veja que autores estuda; e ficará bem persuadido, que nam é possível, que este omem saiba nunca Medicina. Todos estes Medicos são Galenicos: e todos fundam o seu sistema, na Filozofia Peripatetica: e todos se enganam da mesma sorte, que se-enganou Galeno: o qual, ainda que entendesse bem Ipcrates, e às vezes observasse bem; quando porem quiz dar razam da experiencia, sempre recorre à ipoteze, e explicou-se mal. Galeno era Aristotelico, e com a capa de interpretar Ipcrates, introduzia as suas opinioens por-uma arte nova: e as-atribuia algumas vezes, a Ipcrates, quando naverdade eram ou suas, ou Aristotelicas. Ainda depois que refucitou na Europa, a Medicina Ipcratica, o que succedeo no-seculo 16., em que os Medicos reconheceram a necessidade da-experiencia para a Medicina; acham-se muitos, que observaram bem, e desconheciam muito mal. Tam certo é, que o mau principio de Fizica destrue tudo, o que se-aprende, ainda que seja bom! Tem a'em disto outro perigo: porque quem está preoccupado por-alguma opiniam, nam observa mais, que o que lhe-tem conta: e tudo regula polas ideias que tem: de sorte que nam escreve a historia sincera, do-que naverdade foi o fenomeno. E assim, pouco servem as suas relasoens a um omem, que só busca dezenganos. Onde tem mais exame digo a V. P. que tudo o que se-chama Medicina, desde o seculo de Augusto, até o fim do-seculo decimosexto, se-deve desprezar. Para nam parecer encarecida a minha propozisam, lance V. P. os olhos, para o

que era a Medicina nese tempo; e para as mudanças que teve, até o seculo pasado.

Os primeiros omens foram os primeiros Medicos de si, e dos-outros: pois é crível, que assim que ouveram enfermidades, procuráram livrar-se delas. Costumavam os que saravam, escrever os remedios, com que o-tinham conseguido: cujas receitas se-depozitavam nos-templos. No-Egito, e Babilonia (1) expunham-se os doentes nas praças publicas, para que os que passavam, os-aconselhassem, cazo mais que tivessem padecido os mesmos males: e todas estas noticias se-conservavam. Mas, a falar verdade, esta sorte de Medicos eram puros mezinheiros, e toda a sua Medicina era *Empirica*, ou experiencia. Digam o que quizerem os que, fundados em Omero, pertendem mostrar, que no tempo do-sitio de Troja avia alguns Medicos famosos, o certo é, que nam sabemos nada dese tempo: e somente uns 450. anos antes de Christo, é que a Medicina comefou a tratar-se, com algum sistema. Estes primeiros Medicos nada mais eram, que os Filozofos dese tempo. *Pitagoras* era Medico (2) *Empedocles*, *Democrito*, e alguns outros tambem o-foram. Estes omens, como tinham profunda noticia da-Fizica, facilmente descobríram as cauzas, de algumas enfermidades, e as-curáram. Mas *Ipocrates*, que floreceo 400. anos antes de Christo, foi o que deo metodo, à Medicina daqueles tempos. Nacido na Ilha de Coó, em que era adorado Esculapio Deus da-Medicina, pode informar-se das-receitas, que, segundo o antigo costume, se-guardavam naquele templo. E como era bom Matematico, e Fizico, soube observar bem, e verificar esas mesmas experiencias: desorteque foi o primeiro que nos-deo, um corpo de Medicina. O que digo principalmente, dos-Aforismos; que, nam obstante alguns erros que tem, sempre os-confirmou a experiencia. Os que seguiram *Ipocrates*, e os conselhos que ele dava, a seu filho, fizeram algum adiantamento, na Medicina: como *Areteo* de Capadocia, e *Cornelio Celfo* Romano, dos-quais existem as obras; e algum outro. Mas pouco despois degenerou. No-seculo de Augusto, acha-se um certo *Asclepiades*, de Bitinia, que parece ser o primeiro, que reduzio a Medicina, a pouca ciencia, e muitas palavras. Desviou-se totalmente das regras de *Ipocrates*, e fez um metodo novo, que agradou muito aos seguintes. Dos-Romanos rarissimo se-aplicou à Medicina. No-segundo seculo de Cristo floreceo *Galeno*, de Pergamo. Este homem, que tinha grande merecimento pessoal; e que observava com atensam; e que curava muitas enfermidades bem; e que, alem da-Filozofia, tinha estudado Matematica; segundo o estilo dos-melhores Medicos daquele tempo: foi porem a cauza principal, de degenerar a Medicina, como-ja disse. Comentou *Ipocrates* bem, em quanto a alcanzar o sentido: mas em quanto às explicasoens, muito mal. Quiz dar razam de tudo: e como a sua Filozofia era Peripatetica, que, aindaque naquele tempo era menos má, doque no-prezente, contudo

inclu-

(1) Herodot. l. 1. c. 197. Strabo l. 3. p. 155. & l. 16. p. 746.

(2) Cornelius Celsus, in Praefat.

inclinava infinitamente para a especulacão ; daqui veio , que tropeçou nas ipotezes : e , explicando as coizas por-este metodo , fez mui mau servizo à Medicina. Despois disto , se tiramos um ou dois , que floreceram ate o 4. ou 5. seculo , os quais , aindaque Galenicos , nam diferam mal em algumas coizas ; tudo o mais que se-segue *inclusive* até o seculo 16. é ignorancia. As inundaçoes dos Barbaros , impediram os progresos das-Ciencias : e os que entre eles se-quizeram aplicar a elas , arruinaram-nas ainda mais. Falo dos-Maometanos : os quais desde os principios do-seculo IX. , tendo traduzido as obras dos-Gregos em Arabio , e desprezando tudo o mais , só se-agradaram de *Aristoteles* , e *Galeno* : mediante os quais , e segundo os seus principios , é que abrasaram *Ipoocrates*. Toda a sua Filozofia era Peripatetica : a qual comentaram de forte , que dali nasceo esta nova ciencia. E como por-ela se-regulavam os discursos de Medicina , fica claro , que coiza podiam adiantar nela.

Foram os Arabes aqueles , que nos-comunicaram as ditas duas ciencias : pois no-tempo em que no-Occidente tudo era ignorancia , os Arabes na Azia , Africa , e Espanha floreciam na Medicina , Chimica , Geometria , Aritmetica , Astronomia. E nunca estudaram mais , doque no-tempo em que no-Occidente , era maior a ignorancia , por-cauza das-muitas guerras dos-Normandos &c. o que succedeo no-seculo X. e XI. Como nam se-cansavam , com os livros Fizicos de *Aristoteles* , mas fomite estudavam , os oito do *Physico auditu* , que tem parentesco com a sua Metafizica , e Logica ; bem se-ve , que coiza podia ser a sua Fizica. Acrescento a isto , que nam cultivaram a Anatomia : a qual , aindaque muito imperfeita entre os Gregos , contudo era conhecida , e estimada entre eles. Comque faltando-lhe a Anatomia , e na Fizica discorrendo com palavras gerais ; na Medicina nam podiam discorrer melhor. Com effeito esta era a sua Medicina. Fundava-se toda em discursos sobre as quatro *qualidades* , sobre alguns antigos remedios , sem mais exame : e aprendiam a sua Medicina , nam observando no-campo , ou nos-ospitais , mas discorrendo , e utilizando no-gabinete. Este era o estado da-Medicina entre os Arabes : a qual juntamente com a Filozofia de *Aristoteles* , nos-comunicaram no-XII. seculo. E como todos os Medicos , que se-seguiram despois , discorressem , com pouca diferenca , fundados nos-mesmos principios ; devemos fazer deles o mesmo caso , que dos-Arabes.

Ainda despois que os nosos reconhecèram , a necessidade da-Anatomia , e se-aplicaram a ela com fervor ; o que succedeo no-meio do-seculo XVI. continuaram os Medicos , a discorrer muito mal. Nem podia ser de outra forte : continuando de fervir-se da-Filozofia Peripatetica : a qual impede fazer as-experiencias , e esas que se-acham , as-explica muito mal. Ouve ainda outra razão , e foi , que nese tempo appareceo *Paracelso* , e os seus sequazes , como *Helmont* , que resuscitaram a Chimica : e querendo fugir de *Galeno* , e dos *Arabes* , de quem diziam muito mal , deram em outro extremo pior , que foi , querer curar tudo com a Chimica : reduzindo tudo a alguns *sais* , *enxofres* ,

verras &c. que são palavras, ou explicações sem significado. Agradou esta Medicina a muitos: outros continuaram com a Galenica. o que durou até os principios do-seculo XVII. em que *Harveo* abriu os olhos aos Medicos, com a circulaçam do-sangue, que mostrou no-ano 1628. Onde, desde o seculo de Augusto, ou, a fazêlo mais barato, desde *Galeno* até *Harveo*, não se deve fazer cazo, de escola alguma de Medicina. Depois de *Harveo*, não se-abri-ram os olhos ao mundo de repente. Oueram na verdade neste tempo alguns homens, que escreveram muito bem, e reformaram o estudo da-Filozofia, e consequentemente da-Medicina. mas V. P. não ignora, que neste tempo appareceram os Cartezianos, e Gazendistas, que duraram até o fim deste seculo: os quais com as suas ipotezes fizeram muito mal à Fizica, e Medicina: supondo coizas, que não avia. Ainda os que não eram Cartezianos, mas somente seguiam a Medicina Mecanica, fundando-se na Matematica; como *Borelli*, *Bellini*, *Bernoulli*, *Keill* &c. ainda que fossem tão praticos da-Matematica, e mostrassem o modo, de racionar sem engano; contudo algumas vezes se-enganam, porque supõem coizas, que não estão provadas. Finalmente, somente depois que se-abriram as Academias Regias, que foi depois do-ano 60. do-seculo passado, é que a Medicina começou a melhorar em tudo, porque também a Fizica o-começou: da-qual depende em tudo, e por-tudo. *Newton*, que então flo-receu, deo-lhe a ultima mão: e pouco a pouco até o fim deste seculo, se-foi introduzindo, e no-presente, se-prática com aplauzo. De que concluo, que até *Harveo*, não devemos fazer cazo destes Galenicos: tirando algumas observaçoens, que fizeram alguns dos-ultimos, menos prejudicados. Depois de *Harveo*, até o tempo das-Academias, é necessario proceder com cautela: escolher o que dizem com verdade, e separálo das-supozições: e não admitir nada, que não seja admitido por-todos, e provado evidentemente. Verdade é, que em muitas partes v. g. nas Espanhas continuaram neste tempo, ainda no presente, os autores Galenicos: e em outras partes ainda se-acham Cartezianos, e Gazendistas. Mas destes não falamos: porém somente do-metodo que se-descobriu para adiantar, e emendar a Filozofia, e Medicina.

Sendo pois este o sistema deste Reino, em que todos são Galenicos; bastava isto para provar, que aqui não se-sabe Medicina: visto que não há outra escola neste Reino mais, que a desta Universidade: na qual cegamente se-segue, o antigo metodo. Onde, ainda que nela florescessem, os mais agudos ingenhos &c. não era possível, que com tais livros, se-produzisse coisa boa. Muito mais porque sei, que ainda isto que ensinam, é segundo o costume das-outras faculdades, sem metodo, nem ordem alguma: sendo necessario ler muito, para vir a saber muito-pouco. senão veja:

O primeiro ano de Medicina, costuma pela maior parte ser o quarto de Filozofia: no-qual fazem Conclusões, e Licenciado. E como já falei a V. P. nesta materia, na-carta de-Filozofia; é superfluo repetir-lhe, que coisa sejam as Filozofias naturais daquele ano: as quais são todas talhadas, pela medida Pe-ripa-

ripatetica. Nos-seguintes, obrigam a estudar, temperamentos, humores, espiritos, partes, faculdades &c. depois, causas das-doenças, febres, pulsos, crizes: em algumas das-quais materias fazem no-3. e 4. ano as duas Tentativas. Depois disto, de *locis affectis*, de *victus ratione*, de *sanguinis emissione*, de *purgatione* &c. em que faz 3. ato no-quinto ano. No-6. ano, de *methodo*, & *recto praesidiorum usu*: em que faz quarto, e ultimo ato, e vai algumas vezes à Pratica. E com isto lhe-dam licença, para curar. Mas somente nisto que aponto, vejo claramente a confuzam, e pouca ordem do-tal metodo. Confundem a teoria, com a pratica: e a especulalam, com a anatomia, e uzo das partes: e fazem uma selada de materias, sem ordem, nem metodo. Nam apontam aos rapazes, que estudem por-algumas Instituições Medicas, que os-dirijam: mas obrigam-nos a passar de uma materia, para outra, talvez bem distante. De que nasce, que nam é possível, formar conceito da-Medicina, quem estuda por-este estilo. Aerecento a isto, que se-servem de *Vila Corta*, *Heredia*, *Bravo*, e outros tais Galenicos, que sam capazes de fazerem perder, nam digo só a paciencia, mas o juizo, e embrulharem a mesma Logica Natural, quanto mais a Fizica, com os maos principios que ensinam.

E daqui nasce, aquele maõ metodo de curar, que V. P. ve praticar todos os dias: no-qual nam se-aplicam os remedios, porque se-tem formado conceito deles, e da-infermidade; mas porque assim se pratica, e assim o-fizeram os meliores, que os-enfinaram. Sei, que merecem de culpa, porque nam estudaram outra coiza: mas o que nam posso sofrer é, que nam cedam à evidencia, quando outras pessoas lhe-mostram a razam. Este é o motivo porque ja disse a V. P. que *Galenico*, e *Mezinheiro* eram sinonimos no-meu vocabulario. O Galenico nam pode formar, verdadeiro conceito da-infermidade: porque nam tem os principios necesarios, para isto. e aindaque fale trez oras na infermidade, tudo o que se-tira dali é, que applica aquele remedio, porque o-vio aplicar em outras ocaziões, ou assim o-leo. E isto que diferença tem, de um mezinheiro? Aindaque um destes Medicos tenha grande pratica, nam mudarei de conceito: mas direi, que tem muitos anos de erro: E em tal cazo, devo fiar-me menos do Medico velho, que do-novo: porque este, poderá mudar de opiniam: mas aquele está radicado no-engano. A pratica nam ensina os principios, mas ensina o que succede nas infermidades. Onde se o Medico observáse miudamente, e sem alguma preocupalam, os fenomenos das-doenças, como fez *Sydenham*; e fosse mui acantelado no-dar remedios; em tal cazo quero admetir-lhe, que a tua pratica fosse mais util: Mas se o Medico Galenico, nunca se-afasta do-seu sistema, que é rachar os doentes com remedios; ou tenha um, ou quarenta anos de Medicina, tudo á-de ser o mesmo.

Ri muito quando li no-*Curvo*, que em 58 anos de Medico, sempre o olio de nabos v. g. fizera o seu efeito em certas berbulhas &c. Tomára primeiro que me-provase, que o efeito provinha, de ser olio de nabos, e nam de outro. Que com outros olios que se-aplicaram, nunca succedera o efeito; e com o que

nabos sempre. Se ele me-provára isto; então veria o que avia responder: em quanto mo-nam prova, devo dizer, que todos os 58 anos de pratica, nam concluem nada. E, sem sair do-mesmo *Curvo*, que era um homem acreditado entre os seus nacionais; abra V. P. qualquer dos-seus livros, veja a razam que dá das-cauzas das-doenças; e ficará bem capacitado, do-que lhe-digo, que tudo isto se-reduz, a mezinhas puras, sem sombra de Filozofia. A cada passo este homem inculca os seus remedios, fundado talvez em uma, ou duas experiencias. Estranho modo de provar! quem revelou ao *Curvo*, que aquela melhora procedo daquele remedio? quem o certificou, que com outro remedio mais facil, uma simplez bebida de agua quente, ou de olio de amendoas doces; ou talvez deixando a natureza a si mesma, nam succederia o mesmo efeito, e mais de presa? O que confirma melhor a falta de Filozofia, sam as reflexoens, que às vezes faz o *Curvo*. Falando na sua Atalaia da-Vida dos-Feridos, aconselha, que onde eles se-acham, nam entrem mulheres formozas: porque as feridas se-afanham. Se disêse, que nam entrassem mulheres, porque o alito, ou esfluvio da-mulher, era perniciozo; aindaque dizia uma falsidade, mostrava discurrer menos mal: mas excluindo-as somente por-formozas, é nam intender a materia. Se acrescentasse, que a mulher formozza podia excitar pensamentos sensuais, e estes alterar a harmonia dos-umores, e nacer daqui algum prejuizo; pasc; mas que sem estas circumstancias, a mulher formozza produza tam maos efeitos, nam se-pode ler sem rizo. A feia, e formozza só se-distinguem, em ter a boca maior, ou menor: o nariz direito, ou torto: os olhos negros, ou desmaiados: a cor branca, ou negra &c. e estas diferentes modificaçoens da-Materia, nam sam capazes de produzirem, tantos estragos. Alem diso, eu sei por-experiencia, que isto é falso. Achei-nie em um exercito, em que mulheres mui formozas assistiam a seus maridos, e amantes; e tambem em cazas particulares o mesmo; e nunca vi estes prejuizos: nem queixar-se ninguem de tal coiza. E proguntando, depois de o-ler, a um bom *Cirurgiam*, se isto era verdade; respondeo-me com uma grande rizada. E eis aqui tem V. P. o que sam os remedios, e a Filozofia Galenica que os-aplica.

Esta reflexam conduz-me naturalmente, a falar no-7. requisito, que deve ter o Medico: que é saber, que coiza até aqui se-tem descoberto mais segura, para conservar, ou recuperar a saude do-corpo humano. Esta materia é de toda a considerafam, principalmente em Portugal; em que o abuzo dos-remedios tem chegado a termos, que nam se-pode suportar. Este abuzo provem principalmente, daquele primeiro principio que apontamos, que é, o exercicio da-Filozofia Peripatetica, e Medicina Galenica: porque é consequencia necessaria desta Filozofia. Um Medico que afenta consigo, que um corpo humano se-compoem de quatro qualidades: da-diversa combinafam das-quais, resulta a doenca, ou saude; este tal homem por-força á-de cuidar, em buscar remedios ou frios, ou quentes, para curar a qualidade morboza, que ele intende existe no-doente. Se um nam produz o efeito, aplica outro: aproveita-se de tudo

do o que ouvio dizer, que é bom para deiterrar a dita qualidade: e desta forte com longas receitas cansa a paciencia, e a bolsa dos-doentes; e muitas vezes encurta-lhe a saude. Polo contrario, o omem que considera o corpo humano, como uma machina: e que reconhece, que a enfermidade pode succeder no-solido, e no-fluido: e que por-meio da-Anatomia chega a compreender, em que parte esta a doenca: este omem fórma muito diferente conceito da-cura; e procede mui diferentemente nas receitas. Se a enfermidade está no-solido, v. g. uma rotura de vasos maiores; sabe ele muito bem, que aqui nam valem emplastos, nem remedios: e que só a-curarà, se puder unir aquela parte; como succede nos-que sam quebrados, ou aquem se-furou uma arteria &c. Se a doenca consiste no-fluido, conjetura e examina, que effeito pode este fluido fazer no-solido, para poder buscar o remedio, proporcionado a nam destruir a machina. Ora para aplicar este remedio, nam basta o que dizem quatro livros: mas é necessaria a constante experiencia, da-bondade do-remedio: sem a qual, louca, e temerariamente applica o dito remedio. E como os remedios desta qualidade, sejam pouquissimos; daqui vem, que com grande parsimonia os-deve aplicar. Ponho exemplo.

Succede um irritamento nos-intestinos, a que chamamos *colica*. Formo em conceito que procede, da-crispatura das-fibras. Neste cazo devo julgar, que só me-fará bem aquele remedio, que me-relaxar as fibras. E como a experiencia ensina, que todo o olio é relaxante; pois o olio produz este effeito, em qualquer coiro que se-ensopa nele; tiro por-consequencia, que devo tomar olio pola boca, v. g. de amendoas doces, ou de semente de melam, que é mais agradavel: e ajudas de aguas quentes com azeite, deitando-lhe alguma materia emoliente, como *malva* &c. Este juizo é fundado, na mecanica do-corpo. Mas abra V. P. um livro de um Galenico, v. g. do-*Curvo*, achará mil remedios diferentes, que tem tanto que fazer, com o juizo que se-deve formar da-colica, como o dia com a noite. E que se-chama a isto, senam mezinhas? Note porem de caminho, que a maior parte daqueles remedios consiste em tais, e tais coizas fritas em olio; e untar a barriga, ou tomar ajudas do-dito olio, e agua. Mas se a virtude está na semente, ou erva, que necessidade tem de olio, ou agua? Eu vejo que a *quinaquina* produz o mesmo effeito, ou eu a-coma; ou beba, ou engula em pirolas: o mesmo digo do-*maná*, e outros remedios. pergunto agora, porque nam succederá o mesmo effeito na colica? Mas é clara a razam. O azeite é o que faz o feito, e nam os outros ingredientes. Porem como o Galenico nam fórma, verdadeiro conceito da-infermidade, e do-lugar em que está, mas vai sempre com a ideia das-qualidades claras, e ocultas; nam tem difficuldade de aplicar tudo, saia o que sair. O certo é, que para relaxar, e abrandar um coiro, aindaque lhe-apliquem cem mil coizas, se nam lhe-deitam olio, nada succede. O mesmo digo dos-nossos intestinos, que sam compostos de fibras carneas, e nerveas: e dev-em-se abrandar da mesma forte.

Em certa parte da Italia conheci um omem, de quem formára bom conceito,

ceito, por um ato publico que lhe-vira fazer: e principalmente porque diziam, que estudara em uma famosa Universidade. Succedeo, que este homem me-veio buscar um dia, e pedir-me, que lhe-dese introduziam com um Principe meu amigo, que era paralitico, para o-curar da paralizia: de cuja cura nam queria outra remunerasam, que concluir-lhe uma pertensam que tinha. Admirado eu da-propozisam do-negocio, pedi-lhe me-explicase, em que fundava a sua promessa: pois, sem bons fundamentos, nam queria falar em tal materia, para que nam me-dessem uma rizada. Ele entam, revestindo-se de certa severidade magistral, me-dise, que tinha o segredo, de fazer o oiro fluido: com o qual curaria sem duvida, a dita lezam. Confesso, que, ouvindo tal resposta, intendi que o homem zombava, ou era louco: onde para certificar-me, e juntamente divertir-me. lhe-dise: Que ele me-propunha dois cazos, igualmente admiraveis: e que eu, em obzequio da-sua palavra, admetia o-primeiro: mas que me-licava nova dificuldade, e era saber, como o oiro fluido curase todas as enfermidades, sendo procedidas de causas tam diferentes. Aqui o dito Chimico me-respondeo, que se-admirava, que eu nam entendese a razam. Que todos os corpos eram compostos, das-primeiras quatro qualidades, as quais eram filhas da-Materia: Que as doencas consistiam, ua confuzam delas: onde sendo o oiro o fermento desas qualidades; devia reduzilas ao seu estado natural, e sarava o doente. Sam palavras formais dele. Balhei as trepecinhas interiormente, quando ouvi o homem: e para prolongar o divertimento, lhe-dise: Tenho entendido a razam dos-fluidos: quizera agora que V. M. me-explicase, esta lezam do-solido na paralezia, como se-cura. Ao que ele fatizzez limpamente, com o mesmo metodo: dizendo-me, que a mesma materia primeira do-oiro, endireitava os nervos. Mas tem V. M. proguntei eu, feito ja experiencia, em algum paralitico? Diz, sim senhor: certo cozinheiro do-convento N. tinha um braço tolhido: dei-lhe o remedio em agua quente: suou muito, e moveo o braço. Finalmente, para-abreviar a istoria, digo a V. P. que eu tive um bom rato de divertimento com o homem: fazendo-lhe mil perguntas, e ouvindo galantissimas respostas: atéque o-despedi com caixas destemperadas, e nunca mais me-falou. Este cazo mostra, o que pode a preocupasam, em materia de remedios. Põnhõ de parte a sua Filozofia, que era galante: direi fõmente, que ele achara algum homem, que tinha alguma constipasam no-braço; a qual batizou por-paralizia: deu-lhe agua quente: suou: e ficou livre. E o Chimico attribuo o milagre, a alguma agua que lhe-deram, ou ensinaram a fazer, com o nome de agua d'oiro. Eis aqui tem V. P. o que sam, estes bons efeitos dos-remedios.

Quando nam ouvese outra prova da-falsidade dos-remedios, que comumente se-aplicam, que consideralos em si-mesmos; seria facil conhecer, que tudo sam imposturas. Deve-se v. g. curar uma colica: e o Medico receita-lhe esterco de rato bebido, ou a cotovia com a sua pena, queimada em vazo de barro, e pulverizada. Acha V. P. coiza mais ridicula que esta? Considere, quantas sustancias diferentes, entram nos-pozes de cotovia queimada, penas, osos,

ofos, entranhas, carne, fangue, esterco &c. tomára que me-difese o Medico, a qual destas se-deve attribuir a melhora. Se a pena negra, é boa; porque nam á-de fer a pena só? o mesmo digo de qualquer das-outras partes. Fez porventura o Medico a experiencia, de queimar cada coiza separada, e applicála? fez a experiencia, de queimar duas ou trez juntas? fez mil outras diferentes combinaçoens? pois tudo isto era necessario, para poder dizer, que se-devia queimar toda. Este mesmo conceito se-deve formar, quando em outras enfermidades receitam, olio de caens fritos, e mexerosodas semelhantes. Tantas substancias diferentes, nam é possível, que tenham o mesmo efeito. Veja V. P. tambem quando eles dizem, que em certas doencas, é bom o esterco de pavam: com a differença porem; que o esterco de pavam macho, para o omem: o de pavam femia, para a molher. Nam á esquipasam mais ridicula que esta. Deixo mil remedios ainda mais extraordinarios. v.g. que os fumos dos-dentes da caveira, sam bons para os omens, que estam ligados, para os atos matrimoniais. Se o-estar ligado, é efeito do-Demonio, como eles supoem; que tem que fazer a caveira, com o Demonio? se é efeito natural, que mais tem o oso do-dente, que o do-cranio, ou do-braço? nam é tudo do-mesmo omem, e da-mesma especie? Dirá V. P. que contra a experiencia constante nam á argumento. concedo: mas isto é o que eu quizera me-provasem, que avia uma experiencia constante: e isto é que eu nego. Tenho visto fazer todos eses remedios, sem efeito: ou, para melhor dizer, nam vi ainda algum que os-fizesse, e lhe-sucedese bem. Polo contrario os remedios constantes, sempre produzem o seu efeito, nam quando lhe-poem impedimento: se nam em todos; ao menos na maior parte deles. Ainda nam vi quem tomáse banhos, e nam traspiráse mais. Talvez os remedios nam produzem os seus efeitos, porque lhos-aplicam mal, e fóra de propozito, e tempo: o que é diferente nestes que digo. Onda concludo, que de semelhantes remedios, nam se-deve fazer cazo.

A iluzam tem muita parte nestas sonhadas melhoras, quando as-aja. A razam é, porque muitos imaginam, que estam doentes: e persuadindo-se, que os tais remedios os-ám-de curar; acham-se livres, nam da-infermidade, mas da-imaginasam. Outros aplicam os ditos remedios, no-tempo das crizes: e atribuem à eficacia do-remedio, o que só é efeito da-natureza. onde dizia bem aquele grande Medico: *Maledicta vetula, qua venit in die critico.* Conheci um Cavalheiro Florentino, a quem succedeo um cazo semelhante. Entrou em caza de um amigo, que gritava com dores de almorreimas: e a quem os Medicos determinavam fazer, uma cura violenta. O Florentino pedio ao amigo, que lhe-déixáse ver a parte. e observando, que estavam sumamente inchadas; aconselhou-lhe, que mandáse buscar um nabo, e feito em polme, o-aplicá-se. Feito isto cesaram as dores: e no-dia seguinte dezincháram: e pouco a pouco melhorou. Proguntando ao Florentino a razam, disse-me, que ele nunca ouvira dizer, que o nabo tivesse tal virtude: mas que sabendo, que avia trez dias estavam inchadas: e conjeturando, que as fibras sumamente estendidas, ou

aviam romper-se ; ou a materia se-avia determinar , para alguma outra parte ; o que mais facilmente succederia , applicando-lhe coiza fria , e umida , que corrobora-se a fibra : lhe-ocorrera , fervir-se dos-nabos : e succedera bem. A verdade porem é , que o padecente ficou persuadido , que nabos eram famosos , para a sua queixa. Se naquela ora lhe-aplicava um chichelo velho , ou um prato roto , succederia o mesmo : porque a natureza fazia a crize : e teria-mos chichellos , ou cacos como unico remedio para as almorreimas. Desta forte relucitam muitos remedios : e os Medicos os-apadrinham , como se o-fossem.

Acha-se alem disto outra razam extrinseca ; para mostrar , a pouca virtude destes remedios. Se V. P. abre um livro de remedios , a que chamam Framacopea , achará remedios . para toda a sorte de intermidades : e nam só um para cada especie : mas cada intermidade particular tem duzias de remedios : e tam diferentes uns dos-outros ; que fica um omen pasmado , vendo applicálos todos , ao mesmo achaque. Qualquer omen de mediocre juizo é capaz de conhecer , que sendo a intermidade uma só , e os remedios tam diferentes , nam é possível , que produzam o mesmo effeito todos. ponho de parte a intermidade do-solido , e faço fomite na do-fluido. Quem pode persuadir-se , que a mesma intermidade do-sangue possa curar-se , com cem pozos diferentes ? Quem tem alguma pratica de Chimica reconhece , que cada liquido , tem o seu coagulo &c. e que nem todos fervem para tudo. O que suposto , querendo eu refreiar uma febre ardente , ferei louco se lhe-aplicar outra coiza mais , que os *nitrados* , e outras coizas que sejam aptas , para aquietar o fervor do-sangue. Isto ensina a experiencia , e persuade a boa Filozofia. Nam o-intendem assim os Galenicos , que tem duzias de remedios para tudo. E quando a boa razam os-nam-delimentise , que mostra , que tudo aquilo sam mentiras , nacidas dos-prejuizos que bebèram na-Filozofia ; a mesma experiencia os-desmentiria : sendo certo , que de todos aqueles remedios , apenas se-acha um , que console alguma coiza o doente. O pior é , que preocupados com as ideias do-que lèram , em outros livros , matam os doentes com sede : sem advertirem , que para curar certas fermentaçoens , e febres ; o unico remedio é , amendoadas , e coizas frias.

Os outros mezinheiros , que sam menos toleraveis , sam os *segredistas* , ou inventores de segredos. Eu nam distingo esta gente dos-Charlatanos (que sam certos mezinheiros , que se-encontram frequentemente em Italia , e Franfa ; os quais nas praças publicas publicam com muitas palavras , a virtude dos-seus segredos : e vendem-nos com boa reputaçam , aos plebeos , e ignorantes.) Estes Medicos Portuguezes , que sam inventores de segredos , prometem com toda a segurança , perfeita melhora : a qual pola maior parte nam succede. Mas eu quero supor , que succeda : proguntaria ao tal Medico , quem lhe-dise , que se-deve a melhora ao seu segredo ? Estes segredos consistem pola maior parte , em doze , ou quinze ingredientes differentissimos. E aqui está a minha difficuldade , como ja apontei : pois para dizer , que tudo aquilo é necessario , é preciso primeiro , ter provado cadaum separadamente : depois dois : depois trez : e fazer

zer infinitas combinaçoens das-ditas especies. O que certamente nenhum destes faz: mas casualmente amontoaram aqueles remedios: entre os quais alguma vez se-acha algum, que é proprio, e produz a tua virtude: e a ignorancia do-Medico atribue-o a todos, e chama segredo, ao que é simplez, e bem uzual.

Se o Galcnico foubèse, quanto é neccario, para publicar uma coiza, por-constante e segura, ficaria palmado da-sua leveza, em publicar segredos. Estes omens fazem as experiencias dos-remedios, como as da-Fizica: e sendo que na Fizica, de uma falivel experiencia tiram, um documento constante; assim tambem na Medicina. E' porem coiza bem notoria; que os remedios constantemente recebidos entre todos, sam os mais simplezes, e naturais. O fogo, a agua, o azeite, ou qualquer especie de o-lioços; a quina, a ipecaquana, o azougue, os amargozos, os purgantes, o opio, e outros bem poucos, que geralmente sam recebidos; sam remedios simplicissimos: contudo o efeito, pola maior parte, é seguro: quando seja a verdadeira enfermidade. O que como nam advertem muitos Medicos ignorantes, nam vem o bom efeito destes remedios. Ignoramos, como muitos destes remedios obrem: de outros provavelmente, ou claramente se-conhece, posto o conhecimento que temos, da-machina do-corpo. Comque, se os senhores inventores de segredos advertissem isto; reconheceriam, quam ridicula coiza é, querer recorrer as mexerofadas de tantos ingredientes, sem saber, o que cadaum vale por-si. Onde vimos a concluir, que de Medicos segredistas, deve fugir todo o omem, como de coiza suspeitoza.

Argumentará V. P. com a *Teriaga*, que produz mui bons efeitos. Mas a isto respondo, que da-*Teriaga* digo o mesmo: e os Filozofos, que pensam bem, rim-se deste tal antidoto: tendo para si, que aquele pouco que obra, provem fomite de dois, ou trez ingredientes: v. g. *opio* &c. Nem eu jamais pude intender, como possa ser a *Teriaga*, antidoto universal, obrando os venenos por-tam diferentes maneiras. Acham-se venenos, que tem a sua asam fomite não-solido: outros, só no-fluido: outros, em ambos: como mostra *Boerhaave*, de *Veribus Medicamentorum*, e o doutissimo *Mead*, no-seu tratado de *Venenis*. O que suposto, quem poderá persuadir-se, que a mesma *Teriaga* á-de servir, para curar o solido, e o fluido? E daqui tiro outro argumento, e vem a ser: que se o veneno é simplez, e obra um efeito maravilhozo; porque razam o antidoto á-de ser composto, de mil ingredientes? O mesmo digo, da-maior parte destes remedios Orientais: pedra *Bezoar*, pedra *Cordial*, pedra de *Porco Espinho*, *Aljofares*, e outras arengas destas, que custam muito dinheiro, e só servem de sujar a agua, em que se-destazem. Os Medicos advertidos tem reprovados oje isto, como azilo de imposturas. Os absorbentes da-India estinadissimos, sam oje escuzados; achando-se entre nós muitos absorbentes seletos. Tanto fazem os olhos de caranguejos, como a terra bolora de *Nocera*, em Italia, e outros bolos, que se-acham em varias partes. O que posto, é superfluo; gastar tanto dinheiro naquelas coizas: as quais parece que

tem mais virtude, porque vem de longe. Outros Medicos attribuem às raspas de *Cornu Cervi*, virtude diaforetica: porem bebidas em agua quente: a qual agua tem por-si só, a virtude diaforetica: e o *Cornu Cervi*, como dizem os Medicos doutos, aindaque se-coma um barril inteiro, nam provoca o fuór. A razão ultima de tudo isto, é a que disemos, nam considerar a machina do-corpo, como é em si: como tambem as cauzas das-infermidades tanto internas, como externas: e as leis coizas ditas nam naturais, *cibus, potus, vigilia, somnus, aer &c.* Certo é, que as infermidades desta machina, sam muito diferentes doque se-cuida: de que se-lêgue, que se-devem curar por-um modo, tambem muito diferente doque supoem, os que admitem as qualidades, e outras arengas destas.

Finalmente nam se-pode fazer maior serviso à Republica, que dezenganar os Medicos, que a maior parte dos-remedios, sam imposturas. Poucos sam os bons: pouquissimos os certos: e eses pola maior parte bem uzuais, e todos simplezes: tirando alguns chemicos, que eu tambem ponho, na classe dos-simplezes. Mas isto nam tem feito os Galenicos: nem é posivel que o-fasam, seguindo o seu metodo. Porem isto tem feito alguns modernos: que, examinando bem as forias dos-medicamentos, rezolvèram, quais se-deviam preferir: e ainda eses com muita cautela; vistoque nem de todos é provada a virtude. Achei graça ao famoso Medico Cocchi de Florença, que ainda vive. Este grande omem, tendo uma grave doença, e supondo que cairia na mam, de algum Medico ignorante, que o-matáse com remedios; fez o seu testamento, no-qual instituia erdeira sua molher. Mas no-cazo, que ela consentise, que lhe-aplicassem os sinapismos, ou causticos, substituiu outro erdeiro. Tam persuadido eslava, que este remedio, mui uzual, mas pouco considerado por-alguns, é acauza de muitas mortes.

Esta noticia entronca naturalmente com o 8. requizito da-Medicina, que ao principio disemos: que consiste, em saber aplicar esa Medicina, em certo tempo, certo modo, e certa dóze. Já V. P. sabe, que para se-fazer isto, requer-se distinta noticia da-Praxe Medica, que comprehende os requizitos, que assim disemos. É pois a Praxe Medica a que ensina, a conhecer no-infermo, por-finais particulares, as particulares doenças: e ensina a curar as ditas doenças, com os seus particulares remedios. Compreende duas partes: a Cirurgia, que cura as doenças externas, ou que se-podem tocar: e a Medicina, que cura as internas. desta falaremos primeiro. Bem claro é, que importa muito acertar, com os sinais das-infermidades, para nam matar o doente: e tambem é claro, que a felicidade deste descobrimento, depende dos-principios, que estabeceo na Fizica. Cada doença tem seus particulares sinais, que a-distinguem das-outras. Mas, aindaque eu distinga perfeitamente, uma doença da-outra; se nam formo conceito justo, do-que é a dita doença; nam posso acertar com a cura, senam por-acazo. Porem eu digo mais, e vem a ser, que se acazo nam tenho bons principios, nam conhecerei facilmente a doença, e facilmente

a-con-

a-confundirei com outra: como e facil mostrar. Vemos, que muitos dos Antigos, conhecèram bem as enfermidades, e escrevèram bem sobre a Semiotica; mas nam acertàram nas curas, porque ignoràvam as cauzas, attribuindo-as aos seus prejuizos. Por-este principio devo dizer a V. P., que o metodo de curar em Portugal, á-de ser mau, porque a sua Filozofia e pessima. E como do-que disse sobre a Farmacia, bem se-mostrá, que este metodo é unicamente Galenico; e superfluo, acrescentar mais nesta materia.

Nem vale, ler por-bons livros, que ensinam o modo, de conhecer bem as enfermidades, e curálas. nada disto aproveita: e a razam é clara. Porque os autores que escrevèram, em Medicina moderna, fundam as suas razoes, no-conhecimento da-machina do-corpo, e leis da-Mecanica, e na constante experiencia. E quem nam tem estes fundamentos, primeiramente nam os-intende: depois, aindaque os-intenda, nam os-pode seguir: porque como tem principios totalmente diversos, que ensinam um metodo diferente de curar; ou se-á-de resolver, a deixar o seu metodo, ou os ditos livros. E por-esta razam digo a V. P. que quem oje quizer mandar um Medico Portuguez, a Londres, Leiden, Amsterdam, Haia, Paris &c. para aprender Medicina, deve persuadir-se, que o-manda aprender, nam Medicina, mas Filozofia: e que por-forjá se-á-de esquecer, do-que tem estudado, para aprender Medicina. A boa Medicina, ou a moderna Medicina, é unicamente uma moderna Filozofia mais circuntanciada. Os Filozofos modernos pasam brevemente por-algumas coizas, que os Medicos estudam com escrupulo, e diligencia infinita, por-ser aquele o seu ultimo emprego. E daqui se-fórma um metodo de curar, totalmente diferente. Onde ou Medico á-de renunciar os principios, da-Filozofia Galenica; ou deixar de estudar, a boa Medicina. Que á-de dizer um Medico Portuguez em uma Univerfidade, em que só se-fala, em Filozofias modernas, que todas são fundadas na Matematica? Este omem ficará pasmiado: e tudo o-que ouvir, lhe-parecerá enigma! O menos será, nam intender o que lhe-dizem: o que podem succederá, se quizer ralhar, será ouvir rizadas, e que todos fujam dele. De que saie por-bou consequencia, que um destes Medicos velhos, que cre muito na Galenica, nam é capaz de se-aproveitar, dos-bons livros; se acaso nam tem uma alma illustre, que, conhecendo os seus erros, queira deixálos, e estudar coizas melhores: o que ja nesta vida vi succeder, a algum Portuguez; mas nam a Medico. Fóra deste cazo, só aprenderá bem Medicina um rapaz, que nam esteja preocupado, com outras doutrinas: e que nam tenha que batalhar com os prejuizos, para receber bem os ditames certos. Pudera provar isto com mil exemplos, se o-permetira a brevidade de uma carta, ou nam falára com V. P., que conhece mui bem, de quais eu podia valer-me. Quem entende o que eu aponto, comprehende mui bem, que nam pode ter boa praxe, quem tem maos principios de Medicina. Onde o Medico que for capaz, de fazer de sua cabesa alguma coiza boa; deve na Medicina Pratica, fomentemente admitir por-certos aqueles remedios, que obierva, (despidos todos

os prejuizos) serem constantemente utis, e bons: ou com a sua propria practica, ou na leitura dos-livros, dos-mais famosos modernos. No-que ainda deve proceder, com muita cautela.

Pasemos à outra parte da Medicina Practica, que é a Cirurgia: da-qual nam sou eu o que digo a V. P., que se ignora em Portugal; sam os mesmos Portuguezes, e alguns Cirurgioens, que confesam serem pouco praticos dela. Eles fundam-se neste principio: que os Estrangeiros tem mais practica, das operasoens de maons, e mais ligeireza. E com efeito nos-cazos graves, v.g. para cortar perna, ou coiza semelhante; sempre se-chama algum estrangeiro, porque os Portuguezes nam se-arriscam. Cuidam os Portuguezes, que a boa Cirurgia consiste, na maior ligeireza das-operasoens: e nam pasam para diante. mas nisto manifestamente se-enganam, e mostram nam intender, que coiza é Medicina. Com efeito os Cirurgioens Portuguezes, quazi todos sam meros sangradores. Sabem dar alguns pontos: e os que sabem mais, e sam posos de ciencia, murmuram alguma coiza, sobre os quatro elementos, ou qualidades ocultas. Porem a verdade é, que a Cirurgia pede outros fundamentos, que eles nam intendem. Primeiramente, o bom Cirurgiam deve ser, bom Fizico: e isto pola mesma razam, que ja disemos do-Medico. Porque comprehendendo a sua jurisdicam, todas as enfermidades externas; as quais podem provir de muitas, e diferentes cauzas; se ele nam sabe raciocinar sobre elas, fará muito despropozito, e errará as curas. Nos-primeiros tempos da-Medicina, em que ela nam estava tam maltratada, como ao despois succedeo; quero dizer no-tempo de Ipocrates &c. Medico, Cirurgiam, Boticario era a mesma pessoa: e por-muito tempo a Medicina, nam se-separou da-Cirurgia: o mesmo Ipocrates era Medico, e Cirurgiam, e muitos outros. Com o tempo, querehdo os Medicos abraçar muitos doentes, e nam se-querendo aplicar à practica, separáram as profissoens. Mas a verdade é que todos os Medicos devem ao menos saber, a teorica da-Cirurgia, para ensinarem o Cirurgiam, em cazo de erro: e todos os Cirurgioens, se nam devem ser perfeitos Medicos, devem ao menos, ter alguns requizitos: boa Filozofia, Anatomia, uzo das-partes, e perfeitas Instituiçoens Cirurgicas. Porque finalmente o Cirurgiam é um Medico Operativo: cujas operasoens nam pode fazer, sem conhecer o *como*. E nisto mesmo quero dizer, que o Cirurgiam deve ser, um perfeito Anatomico, e conhecer todas as partes, ainda minimas, do-nosso corpo: no-que convem Cirurgiam, e Medico. O que porem o Cirurgiam tem de particular é, que nam só deve conhecê-las, mas deve saber mostrá-las, uzando dos-instrumentos proprios, com grande experiencia, e destreza. Nisto é que consiste, a felicidade do-Cirurgiam. pois é certo, que um Cirurgiam douto, e destro, prezerva um omem da-morte, e impede que padeca tanto. Porque em uma operasam ~~dis-~~toza, pode prezervar um omem da-morte, com a sua ligeireza: v. g. quando tira a pedra da-bexiga; ou coze a rotura interna; ou ata uma arteria em uma aneurisma &c.: e tambem quando algumas vezes

cor-

corta pernas, ou braço &c. Neste caso, fazer a operafam em mais, ou menos minutos, pode dar a morte; ou a vida: e nenhum a-poderá fazer com ligeireza, sem estudo bem fundado da-Anatomia. Nem é coiza extraordinaria dizer eu, que os Medicos antigamente eram Cirurgioens: achando-se, deide que se-reftablecco a Anatomia, Medicos insignes, que foram perfeitiffimos Anatomicos. O que ainda neste feculo succede: avendo muitos Medicos fâmozos, que gostam de abrir os cadaveres. Deite numero foram os dois insignes Filozofos, e Medicos, *Boernaave*, e *Albini*, e feo dicipulo *Van-Swieten*; e alguns outros que conheci. O certo é, que nas melhores partes da-Europa, um bom Cirurgiam sempre é Filozofô: e muitas vezes é Medico.

A fimplez confiderafam deste ponto perliuade, que a Fizica experimental, e racional, é tam neceffaria ao Cirurgiam, quanto é neceffaria àquele, que deve saber o uzo, das-partes do-corpo umano, nam sómente externas, mas ainda internas. O Cirurgiam deve saber, a conexam, o fitio, e uzo das-partes internas. fãam infinitos os exemplos que o-perliuadem. Como poderá saber, fe se-deve abrir um tumor, ou nam; fe nam sabe, fe no-dito tumor se-acham vazos fanguiferos, ou nam? Como distinguirá em uma ferida, se-ofendêram os vazos arteriozos, ou venozos maiores, ou menores: como conhecerá se-feriram o duto toracico, fe nam sabe, qual é a fua fituafam; e que ferve, para conduzir o chilo ao fangue; e que, ferido ele, ofende-se uma parte, mui neceffaria para a vida? Suponhamos, que deram uma cutilada na cofta da-mam: fe o Medico ou Cirurgiam conhecer, com a Anatomia, que ali á tendines dos-músculos, que fêrvem para eftender os dedos, poderá ordenar ao ferido, que levante os dedos: e fe nam puder levantar o indice; concluirá, que cortáram o tendine, formado de muitos tendines do-músculo indicador, e do-extenfor comum. Porem fe puder endireitar os dedos. pode aleguar, que as extremidades dos-músculos cortados poderã unir-se: e que a cura será difficultoza, mas fará perfeita. Se pois succede, que nam pofa movêlos, feguramente pode proferir, que, fãrada a ferida, ficará aleijado o ferido, e nam será poffivel com arte alguma, recuperar o uzo dos-dedos. Estas noticias fãam neceffarias para a cura, e utis à Republica: Mas sem saber a fituafam, e uzo das-partes, como se-podem saber, e pronosticar? Deve alem difo o Cirurgiam, saber conhecer a imprefam, e forfa que temo ar, nas feridas, e chagas: os temperamentos dos-doentes: os afetos do-animo &c. porque sem ifto nam é poffivel, regular-se bem na cura. *Pareo* queixava-se, que com o rumor de cada descarga de artilharia, se-renovavam as hemorragias, principalmente naqueles que eftavam feridos na cabeça: pola qual razam, aumentavam-se os fymtomas, e a muitos se-acelerava a morte. Certamente nam conhecêra ifto *Pareo*, fe nam foubêse perfectamente, quais eram as coizas que chamam, *nam naturais*. Acham-se omens, que tem o fiffema nervozo, tam facilmente irritavel, que pola minima cauza padecem espafmos, convulfoens, e fêmelhantes males. Outros quando vem fangrar, ou coiza fêmelhante, em que se-veja fangue,

tem um verdadeiro desmaio, ou syncope. Se em omens de tal tempra, tendo alguma ferida de nada, succederem sintomas gravissimos, um Cirurgiam ignorante atribuirá o dano, á ferida: mas o douto conhecerá, que provém da-qualidade do-temperamento.

O conhecer os effeitos de um mal preventivo, em um doente, ou ferido, nam é proprio senam de um Cirurgiam, de bom raciocinio, e bom Fizico. Todos sabem que a Lue Venerea, e Escorbuto roem de tal forte, a durissima sustancia dos-olhos, que apodrecendo-se, com o minimo toque se-quebram. Suponha V. P. que alguém deu levemente na caveira, digo, no cranio de um destes, e o-quebrou, e morreo: Um ignorante, atribuirá fallamente a morte, á pancada: um douto, nam. Quantos e quantos nam morrem por-ignorancia dos-Cirurgioens, que ignoram a Fizica, e nem menos tem um bocado de bom raciocinio! Certo Cirurgiam ignorante, cozeo uma ferida a um soldado, debaixo da-teta direita. no-seguinte dia chamáram *Parzo*, o qual achou o omem com grande febre, difficultoza respirasam, palavras interrutas, e com todos os sintomas de morte. Abrio prontamente a ferida, e voltando o ferido com a cabeça para baixo, fechada a boca, e nariz, tirou fóra da-concavidade do peito, oito onças de sangue ja fedorento. Lavou delicadamente a concavidade do-peito: tiroulhe outro sangue congelado: e farou repentina mente o doente. Destes exemplos; podia eu citar infinitos. Muitas vezes por-ignorancia de alguns Cirurgioens, que applicáram às partes tendinozas, e membranozas causticos terriveis, nacèram males orrendos. O Arsenico applicado por-ignorancia, a algumas féridas, cauzou grandes dores, febres, vigalias, ansias, desmaios, e perigo de morte. Tudo isto por-falta de Fizica, e bom raciocinio. E como muitos intendem, que nam sam obrigados a isto, os Cirurgioens: por-isto succede tanto inconveniente, na Republica.

Mas desta faculdade á grande falta em Portugal: onde intendem, que para ser Cirurgiam, basta saber talhar a veia. E ainda nisto á bastante ignorancia: porque os-ensinam a sangrar omens vivos, sem lhe-mostrar primeiro a disposiçam das-veias nos-cadaveres. De que vem, estes aprendizes a leijam bastantes doentes, ou lhe-fazem padecer dores incriveis. E observei uma coiza mui galante, quando lhe-falam em Anatomia, reispondem com uma rizada. Perguntei á alguns barbeiros, que tinham carta de Sangradores, e Cirurgiam, se tinham frequentado a Anatomia: responderam-me, que alguma vez tinham ido vor um cadaver, para satisfazer ao estilo: e contudo isto eram Licenciados. Isto digo na Corte, aonde no-ospital Real, á um Anatomico estrangeiro. Mas se saimos fóra dela, acharemos, que nenhum Cirurgiam vio cadaver aberto: o que fei com toda a certeza. E chamam-se estes, Cirurgioens! e á quem se-meta, nas suas maons!

Eu ja lhe-perdoára, que nam fossem Filozofos, e nam soubelem curar por-principios: o que nam posso soffrer é, que nam saibam nada da-Anatomia, sendo esta aparte mais necessaria em um omem, que á-de fazer operasoes de maons.

maos. De que vem, que a quem succede uma desgraça, e os-chama; se nam é coiza de pouco cuidado, ou á-de chamar um estrangeiro, ou á-de morrer. É o que acho mais galante é, que separam da-Cirurgia, as suas dependencias; como se-fossem facultades diversas, e contrarias. v. g. Deslocou-se um osô do-pé, ou do-braço: nam á Cirurgiam, que saiba curar isto. é necessario recorrer a um omem, a quem, com um vocabulo novo, chamam *Algebrista*. o qual é um tremendissimo ignorante, que com tanto voltar a parte, se nam tem facilidade de a-confertar logo, aleija o doente. Conheci uma Senhora, a quem um Clerigo deslocou duas costelas, querendo confertar-lhe uma: e ficou toda a sua vida, com uma deformidade nàs costas. Nem pode succeder de outra forte: porque se o Cirurgiam nam sabe Anatomia, como á-de sabêla o outro, que cura as apalpadelas? Certamente sem ver distintamente os osos, no-seu estado natural, e considerara sua figura, e o modo com que se-encaixam uns nos-outros: como tambem sem conhecer, de quantos modos se-podem deslocar, e que coiza se relaxa, ou rompe, quando se-deslocam; nam é possível, conhecer esta infermidade: e sem este conhecimento, nem menos é possível, curála. Mas pior é, quando se-servem de algum omem do-campo, de quem dizem, que tem virtude de curar. Estes sam os mais perigozos. é melhor dar outra queda, que meter-se na mam de um destes. Emfim parece-me que neste Reino, necessita-se mais de Cirurgia, que da mesma Medicina; nam obstante ser esta tam má, como se-ve.

Tendo apontado brevemente a V. P. os defeitos da-Medicina deste Reino; segue-se sugerir-lhe o metodo, com que se-pode estudar Medicina, que seja proveitoza: que é o ponto que V. P. me-encomenda, em todas as facultades deque me-fala. o que farei brevemente. Digo, que o Medico deve estudar primeiro, boa Filozofia: e se tem estudado alguma má, esquecer-se dela, para estudar outra melhor. o que pode fazer com brevidade, segundo apontei em outra carta. Pode-se fazer isto, em dois anos e meio muito bem, sem falar na Etica: ou ainda em menos, segundo a capacidade do-estudante.

Entrando na Medicina, para poder formar conceito dela, deve primeiro saber, a historia da-Medicina: como comesou, e se-aumentou, e descaio, e se-restaurou, e prosegue atualmente. E sendo que a Medicina destruiu-se, e se-alterou com mil coizas falsas; para evitar isto, é necessario intender, que a Medicina nada mais é, que a *arte de evitar a dor, fraqueza, e morte: ou de conservar a saude prezente, e recuperar a perdida*. Isto consegue-se com duas coizas 1. com a exata observasam, de tudo o que succede, no-omem sam, doente, e morto. 2. com o exame daquelas coizas, que nam descobrem os sentidos, mas alcançam-se com o discurso: comparando umas com outras, para saber o que é comum, e particular a algumas. Intendendo isto, e lembrando-se do-que é corpo, e alma: deve asentar o estudante, que o exame, principalmente sendo demaziado, de todos os principios Metafizicos, e Fizicos insensiveis do-corpo humano, nam é necessario ao Medico: e a sm da-Fizica basta saber

faber a Chimica, Mecanica, História Natural: como já apontei em outra parte. Tendo estudado isto, deve no-primeiro ano examinar, que coiza é este particular corpo, ou composto, em que á-de ocupar, todo o seu cuidado. Onde

No-primeiro ano de Medicina, deve o estudante aprender bem a Anatomia: porque aindaque tenha tido, alguma noticia dela como Físico, esta nam basta a um Medico: mas quer-se maior e mais particular estudo, do-corpo humano. Divide-se a Anatomia em duas partes: uma trata dos-*solidos*, outra dos-*fluidos*. Sobre os sólidos, deve o homem formar conceito, de que-partes sam compostos os ossos, e canais: da-futileza das-fibras, e vasos do-nosso-corpo: que sam impercetiveis com o microscopio. Isto requer pouco estudo. Esta consideração dos-sólidos naturalmente se-divide, em 4-partes. A 1. trata dos-*Ossos*. Aqui deve conhecer, nam só a figura deles, que consiste na definição da superficie; mas também a estrutura, que consiste na figura por-todas as partes, ou composições. Primeiro, estuda-se alguma coiza disto, nos-livros: depois, na-propria osadura do-cadaver: na qual mais facilmente se-ve, a disposição dos-ossos: tendo sempre à vista autores, que expliquem isto. A 2. trata dos-*Musculos*. Onde deve considerar, a descrição dos-musculos, e de que se-compoem: notando que coiza é carne, tendines ou nervos, que unem os musculos com os ossos: e examinando como se-unem com as partes, e qual seja o seu uzo. Isto primeiro veja-se nos-livros, e figuras; depois no-cadaver: pois nam é possível, que as estampas exprimam tudo. A 3. parte é o conhecimento das-*Entranhas*. Compoem-se elas de vasos, nos-quais se-mudam os humores, em nutrimento do-corpo: no-que se-distinguem dos musculos: que aindaque tenham vasos, nam servem para converter o nutrimento. Desta especie sam o Coração, Cerebro, Befe &c. Depois deve estudar, a descrição das-*Glandulas*. A 4. trata dos-*Vazos* separadamente: em que se-progunta, onde nascam: onde estejam: como penetrem pelas outras partes. E neste numero podem entrar os *nervos*, que também sam vasos. Tudo isto primeiro se-deve ler, por um autor, que tenha figuras grandes: depois, velo no-cadaver: observando tudo bem, para fazer memoria local.

Do-estudo fundado da-Anatomia, deve passar no-segundo ano, a ler algumas Instituições Medicas; que exponham em breve, e diligentemente, todas as partes da-Medicina. A primeira parte das-Instituições, expõem o uzo das-partes do corpo humano. A Anatomia mostra somente as partes: mas nam basta isto ao Medico: é necessario saber miudamente, o uzo dessas partes, para conhecer, em que coiza servem à vida, e se pode esta conservar-se, ou recuperar-se sem elas. Estes conhecimentos seguem-se naturalmente, e necessariamente uns-dos-outros. v.g. Para conhecer o uzo das-partes, é necessario ter noticia da-Matematica, da-Física, e alguma coiza de Chimica: que é uma particular parte da-Física. Estes sam os principios. A isto se-segue o conhecimento da-Anatomia: que expõem a materia, em que se-am-de exercitar, os principios. Posto isto segue-se examinar, o uzo das-partes. pois sabendo o
que

que é comum, a todos os corpos; e tendo ideia da-machina humana; é facil descobrir o uzo das-partes, de que se-compoem. Este é um dos-pontos fundamentais da-Medicina: e quem nam asenta nestes principios, erra. O que succede nam só a todos, os que nam estudáram estas ciencias; mas ainda aos mesmos que as-estudáram, quando algumas vezes quizeram afastar-se deles. Já dise a V. P. que Borelli, Bellini, Bernoulli, Keill, e outros insignes Mathematicos, e Medicos do-seculo pasado, que ajudáram confideravelmente estas ciencias, quando discorrem fundados nos-principios ditos, ninguem fala melhor: mas quando se-afastam do-seu sistema, e querem tomar como *datos*, certas coizas, que nam sam demonstradas; v.g. que no-sangue se-acha *terra*, *sais*, &c. erram: e o mesmo lhe-succede, quando querem dar razam de tudo. Onde quem nam toma por *dato* aquilo, que é evidentemente demonstrado por-todos, erra na explicafam do-uzo das-partes. E neste particular nam valem nada os medicos todos, (sem excetuar Ipocrates, nem Galeno, nem a escola Grega, ou Arabia) que escrevèram antes do-ano 1628: no-qual Harveo mostrou ao mundo erudito, a circulafam do-sangue. Antes de Harveo era Senetro, como diz um grande omem, um famoso teoretico. mas quau-do quer dar razam do-uzo das-partes, diz muita parvoice: porque ignorava a circulafam do-sangue, com a noticia da-qual é que viemos a conhecer, o verdadeiro uzo de-muitas. Nos-tempos de Harveo, e ainda despois, acham-se mil coizas, prejudiciais á boa Medicina: porque os Chemicos, que entam appareçeram, quizeram dar razam de tudo, por-meio das-suas fermentações, e efervescencias dos-fluidos. No-que supunham, o que deviam provar: pois nunca prováram, que avia tais efervescencias. Outros quizeram com a pura Anatomia, dar razam de tudo: o que nem menos pode ser. Estes pola maior parte sam Cartezios: os quais, esquecidos da-Matematica, que mostram estimar, tambem supoem, o que nam provam. Assim que nesta materia deve o estudante, ter muita advertencia, de nam abraçar na Fizica, se nam aquilo, que a experiencia constante mostra, ser assim: e nos-racoinios abraçar somente, o que se-funda em principios, de que ninguem pode duvidar. Sam poucos os autores, que em tudo e por-tudo figam, esta moderafam: mas acham-se alguns mais modernos, que procedem com esta regra; como abaixo apentaremos.

Nesta parte explica-se, como o Omem come. Trata-se da-saliva, assim do-ventre, intestinos, chilo, limfa, separafam do-escremento: como obra o mesenterio no-chilo: dutos chiliferos: fabrica das-arterias, e veias: circulafam do-sangue: corafam, e suas afoens: bofes, e forsa das-arterias nos-bofes: natureza do-sangue, partes, e seus fenomenos: modo como as-arterias entram no-cerebro, e cerebelo: fabrica das-glandulas, e seus uzos: asám do-balo, omento, figado, rins, bexiga: asám dos musculos, e da-cutis: suor, transpirafam, nutrimento, e deminuisam dos-sentidos internos, e externos: vigilia, sono, voz, &c. semente, menstruos, e parto.

A outra parte das-Instituições, é a *Patologia*. Esta trata geralmente; do-conhecimento das-doenças, suas diferenças, causas, e efeitos. Conhecidas as ações, que obram no-corpo humano os líquidos, dentro dos-vazos, a que chamam *funções* deve-se advertir, que ou são *vitalis*, sem as quais não se-pode viver: ou *naturais*, que suministram ao intendmento, e à vontade objetos, v. g. os sentidos &c. Conhecido isto, conhece-se em que consiste a vida: e sem que coiza possa durar: como também em que consiste a saúde, que é a faculdade de executar perfeitamente, todas as suas ações. De que se-conclue, que o estado do-corpo, que impede executar alguma ação, chama-se *morbo* ou *doença* as quais são tantas, como as ações. Destas é que trata a *Patologia*. Este conhecimento segue naturalmente a *Fisiologia*, ou uzo das-partes. pois é certo, que quem conhece bem, o uzo das-partes, facilmente reconhece os impedimentos, que resultam nestas partes e com grande probabilidade, pode descobrir as causas.

A 3. parte das-Instituições é a *Semeiotica*. Aindaque as doenças sejam obscuras, como sempre vem acompanhadas de alguns sinais; por-estes pode vir no-conhecimento delas. Assimque a *Patologia* ensina a conhecer, pelos sinais passados, presentes, e futuros; os sinais proprios da-saúde, ou enfermidade atual. a que chamam *Diagnose*: ou futura, a que chamam *Prognose*. Esta é principal parte da-Medicina, e a mais difficultosa. Nela os antigos escreveram melhor, que em outra alguma: aindaque muitos ignorassem, as causas das-enfermidades. pois é certo, que eu posso saber os sinais todos, de alguma particular doença v. g. da-*pleuritide*, sem saber, que coiza seja esta doença, nem como se-cure. Mas como eles não conheciam, qual era a machina do-nosso corpo, e a circulavam do-sangue; não podiam descobrir, as verdadeiras causas de muitas enfermidades. O pior é, que ainda depois de Harveo, se-tratou isto muito mal, pela razão que dá Boerhaave: pois os Chemicos, que então floreceram, desprezaram os sinais: e todo o seu ponto estava, em querer curar. Os Cartezianos, e Gazendistas só cuidaram, em fazer suposições, e inventar sistemas. É assim só no-fim do-século passado, e principios deste, é que começou a resucitar este estilo, das-observações dos sinais, para fazer os pronosticos acertadamente. E com efeito a isto é que o Medico Pratico, se-deve aplicar mais. Mas com esta advertencia, que deve servir-se dos-Antigos, para as duas partes da-*Semeiotica*, que são *Diagnose*, e *Prognose*: em que alguns deles escreveram bem: porém para dar razão das-enfermidades, e metodo de as-curar, servir-se dos-Modernos.

A 4. parte da Medicina, é a *Hugieine*, ou *Dietetica*: que explica a arte, de conservar a saúde presente, e prevenir as doenças, que o temperamento pode produzir: e dispor a vida, para durar muitos anos. Ela expõe o uzo das-coizas, com que se-pode conservar: o que se-pode conseguir, com poucos preceitos. Onde basta observar, o que pode ser proprio ao temperamento, e à idade: variar as occupações: fugir de toda a sorte de segredos, que

que inculcam muitos Medicos: a abstinencia de comer, é as vezes grande remedio. Alguns antigos escreveram bem, nesta materia: mas os modernos excedem-nos muito.

A 5. parte, é a *Therapeutica*. Esta ensina a conhecer nos-doentes, que doença tem: e em virtude destes preceitos saber, que remedios se-requerem, para a cura, e como se-aplicam: a que os Medicos chamam, descobrir os *indicantes*, *indicafam*, e os *remedios*, ou instrumentos da-Medicina. Comprende duas partes. 1. explica como se-conhecem estas tres coizas; mostrando, quais são os instrumentos da-Medicina. 2. expõem o metodo de curar: que consiste, em propor regras, pelo indicio das-quais pode o Medico conhecer, os indicantes, contraindicantes, repugnantes &c. Uma destas partes segue-se da-outra, pois conhecendo o Medico, a vida do-doente, suas causas, natureza, sequelas, e graos: e observando a doença presente, causas, indole, sequelas, sintomas: conhece facilmente, que coiza deve fazer, para conservar a vida presente, restaurar a debilitada, e remover o embaraço como tambem que instrumentos deve aplicar: de que modo em que tempo e com que ordem o-deve fazer. Nisto se-compreendem as Instituições, que dirigem todo o estudo da-Medicina. Estas deve estudar o principiante no-2. ano, para formar ideia, de toda a Medicina em breve: e com esta noticia pode, pelo tempo adiante, examinar e dilatar as suas partes, e formar verdadeiro conceito, de cadauma delas. Mas aqui devo advertir, que quem tem bons principios de Filosofia, e se-serve de Instituições Medicas claras, pode, em menos de um ano, compreender maravilhosamente isto.

Despois das-Instituições, segue-se a Praxe Medica: que é uma applicação de todas as partes das-Instituições, ao doente. Nas instituições, dão-se regras gerais: a Praxe, ensina as particulares. Consiste pois a Praxe 1. Em conhecer no-infermo por-finais particularissimos, as particulares doenças. o que supõem o conhecimento da-vida; e saúde do-omem, quero dizer a *Physiologia*, que ensina o uzo das-partes. 2. Curar cadauma das-doenças, com os seus particulares remedios, e com um particular metodo, proprio de cadauma. Isto supõem, que deve conhecer. a virtude dos-medicamentos, e a Cirurgia. Alem disto, o aplicar o dito remedio, pertence a um omem, que saiba conhecer, o efeito futuro: onde, requer a doutrina dos-finais, e do metodo de curar. Ponho exemplo no-desmaio. O Medico nam considera, o que é desmaio em geral, porque ja o-supõem sabido. Este pode proceder de medo, de falta de forças, de algum cheiro agudo &c. mas no-cazo particular, diversamente se-cura, cadaum destes desmaios. E por-isto devo conhecer, a cauza singular de cada enfermidade, para lhe-saber aplicar um singular, e propriissimo remedio. Reduzem-se os remedios, a tres classes. 1. operações de mam 2. sustento do-infermo 3. outros remedios exteriores &c. Onde toda a Medicina Pratica se-reduz, à *Cirurgia*, que é a que cura, com as
opera-

operações de mamã. à *Dietetica*, a que comumente chamam *Dieta*: e à *Farmaceutica*, que trata dos outros remedios. Mas destas trez partes se compoem duas profissões, de Medicina Pratica. Uma, é a Medicina Cirurgica, que ensina a conhecer, e curar doenças, que se podem tocar com a mamã mediata, ou immediatamente. v. g. cortar um tumor: concertar um osso do braço, costela &c. Outra parte, é a que ensina a curar, todas as doenças internas, que encerra a *Dietetica*, e *Farmaceutica*: ainda que destas se sirva às vezes o Cirurgiam. A esta chama-se simplesmente *Medicina*: em alguns Reinos, *Medicina Fízica*, para a distinguir, da *Medicina Operativa*. É nisto novamente conhecerá V. P. ainda que estas duas profissões, estejam oje separadas; ambas supoem os mesmos fundamentos. Onde deve o Cirurgiam, saber algumas coizas, que sabe o Médico: sem as quais, nam é possível conhecer as causas, de muitas enfermidades: que, ainda que externas, tem muitas vezes internas causas. Sem conhecer, nam as pode curar bem: e por consequencia, este deve ser todo o seu emprego. Mas, deixando agora o Cirurgiam, torno ao Médico.

Digo pois, que no-3. ano deve estudar a *Praxe Medica*, com todo o cuidado: indo no mesmo tempo aos Hospitais, reconhecer a verdade, dos ditames que lê. Com esta ocasião, pode também observar, algumas partes da Anatomia miudamente: sendo certo, que duas coizas nunca deve deixar o Médico. 1. a Anatomia, em todas as ocasiões, que ouver disesam de cadaver, e comodidade para isto. 2. a observação dos finais no doente, para poder acertar, nos seus pronósticos. Se um Médico vivêse cem anos, sempre teria necessidade disto principalmente do ultimo: e assim algum dia na semana é necessário, que vá ver estas coizas, ainda depois de estar adiantado na Medicina. O metodo de o-fazer é este. Nam deve correr por muitos doentes: mas escolher cinco ou seis: e nestes observar miudamente, todos os finais, e istoria da enfermidade: e escrevê-la, sendo necessário. Assim o-fizeram, e fazem omens mui grandes: de que lhe-rezultou, grande utilidade. Com este metodo, pode em trez anos, comprehender toda a Medicina. o 4. ano fica para os atos publicos: e depois, dois ou trez anos para exercitar a pratica. Apostarei, que se-fizerem esta experiencia, reconhecerám, quam diferente utilidade se-tira. Toda aquella machina de anos, que comumente se-empregam na Medicina, mete medo, e nam serve para nada; porque falta o metodo. Aqueles atos que eles fazem, tem belos e pompozos nomes; mas nam aproveitam nada. Com um exame particular, no fim de cada ano, e trez atos publicos, no quarto, se-concluia tudo melhor, e com menos trabalho. Vamos ao Cirurgiam.

O que devo dizer do-Cirurgiam, se-reduz a poucas palavras: porque manifestamente se-colhe, do-que acima digo. Deve o Cirurgiam saber Latim, e sofrivelmente Filosofia, antes de intrar no-Ospital. Depois a Anatomia, e uzo das partes deve ocupar, todo o seu cuidado. Depois, deve estudar as

Instituições de Cirurgia: mas principalmente deve applicar-se, à Praxe desta Cirurgia: cortar pernas, abrir cadaveres, trapanar o cerebro, tirar a pedra da-bexiga, cozer uma arteria &c. e outras operações igualmente difficiltozas, que utis ao genero humano. Se assistir cinco ou seis anos, em um Ospital, pode fazer isto maravilhozamente; como vi muitas vezes. Quem nam segue esta estrada, é um mero sangrador: e nem menos é capaz, que lhe-entreguem à lanceta, sem medo.

Tenho dito a V. P. o meu parecer, sobre o metodo de regular o estudo da-Medicina, e Cirurgia: para poder, com menos tempo, chegar ao fim, de saber alguma coiza util. Mas nenhum destes documentos aproveitará, se o estudante nam souber, que livros deve estudar: porque aindaque um omem tenha, boa vontade de estudar; se nam tem mais que livros maos, nam pode saber nada bem. Conheço, que um omem que estudou Filozofia, polo modo que ja apontei, saberá abraçar semente, as coizas que sam certas, e rejeitar as duvidozas. Mas alem de que isto pede infinito trabalho, e discernimento, o que nam costuma ter um principiante; acha-se outra forte razam, e vem a ser; que a maior parte destes livros uzuais, estam cheios de fabulas, e poezes ridiculas, que quazi me-atrevo dizer, que neles nam á que escolher. Esta consideração me-obriga, em uma materia tam emportante, em que corre risco nam menos que a nosa vida; apontar alguns dos-melhores autores, para este estudo. Daqui rezultarã duas utilidades: 1. terá V. P. noticia dos-melhores, quando os-quizer consultar: o que nam é pequena ventagem, para um Filozofa; saber onde pode achar noticias certas, das-partes da-Fizica. 2. pode fazer um grande serviço, aos seus amigos Medicos; se lhe-comunicar estas noticias: pois nam só lhe-ensinará, o que eles ignoram; mas pouparheá muito dinheiro, que podiam, e devem empregar, em livros de nenhuma utilidade: quando com muito menos, podem conseguir o fim, que devem.

Sei muito bem, que neste particular, acham-se infinitos prejuizos em Portugal: e omens conheço eu, prezados de doutos, que se-rim dos-que tem noticia, dos-livros bons, chamando-lhe, Ciencia de livreiro: mas destes tenho compaixam, porque nam intendem o que dizem. Aindaque um omem nam tive se aberto os livros, mas semente souberse os autores, que tratam bem as materias; era esta noticia util, para si, e para os amigos: e nam deviam zombar dela estes, que nem menos esta ciencia tem. Muito menos devem rir-se, dos-que tem esta ciencia, e tambem a noticia das-materias. Estes amigos nam sabem, que uma parte de qualquer ciencia, é a istoria dos-celebres escritores dela. Quem jamais condenou S. Jeronimo, Focio, Belarmino, Ovdin, Cave, Warthon, Dupin, e outros muitos, porque escreveram a istoria, dos-escriitores Eccleziasticos? Quem condenou os outros, porque escreveram a Istoria, dos-outros escritores, ou o Index dos-autores polas materias? Todos reconhecem, que nam á coiza mais util, que esta.

E se isto é louvavel, nos escritores mortos, porque á-de ser condenavel, nos vivos? Alem disto, que utilidade nam rezulta a um omem, de saber, quais sam os melhores autores? tem prompta a materia, para o que quer: e poupa muito dinheiro; pois com poucos livros, pode ter uma grande biblioteca. Nam tenho falado com omem douto, que nam estimáse muito esta noticia. E eu confeso, ter empregado nisto, bastante tempo: e todos os dias experimento, a utilidade. Onde, sem fazer cazo destes cenlores, apontarei os autores necessários: parte dos-quais eu li: outros achei citados por-autores grandes: e de todos me-enformei, com Medicos de grande supozisam.

Sobre a Fizica ja dise a V. P. em outra carta, o que avia que dizer. A Fizica experimental acha-se fomite, nas obras das-Academias, que se-abriram nos-fins do-seculo pasado &c. e nos-Diarios Francezes, e Italiânos, que entam comesaram: e tambem nos-Diarios Inglezes, e Olandezes &c. Nestes se-acham muitas disertatoens volantes, que os coletores uniram, e tratam materias importantissimas. Antes das-Academias Regias, só acho trez autores, que se-potam ler com utilidade: *Bacon de Verulamio*, o *P. Merseno*, e *Roberto Boyle*, o qual ultimo é coctaneo, da-de Londres.

Os autores que no-seculo pasado (antes tudo é ignorancia), escrevesem a Fizica Racional sem ipotezes, mas deduzida de boas experiencias, tambem nam sam muitos. Antes de *Newton* acham-se rarissimos: e nem em tudo sam iguais, pois devem-se reformar, em certas coizas. Os melhores sam *Galilei*, *Torricelli*, *Castelli*, *Borelli*: aindaque este tropece bastantemente na Chimica, e especulassam: *Bellini*, e *Huygens* o qual ultimo no-fim da-vida, renunciou o Cartezianismo, que seguira. *Mariotte* nas suas *Experiencias Fyzicas*: *Perrault*, *Amontons*, *de la Hire*. Mas sobre tudo *Isaac Newton*, que abriu melhor os olhos ao mundo, com todos os que o-seguiram, alguns dos-quais com outros mais acham-se, nas Coletoens das-Academias. Esta sorte de autores seryem, para examinar fundamentalmente as materias, nas ocazioens necessarias. Verdadeiramente nam sam para todos: e os rapazes, como ja avizei, devem primeiro estudar, por-um mais moderno Newtoniano, que trate toda a Fizica: v. g. o *Martino*: e a seu tempo consultar os autores, no-que tratam,

C H I M I C A.

Pasando à Chimica, que é parte da-Filozofia experimental, mui necessaria ao Fyzico, para saber as naturezas singulares dos-corpos; as quais conhecem-se, mediante aquelas separatoens: e é tambem necessaria ao Medico, que deve saber fazer algumas experiencias, e excitar alguns movimentos &c. esta, como digo, trataram alguns omens grandes separadamente. Quem nam á-de pasar a vida nela, basta estudar por-algumas Instituisoens. Os que melhor escreveram Instituisoens, sam os seguintes. Monsieur. *l. Emery*: sam melhores as ultimas edisoens, principalmente deste seculo. *Corrado Barkausen*, 4. *Leiden* 1717. *Monsieur le Fevre* 12. 2. v. mas sobretudo *Hoffman* 4. e *Boerhaave* 8. Alem

Alem destes Institucionarios, que ensinam as operaçoens, instrumentos, objetos da-Chimica: é necessario ao Chimico saber, quais são os que, seguindo este metodo, experimentaram bem: e, por-este meio, deram novas luzes à Medicina. Foram nisto insignes, *Boile*, *Kunchel*, *Nehemias Grevv*: e outros que se-acham, nas Coleçoens das-Academias, como são *Homberg*, *Geofroi*, *Vieussens* &c.

Acham-se Chimicos, que trataram mui bem, da-Farmacia Medica, ensinando o modo de conhecer, e preparar os *Simplexes* &c. Para as *Plantas*, que podem servir, são bons *Boile*, *Grevv*, *Dedu*: que se-acham em um tominho em 12. impresso em *Leiden* 1691. *Michelli* em um volume in fol. *Dodart*, *Bignon*, *Geofroi*: as obras dos-quais se-acham nas-Academias &c. Para tirar das-Plantas os remedios, são insignes *Angelo Sala* = Chimica 4. e *Schrodero*, Farmacia 8. *Quercetano* é passavel, em 4. mas tudo isto traz *Boerhaave* bem, na sua Chimica.

M A T E R I A M E D I C A.

A Materia Medica, ou o que se-acha no-mundo, util para curar, que pela maior parte são simplezes; trataram muitos autores: mas poucos bem. Para os principiantes aponto dois. *Marcgravius* = *Materia medica contracta*. 4. *Schroderus*, na sua Farmacia. Em falta destes, pode-se ler *Samuel Daale*: e em qualquer deles se-achará, o que é necessario, e com boa ordem. Os que quizerem noticias extensas, podem leras no-*Fallopio*: são trez tomos fol: ou no-*Dioscorides*, da-edição de *Bauhino*. Estes compreendem tudo: e especialmente o ultimo mostra, a differença que se-acha, entre os remedios antigos, e modernos.

Não é necessario ao Medico, ser consumado *Botanico*: pois com tanto que conheça as ervas, que servem para a Medicina; as quais se-reduzem a pequeno numero, pode curar bem, sem se-embrulhar com a noticia, de todas as outras ervas. Mas quando quize se, profundar esta noticia, ou para si, ou para ensinar aos outros; deve servir-se, das-Instituições de *Montieur Tournefort*, que ensina o melhor metodo, de as-conhecer. Para distinguir as antigas, das-modernas, são otimos *Fabio Colona* em 2. volumes in 4. e *Joam Bauhino* 3. v. fol. do-qual ultimo copiaram os seguintes. Para as virtudes *Dodoneo*, fol. mas das-ultimas edições, com escolios. *Morison*, 2. v. fol. e *Joam Rai*: os quais ainda que acrescentarem algumas coizas suas, contudo, a substancia dela tiraram-na de *Bauhino*, como advertio entre outros *Boerhaave*.

A N A T O M I A.

Passemos à Anatomia, na qual achará V. P. mil autores: mas a maior parte com defeitos. Os modernos devem-se preferir, aos antigos, porque tem mais experiencias, e viram mais: mas nem por-isto os antigos, desmerecem em tudo. Acham-se autores, que excederam em alguma parte da-Anatomia: outros, que escreveram somente de uma parte, e bem. É necessario ter noti-

cia de todos estes, para as ocaziões. Esta é a ordem que seguirei: no-fim apontarei, os que compreendem tudo.

Dos-Ossos e sua gerança, escreveo melhor que ninguem *Joxè du Verney*. Mas as suas obras publicaram outros, ou dicipulos, ou lequazes. um foi *Monsieur Clerc = Chirurgie Complete*: 8. Par. 1706. mas nam tem figuras: outro é *Palsyn*, na sua *Osteologia*. Tambem escreveo muito bem *Derelincourt = Conceptus de Conceptu Humano* 12. 1685. e *Clopton Havers = Osteologia* 8. 1691. Estes todos são modernissimos. Dos-velhos, são insignes dois: *Vesalio = Anatomia*: porem deve ser da-edição de *Boerhaave* em *Leiden* 1725. na qual acham-se emendados alguns erros, e tem excelentes figuras: outro é *Joam Riolano Anatomia* fol. nam traz figuras, mas copiou tudo o bom, que se-acha nos-antecedentes.

A segunda parte da-Anatomia trata dos-Musculos. A historia dos-musculos, tratou *Couperus* in 8. mas é Inglês: e *Ridley = Anatomia do-Cerebro* 8. A uniam dos-musculos com os ossos, mediante aquelas partes, a que chamam *tendines*, e são quazi semelhantes aos nervos; descrevem alguns Anatomicos. Para as figuras, é insigne *Vesalio*: para a descripção deles, *Fallopio* é inimitavel: mas deve ser da-edição de *Wechelio*, em *Francfort* 1600: as outras tem varios erros: e este emenda o *Vesalio*, em varias coizas. *Riolanus*, o filho, é bom para os diferentes nomes. é um livro in fol. 1650. Pariz. Mas para os-diferenciar bem, ninguem melhor que *Monsieur Clerc*, que nisto excede a todos os outros. Para o uso dos-musculos, é famoso *Gabriel Couperus*, na sua *Myologia Reformata: Louverus = de Cordis Musculis*: e tambem falam muyto bem nisto, *Vesalio*, *Fallopio*, *Riolano*, *le Clerc*: e o mesmo *Borelli*, no-seu livro, de *Motu Animalium*, pode dar alguma luz sobre os musculos: porque se-fervio das-noticias, dos-melhores Anatomicos viventes. Para saber descobrir por-si mesmo no-cadaver, os musculos, e mostrar todas as suas partes; das boas regras *Couperus*, e *Lyserus*. Mas ninguem melhor, que *Vesalio*, expõem as figuras dos-musculos, e o-modo de os-descobrir. tambem as *Tabulas do-Spigelio* são boas.

A terceira parte da-Anatomia são as *Entranhas*: materia vastissima. Brevemente apontarei os melhores, sobre as entranhas principais. Do-coração, tratou bem *Louvero*, e *Ruyshio*. mas melhor que nenhum, *Vieussens*, in 4. Do-cerebro tratou *Willis*, cujo livro é famoso pelas figuras: as melhores edições são *Londres* 1664. e 1670. e *Vieussens* da-edição in fol. é ainda melhor para as figuras. *Ridley* 8. 1695. é bom, e tambem *Malpighi*. Dos-bosques, *Julio Casserio*, mas da-edição de *Padova* in fol: e *Malpighi*, nas suas *Epistolas postumas*. Do-ventriculo, e intestinos, *Conradus Peyerus*, no-tratado de *Clandulis*, e no-tratado de *Ruminantibus*. *Aquapendente* escreveo bem sobre o mesmo, fol. Do-baço, o melhor é *Derelincourt* 8. tambem *Velthuyssen*, e *Malpighi*. Do-pancreas, *Brunerus*, *Peyerus*, e melhor de todos, *Warthon*. Do-mesenterio, *Warthon*, *Aquapendente*. Do-figada, escreveo bem *Gliffonio* 8. depois, *Malpighi*, e *Ruyshio*. Dos-

rins,

Ans, *Eustachio*, *Bellini*, *Malpighi*. Dos-vaxos destinados à gerasam na-mem, dois Anatomicos escreveram insignemente: *Leul Lealis*, e *Graaf*: depois destes, *Morgagni*, e *Ruyschio*. Dos-vaxos destinados à gerasam nas femias, o melhor é, *Derelincourt*: depois, *Graaf*, *Svamerdam*, *Vieussens*, *Malpighi*. Das-glandulas, o que trata melhor é, *Warthon*, e tambem *Malpighi*, e *Nuckio*.

A quarta parte da-Anatomia trata dos-Vaxos. As arterias ninguem as-pinta melhor, que *Vesalio*. l. 3. p. 485. e *Covopero*. tab. 3. *Appendic. Bidleiana*: tambem *Ruyschio* explica bem algumas coizas. Das-ultimas arterias trata bem *Bellini*, na epistola ad *Pitcarnium*. Para mostrar as diferentes ramificaoens das-veias, ninguem melhor que *Vesalio*, no-dito livro 3. p. 450. 505. Das-valvulas nas veias, trata *Aquapendente*. Para conhecer o fim das-veias, e arterias, basta recorrer ao diligentissimo *Leeuwenboek*, no-seu 3. tomo, *Secreta Naturae Ope Microscopiorum Detecta*. Muitos destes autores sam estimaveis, porque acharam o modo, de introduzir a cera nas veias, e arterias, em modo que sejam viziveis; e nam só os troncos, mas os ramos apareçam. Sobre os vaxos da-limfa, o melhor de todos, e que compreende tudo o que disseram outros, é *Heemsterhuys*, *Messis Aurea Anatomica* 4. A este se-podem ajuntar dois insignes, *Olaus Rutbeckius* 2. t. 4. contra *Bartholinum*, e *Joanes Jacobus Pauli*: tambem o *Glissonius*, e *Bartholinus* 8. nam escreveram mal.

Alem dos-que escreveram sobre as ditas 4. partes da-Anatomia, separadamente; acham-se alguns, que trataram bem, de alguma determinada parte do-corpo. v. g. De oculo, escreveo bem *Ruyschius*, in *Observationibus*: tambem *Hovius*, e *Nuckius*. De aure, os dois melhores sam, *Bartolomeu Eustachio*, e *Jozè du Verney*. De lingua, *Malpighi*, e *Bellini* &c.

Tenho apontado a V. P. os melhores em cada parte: agora direi os melhores em tudo. nam, que escrevesem tudo bem; mas que entre os que escreveram tudo, e fizeram curso, sam os melhores. Um deles é *Vesalio*: que escreveo no-meio do-seculo 16. tinha seus erros: mas estes emendaram *Boerhaave*, e *Albini*: e a edisam que nos-deram estes dois Medicos, em 1725. é famosa: nela se-emenda o texto, e se-acham famozissimas figuras. Alem desse; temos dois bons autores sem figuras. um é *Joam Riolano* fol. Par. 1650. outro, *Realdo Columbo* fol. e tambem se-fez outra edisam em 8. Dos-que publicaram as figuras sem o texto, só dois sam estimados polos inteligentes. um é *Eustachio*, com as notas de *Monsehor Lancisi*: outro é o *Albini*, *Tabula Anatomica* folha grande. Mas como qualquer destas taboas, nam tem suficientes explicaçoens; quem as-quizer intender, deve recorrer, ao curso Anatomico de M. *Winslou*, em Francez, ou Italiano, 4. volumes em 16. O *Ruyschio* no-*Theaurus Anatomicus* 4. v. 4. é bom para buscar nele, algumas coizas particulares. o mesmo digo do-*Morgagni*, *Adversaria Anatomica*. Dos-Compendios, os melhores sam *Heistero* 8. *Bacchetoni* 4. e sobre tudo, *Winslou*: este acha-se em Francez, ou Italiano: os outros dois em Latim.

Daqui falando aos que escreveram, cada parte das-Instituições Medicas, apontarei em breve os melhores, segundo a mesma ordem que apontei, nas ditas instituições. Poucos escreveram do-uzo, das partes do-corpo humano, que nam peçam contra a Anatomia, ou Mecanica, ou Fizica: contudo os melhores, e dos-quais, tirando algum erro, se-pode tirar muito, são estes. *Borellus, de Motu Animalium. Bernoulli, de Motu Muscularum. Bellini, de Urinis, Pulsibus. Em fione sanguinis. 4. 1684. & in Epistola de Motu Respirationis* año 1670. & *de Motu Cor. &c. Pitcairius, Dissertationes Medicae 4. 1701. Keill:* mas este pede muita Mathematica, para se-pode entender. Os que são menos ipotéticos são os seguintes: *Matthaus Georgius, Elementa Scientia Naturalis. Lucæ. 4. 1707. Della Ragione Vera, e Temerità nella Medicina. Genova 8. 1709. = Phlebotomia 4. Geneva 1697. Ascanius Maria Baxekullibe, Novum Systema de Tumoribus. Perrault, Essais de Physique 4. 1721.* Este homem é indigne Filozof: e o mesmo digo do-Lamy, *Dissertations Anatomiques 1685.* Também escreveo bem *Guilelmus Kook, de Secretione animalium 12. 1674.* Os que escreveram melhor dos-Sentidos são estes. *De visu, Newton. De aure, Newton, Lamy, Perrault, Verney, Valsalva. De gustu, Fracassatus, Malpighi, Bellini. De olfatu, le Clerc, in Osteologia: Scheinederus, de Catharris. De tactu, Malpighius.* Os que trataram bem do-uzo das partes da-geral, *Derelincouro, Conceptus de Conceptu. 12. Leal Lealis, de Seminis ortu: Cuvperus, Ruyschius, Leeuwenhoekius, Aquapendente, Malpighius, Harveius.*

P A T O L O G I A.

Nesta materia da-Patologia, deve-se fazer muito cazo, da-escola Ipcratica. O primeiro é *Ipcrates.* depois *Cornelio Celsi,* e *Galeno.* Dos-modernos antes de *Harveo,* alguns escreveram bem dos-sinaes das-doenças: mas quando querem dar razam delas, erram, porque são ipoteticos: o que também succedeo a *Galeno &c.* Entre estes os melhores são *Joam Bernelio.* fol. 1697. e o douto *Senerto,* que escreveo 6. volumes in fol. 1667. o qual só basta para dar noticia, de tudo o que nesta materia escreveram, os antigos Gregos, Romanos, Barbaros. Quanto aos que se-seguem depois de *Harveo,* pouco servem; porque pola maior parte são ipoteticos.

S E M E I O T I C A.

Nesta parte da-Medicina, é indigne *Ipcrates,* em todas as suas obras. O melhor Comentador dele é *Ludovicus Duretus in Coacas Hipocratis* fol. 1658. Este reduz todas as coizas de *Ipcrates,* a seus lugares determinados. *Galeno* nam é mau, mas tem seus defeitos. *Celio Aureliano* para a *Diagnose,* e *Prognose,* é muito bom. Mas tudo o melhor que disseram *Ipcrates,* *Galeno,* e os *Arabes,* expõem *Prosper Albinus,* de *Prasagienda vita & morte Aegrotorum.* 4. 1710. Para saber o verdadeiro modo de raciocinar na Medicina, veja-se *Bellini, de Pulsibus.*

Esta parte da-Medicina ensina o modo, de conservar a saude presente. Neste particular os melhores sam, *Melchior Sebifius, de Alimentorum Facultate* 8. 1651. e melhor que este, *Santorius, de Medicina Statica*: e tambem *Verulamius, de Prolunganda vita*. Tudo o que os Antigos souberam, e fizeram nesta materia, traz *Mercurialis, de Arte Gymnastica Veterum* 4. 1577.

T E R A P E U T I C A.

Para os instrumenros da-Medicina, que é o mesmo que dizer, remedios, veja-se *Fallopio, e Samuel Daal, Pharmacologia, Londres* 8. mas melhor que todos *Marcgravius, de Materia Medica Contracta*. Para o metodo de curar, os que escreveram antes da-circulafam do-sangue, nada valem. Depois dela, acham-se tres autores, que sam bons: *Bernaldus Luvalve, Disquisitio Therapeutica Generalis* 12. Amst. 1657. *Fridericus le Boe Sylvius, Methodus Medendi*: as outras obras deste autor nada valem. *Waicus, Methodus Medendi* 12. 1619. Niito se-compreende, o que á de melhor nas Instituiçoens.

P R A T I C A.

Para a praxe Medica, ou conhecer nos-infermos, os singulares males, e despois curálos, acham-se muitos autores; mas poucos deles bons. falo primeiro dos-Medicos, despois dos-Cirurgioens. Dividem-se comumente os autores Medicos, em trez claes: uns sam *Sistemáticos*, que fazem corpo de doutrina, outros *Tratadistas*, que fizeram tratados sobre estas materias. os 3. *Observadores*, que escrevem obervaçãoens ou suas, ou alheias. Dos-sistemáticos, o melhor é *Ipocrates*, nos-seus *Aforismos*. De todos os seus comentadores modernos o melhor, é *Hollerio, e Francisco Valesio*. Estes dois omens tiveram a felicidade de o-comentarem sem recorrer á ipotezes. *Areteo* de Capadoeia deu melhor ordem, aos tratados de *Ipocrates*; e o-comentou muito bem: era na verdade um omem doutissimo. *Aetio Amideno* compendiou *Ipocrates*, e *Galeno*. Estes acham-se oje traduzidos em Latino. *Cornelio Celso* Romano tambem compendiou *Areteo*, e *Ipocrates*: e é muito necessario, para entender este ultimo. Mas tudo o que disse de bom a cícola Grega, acha-se em *Oribasio*. Tirando estes, tudo o mais Latino, Grego, e Barbaro, para nada presta, porque tudo é Galenico. Somente no-seculo 16. *Capivacci* é meuos mau; porque se-contenta, de apontar as coizas, sem querer filozofar. No-seculo 16. resucitou a Medicina Ipocratica em Franfa: e alguns Francezes comentáram bem *Ipocrates*, como ja disse. *Hollerio* fez a sua *Pratica* in 4. que nam é má. Alguns modernos escreveram da-Medicina dos-Egicios, Indios, Chinezes: e corrêram aquelas regioens, para as-examinarem. Estes podem servir muito, para mostrar, como se curou muita gente, sem se-valer das-nofas ipotezes.

Os melhores *Tratadistas* antigos sam, *Ipocrates, Areteo, Galeno, e Celio Aureliano*, que compendiou todos os Gregos, e Latinos, e nos-finais é otimo. Dos-modernos, o *Ballonio* escreveu bem, de *Morbis Virginum & Mulierum Epidemicis*. 4. v. 4. tambem *Ludovicus Mercatus, de Morbis Virginum*.

Morifaus, de *Morbis Gravidar. Parturient. Puerperar.* todos estes são ótimos. *Morton*, *Harris*, *Listerus*, são três Inglezes modernos famosíssimos: acham-se juntos em um tomo in 4. *Sydenham*, de *Febribus* é ótimo, e fidelíssimo nas observações: nas matérias que escreve, ele só basta. Da *Tíxica*, escreve bem *Christophorus Benet Londinensis* 8. 1654. De *Morbis Catharrofis*, *Scheinederus*. *Bellini*, de *Morbis Capitis, Pectoris, Febribus* é famoso: mas pela maior parte nam dá remedios, aponta somente os finais. Da *Lue Venerea* escreveram muitos: mas poucos bem. os melhores são estes: *Aloysius Luisinus* fol. 2. t. 1566. compreende tudo o que disseram outros, antes dele. Porém os melhores e mais estimados são, *M. Didier*, e *M. Astruch*. 2. tom. 4. que esgotam a matéria.

Observadores, que escrevem a história das observações, á tantos, que se-podem aqueitar fornos. Mas de todos estes devemos fazer pouco caso: porque pela maior parte escrevem a história da-doença, para concluir, que se-deve a melhora, ao seu remedio. O que nada serve aos outros: sabendo nós neste particular, quantas mentiras se-dizem. Assimque só devemos fazer caso de autores, que refiram fielmente, toda a história da-doença, e como acabou; ou lhe-dêem remedios, ou nam: e destes, como dizia, são poucos os que sejam sofriveis. Os melhores nesta matéria são *Carolus Piso*, de *Morbis a Coluvie Serosa Oriundis*. 8. vel 4. escreveu antes de *Harveo*: mas escreve bem, e contrareia os Galenicos. *Theophilus Bonetus*, *Sepulcretum Anatomicum*. fol. 3. t. 1700. Este omem compreende tudo o que se-observára, nos-cadáveres abertos, e é famoso. *Nicolaus Peklinus*, *Observationes Medica Anatomica* 4. *Tulpio*, *Observationes* 8. Alguns acrescentam a estes, *Petrus Forestus*, *Joannes Schenkius*, *Felix Platerus*: mas o certo é, que tem bastantes coizas más: porém o primeiro pode passar, porque dá notícia do-que disseram Gregos, Romanos, Arabes, sobre os tais males. Pode-se a juntar a *Academia Leopoldina*, ou do-Imperador Leopoldo: e o *Zodiaco-Medico-Gallus* de *Nicolao de Blegni*, em que se-dá notícia, de muitas observações: mas nestes á bom, e mau. Intendido isto, deve-se fugir, de todos os outros observadores: pois, como adverte bem *Sydenham*, perderemos o tempo, e embrulharemos o juizo.

D I E T A.

Da-Dieta entre os antigos escreveu bem *Ipocrates*, nos-seus tratados de *Vitu*: que comentou famosamente *Pedro Gerardet* em 8. *Galeno* também escreveu sobre esta matéria: e esta é a sua melhor obra. Além destes, *Arnoldus de Villa Nova* é famoso.

C I R U R G I A.

Passaremos daqui para a Cirurgia, na qual também á *Sistematicos*, e *Tradistas*. Dos-Sistematicos, devem-se preferir os que escreveram o que viram, depois de muito exercicio, aos que copiaram dos-outros. Dos-antigos os melhores, são, *Ipocrates* na 6. sesam das-suas obras, da-edifam de *Phoesio*. Devemos ajuntar-lhe *Galeno*, nos-Comentarios da-Medicina Ipocratica. Mas
mais

mais claro que nenhum destes, é *Cornelio Celso*: que tem belissimas reflexoens, principalmente no-tratado de *Calculo*, e de *Fistula lacrymali*. Nisto acaba, o melhor da-Antiguidade: daí para baixo tudo, é ignorancia. Dos-modernos o *Fallopio*, e *Joam Andre da-Cruz*. Estes sam bons: mas melhores ainda sam, *Aquapendente*, e *Marco Aurelio Severino*, que compoz de *Trimembri Chirurgia* 4. 1653. e de *Chirurgia Efficacia*. fol. destes dois tratados diz um grande Medico, que sam necessarios, nam só ao Cirurgiam, mas ao Medico Pratico. O terceiro é *Vidus Vidius*, de *Chirurg.* fol. este só comprehende tudo, o que tem os outros. pode-se ajuntar *Hornius*, *Sistema Chirurgicum* 4. 1708.

Tratados particulares escreveram alguns mui bem. *Jacob Berengario Carpo*, de *Fraçtura Cranii*. *Aurelio Severino*, de *Abscessuum natura*. 4. *Fabricius Hildanus* escreveu de *Gangrena*, e *Sphacelo*; de *Combustione per ignem* &c. de *Meliceria* &c. Dos-Tumores, escreveu belissimamente *Schelbamer*, *Onchologia Parva*. Dos-Olhos, escreveu bem *M. Maitre Jean Pariz* 1707. Do-Ouvido, *M. du Verney*. Das-infermidades dos-Ossoes, *M. Petit*. Cada autor destes no-seu genero é insigne: mas escrevem em Francez. onde quem os-nam-intende, é necessario que se-firva, de outros Latinos apontados.

Quanto aos observadores em Cirurgia, parece que nam sam de tanta necessidade: mas se algum os quizer ler, deve saber, que os dois melhores sam: *Ruyfchio*, *Observaçoens Anatomicas* 4. e *Hildano* ja citado. os outros valem pouco.

Acham-se tambem Cirurgioens, que escreveram do-modo, de fazer as operaçoens e estes sam mui necessarios ao Cirurgiam, que quer fazer a sua obrigaçam. Com razam se-dize, que o *Palsyn* é um dos-melhores, pois comprehende o metodo de excellentes omens. 8. 2. v. mas escreve em Olandez, aindaque ja oje se-acha em Francez. Igual a este é *M. Dinis*, *Operations de Chirurgie*. 8. 1716. tambem Francez. Em falta deste, *Cornelius Van Solingen*, *Operationes Chirurgicae* 1714. e *Antonius Nuckius* de eodem. Para tirar a pedra da-bexiga, é insigne *M. Follot* Parienfe: ensina um novo metodo de a-tirar.

Tenho exposto a V. P. os maiores omens nestas facultades. ainda me-ficam alguns autores que sam bons, e outros que nam sam maos: e pode ser que cada dia vam saindo, outros melhores, de que eu nam tenho noticia, nem as pessoas com quem falei, nesta materia. Mas a verdade é, que eu nam escrevo historia completa: porem aponto o metodo: e tenho liberdade de servir-me, dos-que parecerem melhores. Devo porem advertir, que advertidamente deixei muitos autores, ainda dos-que parecem bons: e nada fiz, sem motivo particular. Quanto aos Compiladores, superfluamente repeteria todos, tendo apontado as fontes, onde tem bebido. Deixei porem alguns na serie que aponto, paraque o estudante, que nam poder alcançar um que aponto, possa procurar outro igualmente bom. Aponto muitos modernos de edifoens pequenas, que custam pouco. Onde a noticia servirá, para grandes, e pequenos. Quem tiver juizo, pode, com poucos livros, ter grandes tezoiros: que isto é o que

comumente nam se-intende nestes paizes. Quem tiver mais dinheiro, pode comprar uma boa poslam, que seja mui util, e decoroza, como as Academias &c.

Mas para dizer a V. P. sinceramente o meu parecer, no-estado presente, e para abreviar a estrada, iomente aconselharia ao estudante, comprar ao principio dois livros, *Boerhaave*, e *Hoffman*, ambos modernos. O *Boerhaave* escreveu as *Instituiçoens Medicas* em um tomo em 8. ou 4. os quais comentou seu dicipulo *Haler*, em 4. tomos até agora: mas nam explica senam a Fisiologia. Espera-se que complete a explicaçam da-Fisiologia, e outro tomo, que explique as outras quatro partes, sem comento algum do-*Haler*, mas somente com as explicaçoens postumas, de *Boerhaave*. Imprimiram-se em Amsterdam, Leiden, Torino: e neste ultimo lugar tem tambem o texto. Para a pratica escreveo um tratado, *de Cognoscendis, & Curandis morbis*, que vale um mundo inteiro. Mas como é escrito aforisticamente, outro seu dicipulo publicou, as explicaçoens do-*Boerhaave*, e as-ampliou; que é *Van-Svieten*: sam 3. tomos em 4. ja fãiram dois, cuido que em Leiden &c. e se reimprime em Napoles. Alem disto, fez um pequeno tratado, *de Viribus Medicamentorum*, em que aponta, o que á mais provavel, na Farmacia. Compoz tambem, as *Instituiçoens Chemicas*. Desorteque ele só basta, para o que apontamos. Tambem compoz um livro de Botanica intitulado, *Orto Botanico Leidense*. Escreveo belissimas *Consultas Medicas*; das-quais appareceo ja um tomo, e espera-se outro. Fez alem disto varios tratadinhos, mas famosos, *de Morbo Gallico*, e *de Materia Medica*: que sam otimos. O Metodo de estudar a Medicina, nam é obra sua, mas dos-dicipulos, que nele publicãram as noticias, que lhe-dera seu mestre. Intendia bem a lingua Grega, e Latina: sabia bem Matematica: era um perfeito Anatomico: por-cuja razam escreve com acerto, em todas as coizas. Tenho-me servido mui bem deste autor: e devo em agradecimento, fazer-lhe esta justifa. O seu metodo está oje geralmente recebido; porque é um Medico perfeito, e nada ipotetico. *Hoffman* tambem é um grande autor, e tem quazi todos os requizitos, de-outro. Tambem compoz as *Instituiçoens Medicas*, e um Curso inteiro de Medicina, em que segue as opinioens mais fundadas: aindaque em muitas partes, incline bastantemente, para à ipoteze. Sam trez tomos in fol. de Germania: e a de Veneza em 7. ou 8. Estes autores devem-se estudar bem, principalmente o *Boerhaave*: e só assim se-pode aprender Medicina. Mas advirto logo, que sem ter estudado, a Filozofia que digo, nam se-intendem. Para a Anatomia ao principio, bastará o *Heistero*, ou o *Kulmo*, que tem taboas soffríveis. Em falta destes o *Bacchetoni* em 4. Depois, é necessario comprar o *Vessalio*, de *Boerhaave*. Todos estes sam Latinos.

Quanto à Cirurgia, depois de ter estudado a Anatomia, deve procurar umas boas *Instituiçoens*, das-que apontei mais modernas. v. g. *Heistero* in 4. 2. tom. Com o tempo é necessario comprar, um Curso difuzo; e saber quais sam os outros, para os-consultar. Especialmente deve procurar, a coleçam que
agora

agora se-faz em Pariz, de tudo o que á melhor, na Cirurgia: que será obra perfeita. Os mestres são os que necessitam, de mais livros. Deve também comprar, um dos-que ensinam, a fazer as operaçoens, para se-aproveitar dos-tais ditames: aindaque a vista nestes particulares ensina mais, que a lizam.

Esquecia-me dizer, que o estudante deve ter, alguma noticia da *Botanica*, nam só polos livros, mas ter algum Catedratico, que lha-ensine: sendo certo que neste particular vale mais, meia ora de vista, que dez de ditames. Mas disto falarei em outra ocaziã, quando me-ocorrer falar dos Catedraticos. Concluo pedindo-lhe perdã, desta longa matraca: mas a materia nam se-podia tratar, em menos: e V. P. obrigando-me a dizer tudo o que intendo, ja deve estar preparado, para estas longuissimas cartas. Deus guarde V. P. &c.



CARTA DECIMA TERCEIRA.

SUMARIO.

O Rigem da-Jurisprudencia Romana. Mau metodo de tratála em Portugal, e pessimas consequencias, que dali resultam. Desmedida presunsam que os Portuguezes tem, de Juristas; e desprezo das-outras Naçoens, sem fundamento. Nam basta o corpo do Direito, ao Jurisconsulto: requer-se Politica, e muitas outras coizas, para satisfazer aos empregos. Mostra-se com razam, e exemplos, que estes estudos sam compativeis, com as Leis. Dá-se uma ideia do-Direito Civil, até os prezentes tempos. Necessidade da-Historia, para o Direito: metodo de a-estudar. Metodo de estudar o Direito. Tocam-se os defeitos intrinsecos, e extrinsecos da-Jurisprudencia. Aponta-se o melhor modo, de ter uma pratica util, tanto para o Advogado, como para o Juiz.

T Em V. P. muita razam, de se-queixar de mim; porque verdadeiramente eu padeci, algum descuido: mas terá menos quando souber, que eu tambem tive razoens, para o-nam-fazer. Nam é preguiça, tudo o que o-pareceo. onde ao-menos deve rebaixar-me, metade da-culpa, e da-pena. Eu porem estimo tanto esta sua queixa, como quem conhece nela, que nace de um verdadeiro amor, e particular estimam que faz, da-minha pouca literatura: a qual feria ainda muito menor, se nam achá-se um omem como V. P. para a-refucitar, e exercitar. Ese pouco que eu fei, V. P. o-conhece, e intende: mas o feu amor, e a sua eloquencia o engrandece deforte, que nas suas cartas, ou me-nam-conheço, ou me-considero maior, doque nam intendia. Mas se a minha vaidade, por-quanto grande possa ser, nam chega a conceber, tam grande ideia de mim; o conceito que tenho da-sua grande capacidade, me-obriga a crer, que nam fou tam pouco, como julgava. Onde fico obrigado a V. P. por-dois distintos principios: um, porque me ensina o que sou, e o que posso: outro, porque mo-expoem com tam particular afeto, que, ainda quando se-enganá-se de todo, me-obrigára eternamente.

Nestas duas ultimas cartas repete V. P. que lhe-agradára muito, a dedusam natural, com que da-Filozofia tirei, estas duas faculdades, que muitos intendem tam separadas: e me-diz, que com gosto espera ler, o que eu intendo, da-Jurisprudencia. Onde para satisfazer o dezejo de V. P. e a minha promessa, farei algumas reflexoens sobre a Lei, e modo de a-estudar. Mas certamente se nam escrevêse a V. P. que me-tem prometido; nam divulgar as minhas cartas, ou ao menos, supremir-lhe o meu nome; nam me-rezolvê-

zolvèra a fazêlo. Que seria de mim, se eles seus Coimbrenses ouvissem dizer, que um Religiozo Capuchinho, punha a boca nas Leis? que alaridos! que rizadas! que divertimentos! parece-me que os-estou ouvindo. A Universidade de Coimbra, dar leis em Leis? a uma Academia tam celebre, *Qua non in toto clarior orbe micat*, vir dar os dias fantos? uma Academia na qual, se faltassem no-mundo os Digestos &c. se-achariam na cabeça de qualquer famulo: e em que se-pode ensinar aos Romanos, a compor Bulas, Breves, e Rescritos: finalmente em que as mesmas paredes produzem textos, com mais fecundidade, e brevidade, que a era? Verdadeiramente este Padre endoideceo, e nam mercede atensam. Isto, e muito pior, diriam eles. Mas eu, meu P. do-corasam, assim como nam tenho medo, me-digam isto, porque confio no-seu segredo: devo declarar a V. P. com toda a sinceridade, que nem menos o-temeria, se mo-disessem na-cara: porque quando dei as costas ao seculo, logo asentei em duas coizas: uma, nam fazer cazo, dos-rumores do-mundo: outra, soffrer com paciencia, as fraquezas do-nosso proximo. Cadaum diga o que quizer: eu devo dizer a V. P. o que intendo.

A Jurisprudencia, como ja disse na minha ultima carta, é uma consequencia da-Filozofia. Compreende a Filozofia duas partes: uma, que regula o juizo, para conhecer as coizas bem; e especialmente para conhecer, o que é a natureza corporea, e espiritual; a que chamam Logica, e Fizica: outra, que nam só regula o juizo, e vontade, mas as afoens da-vida, para conseguirmos a felicidade neste mundo; a que chamam Etica. Esta ou considera, como disse, o fumo bem, e modo de o-conseguir: e esta é a rigorosa *Etica*: ou expõem os diversos officios, e obrigaçoens do-Omem, que deve fazer, para se-conformar com a reta razam, a que chamam *Jurisprudencia Natural*, ou *Universal*. ou considera as afoens dos-omens, em quanto sam utis à comunidade Civil, a que chamam *Politica*. Todas estas leis reconhecem, como ja disemos, a mesma origem: porque lei Natural, lei Divina, lei das Gentes sam a mesma lei, com diversos respeitos. Da-Jurisprudencia Natural, nacèram todas as leis civis, e principalmente as leis Romanas, da que nós oje uzamos. De que fica claro, que quem nam sabe os principios, da-Jurisprudencia Natural, nam pode intender bem a Romana, que é a mesma Lei Civil. Este é aquele ponto mui dificultozo, que nam intendem os que estudam, nesta Universidade, e nem menos os que ensinam: porque se o-intendessem, deveriam regular diferentemente os estudos. Em parte está V. P. onde pode com a vista confirmar, quanto lhe-digo.

Emprega um estudante um ano na Logica, que consiste em Universais, e Sinais. Se estuda em Lisboa em algum convento, costumam alem diso explicar-lhe, uma pouca de forma filogistica, mui má fazenda. Faz o seu exame nisto: Se a Logica tem por-objeto os conhecimentos, ou as coizas de que trata: Se á criatura indeputavel: Se o filogismo em *Camestres* se-pode reduzir, para *Celarent*: e Se os trez modos *Febas*, *Hedas*, & *Hecas*, podem dar de

fr, alguma coisa boa. Com isto vai para a Universidade, e lhe-dam as instituições de Justiniano: que ele estuda pelo *Manzão*, outro semelhante. Acabado este primeiro ano de *instituta*, como eles lhe-chamam, no qual talvez nam acabou de passar, o primeiro livro; dam-lhe uma ou duas postilas das gavadinhas, sobre algum tratado particular de Leis: e nelas se-empregam, até fazerem conclusões, em uma materia: o que succede no quinto ano: se acaso nam teve, algum ano de Teologia &c. No-seguinte, faz o seu Bacharel, com um ponto que lhe-faio por-forte: cuja lisam o Bacharel nem faz, nem entende: mas um Doutor a-faz, e explica mui bem: e até lhe-aponta os argumentos, que lhe-devem por. Segue-se o ato. no qual se o estudante é confiado, e repetio bem de memoria a lisam; ou responde, ou nam aos argumentos, faie aprovado; e com boas informasões: e, se o prezidente tem empenho, é infalivel o bom sucesso. Faz Licenciado no-seguinte ano; que é outro ato semelhante, metade em Portuguez: e tomando o grao, fica capaz de seguir a Curia, ou Universidade. Acompanhemos este omem, nos-seus progressos. Se fica na Universidade, e quer fazer atos grandes, como aponte, só entam comesa a estudar, alguma coisa: ou, para melhor dizer, só estuda despois que é Doutor, e quer opor-se às Cadeiras. Nam digo que estuda com metodo: mas mete na cabeça muito texto, e suas respostas &c. que é o que lhe-basta. Mas, deixando este na Universidade, e seguindo as passadas do-outro, que segue o Foro: vem para a sua terra, sem outra alguma noticia, e comesa a advogar. Outros, provando por-ceremonia, dois anos de pratica, vam ler no Paio: cujo ato consiste, em uma lisam de ponto, com seus argumentos. Do qual ato ainda nam ouvi, que ninguem faise reprovado; polo menos em mil estudantes, nam se-reprova um só: nam obstante que eu conhesese muitos, que tinham pouco talento para o-fazerem: porque é um ato por-ceremonia. E temos o omem, Opozitor aos Lugares, Juiz, Corregedor &c. Este é o metodo deste Reino: considerando o qual, conhecerá bem V. P. que nam é metodo proprio, de ensinar Leis.

Primeiramente aquele ano de Logica, que lhe-levam em conta, tem tanto que fazer com a Lei, como o Alcoram, com o Evangelho. Que utilidade se-tira de Universais, e Sinais, para a Lei: ou ainda daquela tal fórma Silogistica, de que saiem enlabuzados estes rapazes? eu nam vejo alguma. O modo com que os-ensinam nas escolas, é a melhor ideia que se-tem inventado, para nam saber formar, um silogismo perfeito. Mas indaque o estudante souber-se perfeitamente, todas as arengas da-Filozofia Peripatetica; defendo eu constantemente, que para nada lhe-servem, na-Lei. O Jurista tem pouca necessidade de silogismos: o de que tem necessidade é, de um juizo claro, acostumado a formar verdadeira ideia das-coizas, e discorrer sem ingano. O que certamente nam ensina, a fórma Silogistica: mas muito menos o-ensinam, os Universais, e Sinais, com que se-ocupa, o primeiro ano de Logica. Alem disto esta tal Logica, é positivamente prejudicial, aos Juristas: porque acostuman-

tumando ella o intendimento, a mil futilidades metafizicas, sem fundamento algum; obriga o Logico, que se-guia por-ella, a fazer o mesmo na-Lei. De que resulta, como muitas vezes vi, que estes chamados Filozofos, são os piores Jurisconsultos do-mundo: nam permitindo a Lei, semelhante modo de discorrer: nem tendo lugar nella, o *formaliter, materialiter, essentialiter, in priori & posteriori signo*, e outras curiozidades destas, de que está cheia, a Logica das-écolas. Desorteque quem sabe isto bem, difficoltosamente pode saber bem Lei: e assim seria melhor, nam ter perdido aquele ano, com a Logica.

Passemos às Instituições: cujo metodo infinitamente me-dezagrada. É coiza digna de rizo, que reduzindo Justiniano o corpo do-Direito, a poucas palavras, nas suas Instituições; para que os estudantes pudessem formar em breve, a ideia de todo o Direito; a qual com o tempo fossem ampliando: queiram os mestres, que os estudantes comêsem polo *Manxio, Oinotom, Vinoi*, e outros autores difuzifimos: os quais nam dizem palavra, que nam confirmem com dez textos: e com tanta erudição, confundem o juizo, e impedem a percesão. De que nasce, que os estudantes tanto intendem as Instituições, como a lingua da-China: e passam aquele primeiro ano, lendo muito, e intendendo pouco: e comumente nam acabam, o primeiro livro. Daqui passam a estudar uma postila, de algum tratado particular. Mas diga-me V. P. como á-de intender bem, uma postila *de Dote, de Substitutionibus, de Jure ecclésiastici*, &c. um que nam sabe, que parentesco ella tem, com o Direito, ou porque se-trata, no-corpo dele? Isto é o mesmo que um alfaiate, o qual, em lugar de ensinar, a talhar um vestido, somente se-occupase, em cortar mangas. Quem sabe somente quatro postilas, ainda que as-tenha presentes na memoria, eu o-nam distingo de um papagaio, que repete aquilo, que ouviu muitas vezes. Isto nam é ser Jurista, nem para la vai. As Conclusões, o Bacharel, a Formatura, nam são coizas, que possam dar melhor conceito, de um homem: Porque as Conclusões, fazem-se em uma materia, que estudou em cinco anos: as outras duas coizas, são efeitos da-felicidade de memoria. Creio que nam direi uma parvoice, se estender este mesmo juizo, até às conclusões Magnas, e exame Privado. Onde venho a concluir, que um homem, que assim emprega o seu tempo, por-forsá nam á-de saber Direito; ainda que nam se-doutore, senam depois de 9. anos completos.

Deste principio nasce, que encontrará V. P. muitos homens, que comumente são tidos, por-grandes Jurisconsultos; os quais, tirados do-puro texto, que tem estudado, são tam rudes, que parecem chegados novamente do-Paraguai, ou Cabo de boa Esperança. Falando em certa occasião, com um destes de grande fama, e guiado desta comua preocupação, intrei em uma materia erudita, propria daquella faculdade: em que casualmente se-falou, no Imperador Alexandre Severo, e suas ações, e protestam que concedeo, aos Jurisconsultos &c. E fiquei mui pasinado, quando vi, que o homem nam me-

inter-

intêndia : e ainda me-admirei mais , quando me-dise , que , occupado com as suas Leis , nam tivera tempo de se-aplicar , à Istoria. Cuido , que se V. P. fizer algumas vezes esta experiencia , achará muitos deste parecer. Nam é possível , que isto succeda a um omem , que tenha estudado com metodo : porque este omem naturalmente ve , a conexam que tem a sua materia , com outras de que de pende. Quando V. P. ouvir dizer a um Jurista , que nam sabe a istoria Civil , principalmente a Romana ; e a um Teologo , que ignora a istoria da-Igreja : sem mais outro exame alente , que nem Leis , nem Teologia sabe : porque a Istoria é uma parte principal , destas duas faculdades : sem a qual nam é possível , que um omem as-intenda.

Mas deixemos por-agora o Jurisconsulto Catedratico , e pasemos ao Forense , ou Advogado , ou Juiz. Intende V. P. , que os sete , ou oito anos , que passou na Universidade , lhe-servem alguma coiza , para os empregos ditos ? eu quanto a mim , digo que nam : e fundo-me na experiencia que tenho , deste Reino. Primeiramente eu supponho , que o estudante de que falo , assistio sempre na Universidade , e se-aplicou às Leis : que se ouver de falar , dos-que fazem matriculas , ou dos-que na Universidade nam estudam , que sam os mais ; entam recebe nova forsa , o meu argumento. Conheci infinitos mosos matriculas , que passaram todo o seu tempo em Lisboa , sem abrirem livro : e quando lhe-chegou o tempo , fizeram os seus atos com lustre : tiveram mui boas informasoens na Universidade : e oje se-acham em lugares grandes , com muito boa aceitafam : e dezempenham as suas obrigaçoens tam bem , como os outros. Muitos destes sam oje Advogados de muito bom nome , sem terem estudado Leis , nem quazi mais aberto livro : o que sei da-sua propria boca. Daqui falo argumento . para os outros , que la estudam : porque se estes empregos se-executam bem , sem aquele estudo ; com razam digo eu , que aquele estudo , no-estado em que as coizas oje estam , de nada lhe-serve.

Proguntará V. P. como é possível , que safam bem as suas obrigaçoens , omens que nam estudáram ? Mas eu respondo , que V. P. deve admitir o facto , como verdadeiro ; persuadindo-se , que eu nam sou capaz , de afirmar , uma falsidade ; porque se nam nomeio as pessoas , por-devidos respeito ; conheço porem tantos destes , que podia encher boa meia folha de papel : testemunhas nam mortas , mas todas vivas. Nem é dificultozo nesa Cidade , reconhecer a verdade do-que lhe-digo : tendo V. P. ai , tantos amigos. O que suposto , intendo que samente me-progunta , qual é a razam deste fenomeno : a qual porem facilmente se-alcanfa. Estes mosos tinham bom talento : e a experiencia e uzo dos-negocios , os-poz em estado , de arzoarem. Petisoens , e outras coizas destas , sabe fazer quem quer : e nisto se-occupa , uma boa parte da-avocacia deste Reino. Mais da-metade das-demandas , se-decidem com as razoens *de facto* , sem entrar no-*Direito* : e estas qualquer omem de juizo , que tenha alguma experiencia , é capaz de as-buscar , e dilatar. Quando é necessario intrar , em algum ponto de direito . para, isto servem os Consultentes ,
ou

ou o Cardial Tosco, ou o Index das-Decizeens de Rota, junto com o Corpo delas &c., de que se-copeia fielmente a razam; e muitas vezes as razoens da parte contraria, dam luz para responder, e buscar muitas coizas. Verdade é, que às vezes os arrezoados, sam com o Deus sabe: mas se uma vez erram, outra acertam: e à custa dos-clientes, vam aprendendo eles. Eu conheci um Alemtejenfe, que, sem ter lido mais que a Ordenalam, tendo algumas demandas em Lisboa, ele era o que arrezoava: e famente tinha um Advogado, que lhe-afinava. E com effeito escrevia e dizia tambem, como naõ fariam muitos letrados mosos. Acham-se Escrivaens velhos, que podem ensinar os Juizes de Fóra, a sentenciar. E com effeito muitos Juizes, se-fervem dos-seus conselhos: e os que o-nam-fazem, erram muito: porque nestes particulares, a pratica serve de lei.

Estes fatos sam certos, e notorios. e achará V. P. mil Advogados, que nunca estudaram Leis: e nam sabem de memoria, uma só lei celebre. O que suposto, cuido que sem trabalho se-percebe, que o que ele foi buscar à Universidade, foi o grao de Bacharel; despois de perder sete, ou oito anos nas jornadas. Verdade é, que estes tais quando devem escrever, em um ponto de Direito, acham-se em calças pardas: e aqui é ela: As palavras faltam: os textos nam aparecem: as razoens nam se-encontram. Contudo isto, nam á algum destes, que ou bem, ou mal; ou por-si, ou por-paraclete, nam fasa os seus arrezoados: e, sendo Juiz, nam á algum, que nam escreva a sua sentença, ou *tenfam*, como eles lhe-chamam; aindaque nam faiba Latim: pois para isto é que serve, o Dicionario do-Bluteau; no-qual buscando-se as palavras uma por-uma, se-acha suficiente materia, para compor a sentença.

Isto fora nada: o pior sam as consequencias. Eu nunca condeno um omem, por-saber pouco, se ele conhece, esse pouco que sabe: antes tenho dele suma compaixam: e se o-poso ajudar, o-faço sempre. O que nam posso soffrer é, que os que sabem pouco, tenham grande prezunfam: e este justamente é o carater, destes Jurisconsultos. V. P. virá quando observar, a magistralidade com que se-preparam, para responder a qualquer coiza, que se-lhe propoem: e o desprezo com que ouvem, qualquer resposta, ou objefam dos-outros, que nam sam da mesma profissam. Este estilo é tam particular destes Senhores, que eu distingo logo um Advogado, ou Juiz, entre mil omens de capa e volta, famente pola sua vizeira. Intendem estes Senhores, que o publicar leis, está na-esfera da-sua jurisdifam: e assim em qualquer materia que falam, persuadem-se, que as suas palavras devem ser recebidas, com a mesma veneralam, que sam os rescritos do-Principe. Se V. P. lhe-fala em Filozofia, ou Teologia; ouvilos-á meter a sua colherada, com tanto dezenbaraso, como se a-tivessem estudado. Se succede falar-lhe em Leis, acham-se entam no-seu elemento: e respondem da mesma sorte, que se tivessem o Digesto no-corpo: e tivessem por-muitos anos examinado, os principios das-Leis. Se ou-
vera

vem falar em guerra, em paz, em commercio; finalmente em qualque materia, a nada se-pouparam, e em tudo respondem polo mesmo estylo. Mas onde eles se-podem ouvir com mais gosto, é quando se-fala, em materia de estudos. Se ouvem dizer, que fóra de Portugal se-estudam Leis, com melhor metodo; e se-sabem com mais fundamento e facilidade sam toirinhos, e saltam por-El-Rei de Franca. Respondem, que la nam sabem nada d'isto. que de todas as Naçoens da-Europa, somente Portugal sabe o Direito. que os Estrangeiros arengam, mas nani sabem com fundamento nada. que la fazem os Doutoramentos, com dois pontos somente. que sam Doutores de *tibi quoque*. finalmente nam se-acha injuria, que eles nam vomitem, contra os pobres Estrangeiros. Tenho-me achado em conversações, onde se-falou em muito d'isto: que é precizamente o que eu digo, ser insotrivél.

Estes nacionais de V. P. julgam da-capacidade dos-Estrangeiros, pola figura de quatro marinheiros, que vem passar em Lisboa. Quem poderá persuadir a um destes, que aquelle mesmo Inglez, e Olandez de callam breado, que ele ve no-Remolares, é de um Reino, onde se-sabem Umanidades, Filozofia, Matematica, Leis, e todas as ciencias humanas, e divinas melhor, que em nenhuma parte? Esta propozisam é mais difficultosa para alguns, do que a quadratura do-circulo: e contudo isto nam á mais verdade que isto: e as Naçoens cultas reconhecem aquellas duas, como prodigios nestas materias. Se estes Jurisconsultos fossem menos preocupados, dos-meimos autores podiam inferir, que naquellas Naçoens á omens doutifimos. *Manxio* nam era Portuguez: *Misfingerio*, e *Oinotom* eram Alemaens: *Vinio*, e *Perezio* eram Olandezes: e destas Naçoens sam os outros famosos autores, porque comumente se-estuda. Mas esta reflexam é para os doutos: e eu falo com estes meros praticos. Que coiza mais digna de rizo, que estes omens criticar, as naçoens Estrangeiras! Eles nunca saítam de Portugal, nem sabem o que por-la vai: o pior é, que nem menos sabem isto, que se-estuda na Universidade: porque, como V. P. pode observar, estes que falam tanto, sam os que nam sabem mais, que a pratica da-Lei: sem saberem de que cor ella é. Quanto aos Doutoramentos, que cara tem para criticarem os dos-Estrangeiros, estes Bachareis de Portugal! Se V. P. observar, como ai se-formam os Bachareis, ficará bem persuadido, que injustamente murmurem dos-Estrangeiros. A maior parte dos-Bachareis, nam sabem mais textos, que os que estudaram, para a lisam de ponto. E alguns conheço eu; que nas ferias trouxeram para a sua terra, uma ou duas lisoens de ponto, para as-estudarem com vagar: e tiveram a felicidade, de lhe-fair a mesma, no-seguinte ano. Porque nam sei, se as coizas se-podem dispor em modo, que saia a dita lisam de ponto premeditada. isto nam é cazo metafizico, mas coiza bem uzual; ver que saiem as que se-esperavam. Onde nam posso asás maravilhar-me, que os que vem isto todos os dias, murmurem das-naçoens Estrangeiras.

Sei muito bem, que em muitas partes fóra de Portugal, se-facilitam

os Doutoramentos, tanto no-preço, como nos-atos: mas também observe, que nelleas partes nam se-faz cazo de um omem, por-ser doutor, mas por-ser douto: e o grao samente é um testemunho, de ter completo o ano; e assim o-intendem todos. O grao supoem doutrina: e quem a-nam-tem, ou se-doutore em Coimbra, ou Roma, ou no-Japam, sempre ficará ignorante. Conheci omens doutifimos, que nunca se-agraduáram: e vejo muitos graduados, que era justo que o-nam fosse. Onde sendo isto tam publico, acho ser grande loucura estimar, ou desprezar um omem, por-ser doutor nella, ou naquella parte. Mas o pior é, que ainda nelleas partes de grande rigor, vemos todos dias monstruozidades. Conheci neste Reino, muitos doutores em Teologia, Leis, e Canones, que sabiam mui pouco, isto que profesavam. pode V. P. fazer a experiencia em uma especie, examinando alguns Mestres em Artes, que ai se-dotóram, os quais nam sabem, que coiza é Filozofia &c. E se isto succede aqui todos os dias, nam acha V. P., que merecem rizadas, os que fazem beiso, aos estudos estrangeiros?

Mas neste particular, nam sam menos trabalhosos os Catedraticos, que os Forenses. * * * * * talam com bastante desprezo, de tudo o que é de fóra de Portugal. Progunte-lhe V. P. porque autores estudam, nam só entre os Expositores, mas entre os Tratadistas; e verá, que, menos algumas postilas, quazi todos sam estrangeiros. Respondem a isto, que as impressas la sam mais baratas, que em Portugal: motivo porque cá nam se-imprime. assim me-respondio ja algum. Mas esta nam é a questam: a questam é, se os Estrangeiros sabem, ou nam sabem. Eu digo, que sabem Leis melhor, que em Portugal: e o-próvo com os seus livros: argumento, que nam tem resposta. Nem é resposta congruente dizer, Nós podemos fazer, e fariamos neste ou naquele cazo. Isto podem responder também os Cafres da-Africa, e os salvages da-Canadá: pois se la se-introduzirem Universidades, também eles fariam maravilhas. Alem diso eu nam acho aqui, manuscritos completos; nem obras perfectas neste genero. as impressas sam poucas, e agradam a poucos. E se as-ouvese, cuidio se imprimiriam: pois nam leio a Gazeta, que nam veja uma quantidade de livros impressos, de nenhuma considerasam; nam obstante toda a carestia da-impressam. Onde parece-me, que esta vangloria, nam asenta sobre bons fundamentos. Polo contrario posso mostrar a V. P. entre os Estrangeiros, muitas obras mediocres; mas muitas seletifimas: ou falemos dos-Repetentes, ou Tratadistas, ou Consulentes. E, sem sair da-minha Italia, (onde primeiro que em outra parte, renaceo o Direito Romano no-XII. seculo: e aonde polo espacio de alguns seculos foram aprender os mais da-Europa) posso apontar a V. P. duzias, e duzias de autores insignes na Cadeira, e no-Foro: de alguns dos-quaes vejo, que se-servem mui bem, estes Senhores Portuguezes, nam obstante que murmurem tanto dos-Estrangeiros.

Mas nam é pequena prova, de quanto alguns se-enganam nesta materia, o testemunho de alguns Portuguezes mais advertidos, que sañsam de

Portugal. Estes, quando se acham em um paiz estrangeiro, parece-lhe estar; em um mundo novo: e, se acazo tem juizo, nam deixam de mandar de opiniam. D. Luiz da Cunha, que pasou por-estes lugares com louvor, e despois de longos ministerios, se-acha oje Embaixador, em Franca; disse a um amigo meu, que quando saíra de Portugal, e ouvira falar outra gente; o maior trabalho que tivera, fora, procurar esquecer-se de tudo, o que tinha aprendido em Portugal; para poder intender as coizas bem, e falar com propozito. Esta é uma testemunha, que vale por-muitas. Nam diferentemente creveo o Conde de Tarouca, Embaixador desta Coroa ao Imperio, a outro meu amigo, que se-achava em Roma, e me-leo a dita carta: e acrescentava varias coizas, que eu oculto, por-justos motivos. Nam quero citar mais testemunhas, de que ainda cá me-ficam muitas: porque estes dois que nomeio, provam quanto eu queria: sendo certo, que Portugal tem tido poucos omens, como qualquer destes dois, que sam insignes no-ieu genero. Esta sorte de omens, nam tropela certamente nos-defeitos de muitos, que eu conheço: e julga retamente. Nam assim estes Jurisconsultos, que todos os dias vemos: os quais persuadidos do-seu proprio mercimento, nam só nam podem aprovar, coiza nenhuma estrangeira; mas em toda a materia falam com magiftralidade; e esas quatro leis que sabem, as-metem em toda a parte, ou por-força, ou por vontade.

Este é o defeito geral, dos-que sabem pouco: que em toda a ocaziã fazem pompa, da-sua erudiciã. Nam conversará V. P. com um Opozitor, que nam ouia cem texto de Leis: da-mesma sorte que muitos dos-que estudam as belas letras, racham a paciencia dos-ouvintes, com versos e palavras Latinas; ou a gente os-intenda, ou nam. Onde dizia com galantaria um amigo meu, que nam achára Jurisconsulto, cuja conversaçã fosse toleravel. Na verdade este é um grande defeito, nam só no-Jurisconsulto, mas em qualquer outra pessoa; nam proporcionar a conversaçã, à pessoa com quem fala: e nasce de ter pouco juizo. Um omem que verdadeiramente é douto, e tem pensamento proporcionados; nam deve mostrar excessõ, sobre as pessoas com quem fala. Primeiramente é ridiculatia, e afetam Portugueza, introduzir textos Latinos, quando nam sam necessarios. Aiuda quando a conversaçã é erudita, se acazo nam se-faz, expresa materia dos-ditos textos, é puerilidade, e afetam dizelos em Latin: porque deve-se intender, que uma coiza é escola, e outra conversaçã. Mas onde se-conhece totalmente a ignorancia, e ridicularia é, quando se-fala com gente, que nam é da-profissã, introduzir semelhantes modos de falar. Isto é um insulto, que se-faz aos-ouvintes; e é lançar-lhe em rosto, a sua ignorancia. Por-grande excessõ, que um omem tenha, ou de doutrina, ou de naciemento; quando se-acha com pessoas simples, nam deve mostrálo, mas ocultálo, por-nam confundir as pessoas, com quem conversa. É prova evidentemente de uma alma illustre, e de um grande talento, acomodar-se às pessoas com quem trata, conservando uma mediania,

nia, que nam decline para os extremos; ou seja conversando, ou escrevendo, basta poder conseguir o triumpho, nam é necesario mostrá-lo. Porem isto é o que poucos intendem, e pouquissimos fazem: pois tendo um real e meio de ciencia, metem-na polos olhos, com incrível furia. Mas, tornando ao noso Jurisconsulto.

A razam principal porque estes omens, nos-quebram a cabeça, com as suas leis é, porque se-persuadem, que nela se-acha tudo. onde tendo o texto de memoria, intendem que tem a chave mestra, de todas as dificuldades, aindo em materias de Leis. Com esta preocupasam prezumem serem aptos, para todos os empregos: e os-aceitam, e buscam: e os-executam como Deus sabe. Mas nisto miseravelmente se-enganam, e fazem grande prejuizo, à Republica. Porque sendo costume, que das-Universidades se-tirem, os que ám de administrar o Economico, e Politico do-Reino: e sucedendo alguma vez, que estes sejam mandados às Cortes estrangeiras, por-Inviados &c. para negocios de grande considerasam; man tendo os requizitos necesarios, nam podem fazer bem a sua obrigasam; e muitas vezes podem fazer danos. Facil é observar o motivo, e fazer a experiencia. Se V. P. fala a um destes, no-direito da-Guerra, responderá, que nos-titulos do-Digesto, *de Captivis, & Postliminio, & reversis, & redempt. ab hostibus, de Re Militari, de Castrensi peculio, de Veteranis, de Testamento militis &c.* ou nos-do-Codigo, *Qui militare possunt vel non, Negotiatores ne militent, de Re militari, de Castrensi peculio militum, & profecti annonæ, de Erogatione militaris annonæ &c.* se-acha tudo o que é necesario, para decedir o ponto. Se lhe-fala em Contratos entre gentes, livres achará, que vai logo ao Codigo, e Digesto, buscar os titulos, *de Pactis, Transactionibus, Verborum obligationibus, de Duobus reis &c.* Se lhe-fala no-Jus dos-Legados, ou publicos ministros, vem logo o titulo *de Legationibus*. Finalmente fale-lhe no-poder de publicar leis, criar ministros, pôr tributos &c. e para isto tem rezervados os titulos, *de Legibus, Senatusconsultis, Constitution., Princip. Poenis, Publicanis &c.* O Canõnista poderá acrescentar algum texto das-Decretais, ou citar algum autor Moralista &c. mas persuadem-se comumente, que os titulos que alegamos, e outros semelhantes sam os lugares comuns, ou Topicos, de que se-tiram todas as decizoens, para os cazos possiveis. É fundados nisto, nam tem dificuldade de rezolverem, toda a controversia, sobre o direito da-Paz, e da-Guerra, dos-Patos, e tudo o mais que pode succeder, entre Nascens, e Nascens. Mas por-pouco que se-confidere a materia, se-achara, que estes documentos nam sam bons, para rezolver tudo. Suponhamos que nace uma controversia, entre uma nasam Europeia, com os Turcos, ou Chinas, ou Malabares, sobre a violasam da-paz, ou coiza semelhante: julga V. P. que ám-de ter autoridade entre eles, as Pandetas de Justiniano, ou as Decretais, ou Moralistas? tanta como se aqueles nos-alegarem, com o Alcoran: os outros com Confucio, ou outro semelhante doutor dos seus. Nestes cazos ou se-trate com Aziaticos, ou Europeos qualquer outra gente racional,

navel, é necessário ter promptas, nam as leis Romanas, mas as das-Gentes, ou do-direito Natural, abraçado por-todos, os que uzam da-razam: para poder mostrar, a justiça da-nossa cauza, e injustiça da-sua. Estas são as verdadeiras fontes da-justiça, de que se-tiram as solusões, dos-tais cazos: e de que se-devem tirar, nam só naqueles, mas ainda nos-que succedem, entre Nações cultas.

E certamente que á-de fazer um puro Jurisconsulto, em uma materia politica, se ele nam tem estudado, os principios dela? Que á-de dizer em um tribunal da-Fazenda, ou do-Ultramar, se ele nam intende, a economia do-Reino, e das-Conquistas: ignora as forças, ou interesses do-seu Principe, em ambas as partes? Como á-de um Ministro tratar bem um negocio, em uma corte estrangeira, premeditar um projeto avantajoso, estipular um contrato util: ou como á-de um secretario Regio, que pola maior parte costumam ser Jurisconsultos; aconselhar o seu Embaxador, sobre estas materias; se nem um, nem outro intendem, os interesses dos-Principes da-Europa, nem tem estudado, uma sílaba de Politica? Finalmente um Secretario de Estado, um das-Merces &c. que coiza boa pode fazer, se nam tem, alem da-noticia do-direito Natural, e das-Gentes; uma perfeita intelligencia da-Politica? Certamente este tal homem nam é apto, para estes empregos: e tambem é certo, que isto nam se-aprende, nos-livros das-leis Romanas. Nam póto deixar de trazer à memoria, o caso que succedeo ao Filozofa Socrates, com Glauco Ateniês (1). Era este um moço nobre de Atenas, a quem, sem ter completos vinte anos, se-meteo em cabeça, aspirar aos primeiros cargos da-Republica: e de tal sorte falava nisto, que nenhuma pessoa da-sua familia, o-podia aturar. Tomou Socrates o empenho, de curá-lo desta frenezia: e depois de lhe-louvar a ideia, e a gloria que podia adquirir; lhe-proguntou, qual seria o primeiro serviço, que avia fazer ao Estado. E respondendo ele, Que, aumentar-lhe as rendas: bem, disse Socrates, sem duvida saberás, em que consistem as rendas do-Estado: para que no-cazo, que falte uma porção, saibas suprir com outra parte. Respondeo Glauco, que nam tinha cuidado nullo. Dizei-me ao menos, continuou Socrates, quais são os gastos, que faz a nossa Republica; para que possas conhecer, como deveis diminuir, os que são superfluos; visto ser este um ponto principal, de quem governa. Nem menos teve resposta, sobre isto. De que concluiu Socrates, que se Glauco administrasse a Republica, nunca ella poderia enriquecer-se. Mas adverti, replicou Glauco, que pode enriquecer-se a Republica, destruindo os seus inimigos. Aqui lhe-repetio Socrates, que era necessário saber, quais são as forças proprias, e as dos-inimigos por-mar, e por-terra; para poder persuadir, ou despersuadir a guerra: ou suprir, em caso de uma desgraça. E confessando Glauco, que nem menos isto sabia, Socrates entam evidentemente o-convenceo, da-sua loucura; visto que nam tinha os principios necessários, para o tal emprego. Se este

(1) *Veja-se Xenof. Memor. l. 3. p. m. 772.*

dialogo, meu amigo e senhor, pudele praticar-se com algumas pessoas, que oje tem uma boa mam traveza de prezuniam; seguro-lhe, que muita gente ficaria dezenganada, da-sua pouca capacidade, para os cargos que occupa.

Conheço, que as leis Civis nam sam inutis, para certos cazos: mas tambem conheço, que nam bastam: e que sem outros socorros, tanto emporta telas, como nam telas. Um simplez Catedratico pode, em cazo de necessidade, pañar sem a noticia da-lei Publica e da Politica: nam assim um Ministro. E como dos-Catredaticos, vejamos formar de repente, muitos Ministros; intendo, que todos tem necessidade, destas noticias: e que as-devem beber, em tempo proprio, para lhe-servirem para tudo: visto que o Juiz de Fóra, o Corregedor, o Provedor &c. todos tem necessidade destas noticias, nos-ditos empregos, e nos-que com o tempo podem ter. Muito principalmente a-tem um Dezembargador, que á-de julgar de fazendas &c. porque dependendo as decizoens; das-qualidades dos-fatos, se ele ignora estas coizas, nam é posivel, que julgue bem a materia. Onde tem necessidade, nam só de conhecer bem o estado do-seu Reino, e a regra com que é governado, ao que eu chamo lei Publica; mas tambem o estado dos-seus vizinhos, e dos-Principes, com quem o seu Monarca tem, ou pode ter algum interesse. Alem disto, deve tambem saber, como se-governam os outros Reinos: quais sam as coizas recebidas entre todos: quais as particulares: qual a melhor fórma de governo: quais as melhores leis: quais os melhores meios de conservar a paz, e uniam entre os omens: e outras coizas semelhantes, nas quais consiste aquela particular ciencia, a que chamam *Politica*. A qual nam consiste na mera istoria, como a lei Publica, mas alem da-istoria, pede grande talento, e um juizo elevado, e solido. Esta erudisam é indispensavelmente necessaria, ao Ministro: esta é: a que nam ensinam, as leis de Justiniano. de que saie por-legitima consequencia, que isto é, o que se-ignora neste Reino.

Alguns achei ja, que intendiam, que a *Politica* se-aprende em quatro dias, sem grande estudo: porque na opiniam destes, lendo um tratado de Aristoteles, ou Platam, fica um omem consumado Politico. Mas isto, é um ingano manifesto. Os antigos, que escreveram sobre estas materias, podem dar algumas luzes, para a *Politica*; mas nam bastam: é necessario unir os Antigos com os Modernos, e de todos tirar, o que é necessario. Primeiramente é necessario, um estudo fundado da-Istoria antiga, e moderna: despois, um estudo particular, dos-intereses dos-Principes: em terceiro lugar, um grande estudo da-verdadeira *Politica*. E tudo isto certamente nam se-acha, em Aristoteles, ou Platam; nam obstante que estes escrevesem bem, do-direito Natural &c. Sam bons os exemplos antigos: mas devemos procurar os modernos, que se-acomodam aos nosos costumes. Quem quizesse oje formar uma Republica, segundo o rigor da-antiga Sparta, ou ainda segundo a dispozisam, da-Romana republica; emprenderia uma ideia impossivel. Os nosos costumes sam tam diferentes dos-antigos, que nam é posivel, que posamos aquietarnos, com

O rigor de uma daquelas Republicas, e com a liberdade de outra. e contudo ninguem duvida, que uma, e outra, foram com grande juizo reguladas. A mesma lei Romana, que oje está geralmente recebida, na maior parte da-Europa, e paizes da-sua dependencia; acomodou-se aos nosos costumes. Em Franca, Alemanha, Espanha, Portugal, a leis municipais, que prevalecem sobre a Romana. Porque quando despois do-seculo XII. esta saio de-Italia, e entrou nestes Reinos; estavam tam radicados certos costumes, que nam foi possível, deitálos fora: onde somente foi recebida a lei comua, em falta da-municipal. Na mesma Italia, e na mesma Roma, onde procuram conformar-se quanto podem, com as leis de Justiniano; á estatutos particulares, em grandissimo numero. E o que mais é de admirar, nam á comunidade Civil, no estado Eclesiastico, que nam tenha os seus estatutos particulares. E se isto procede na Lei, que sempre se-prezume deduzida, da-boua razam; que fará na Politica, que se-conforma aos costumes das-gentes, em que á tanta diversidade? Onde é manifesto ingano intender, que isto se-pode aprender, polos Antigos. Devemos ler os Modernos: as diversas maneiras de governo, que tem avido no-dito Reino: o motivo destas variaçoens: cuja noticia entronca com a istoria, de todos os outros Reinos.

Mas devemos tambem estar muito advertidos, de nam abraçar, com os olhos fechados, tudo o que dizem alguns modernos, em materia de Politica, e o que praticam outros: como ja adverti a V. P. em outra carta, falando-lhe da-Etica. Acham-se modernos que observam, uma Politica impia: aqual nam tem mais fim, que engrandecer o Estado, sem fazer cazo da-religiam, nem do-direito Natural. Deste genero é Nicolao Machiavelo, Tomaz Hobbes, e alguns outros: e deste carater sam tambem outros, que o-praticam todos os dias, sem o-advertirem, com escandalo dos-omens bons, e prejuizo dos-Povos. Estes sam os que poem toda a sua industria, em aumentar a potencia dos Principes, por-qualquer modo que seja: deixando para os particulares, a justiça, a fidelidade, a humanidade. Estes os que só procuram artificios, com que se-arruinem os vizinhos, refucitando entre eles antigas paixoens, e novos motivos de discordia. Estes sam os que enganam os suditos do-seu Principe, procurando persuadir aos Povos, que o Reino é mais poderozo, doque nam é: que nam fazem cazo da-santidade dos-juramentos; que quebram quando lhe-aparece, a minima ocaziã de ventagem: e fazem outras coizas semelhantes, de que muitos, que querem mostrar, serem grandes Politicos, tem a cabeça cheia. Esta Politica é fallã, e deve-se desprezar; para procurar uma Politica verdadeira, fundada em boas maximas. E por-tal motivo creio, que deve o omem, que se á-de aplicar a este estudo, fazer primeiro fundamento na Etica, no-direito Natural, e das-Gentes: do-qual é que á-de deduzir as maximas, para a sua Politica: pois sem isto, será um enganador publico: mas nam será nem *** nem ministro. Se todo o omeni tem necessidade da-Etica, muito mais a-tem o Ministro: porque deve praticar materias, que sem a Etica sam falsas, e perigozas.

Isto é sem duvida: e só o-pode negar, o que nam conhece as coizas: mostrando a experiencia, que o mesmo *Cujacio* era ignorantissimo, dos-negocios de França: e por-nam ter estudado isto, nam era bom para o Foro. Mas pergunto agora: Quantos Jurisconsultos acha V. P. que, antes de intrarem nos-empregos, tenham feito estas preparafcoens; e se-instruitem de tudo, o que é necessario para eles? eu duvido, que se-ache um só. Mas passo adiante, e nam teria dificuldade de apostar, que será rarissimo, o que chegue a conhecer, que estas coizas são necessarias, ao Jurisconsulto forense. Em certo modo eu os-desculpo, como ja disse; porque é coiza, em que nunca ouviram, falar: e porque nella Universidade, nam a Cadeira de Historia, de Politica, e coizas semelhantes, que se-acham em outros Reinos: e que são necessarias, para estes estudos eruditos: e tudo se-reduz ao puro texto, e algumas postillas: Mas o que nam polo soffrer, é a prezunçam: e quanto estão satisfeitos de si mesmos, aqueles que nem menos sabem, que coiza é necessaria, para ser bom Jurisconsulto. Se V. P. falar a um destes Senhores, em varias materias, ouvirá coizas belissimas: mas se acazo lhe-proguntar miudamente, tudo o que é necessario, para a dita profissam; segundo o estylo do-dialogo de Socrates com Glauco; temo muito, que o dito Jurisconsulto, fique mui caladinho, e confuzo da-sua ignorancia. Contudo isto, nam achará V. P. algum destes, que nam intenda, está bem colocado, no-emprego que occupa: e que nam esteja pronto para receber, qualquer que lhe-posam dar, aindaque seja, em coizas de erudissam. O Povo engana-se com eles, e eles enganam-se consigo. Quando um homem saie, de uma cadeira da-Universidade, caidam todos, que é um anjo produzido na-terra. Ouvem dizer, que é douto em uma materia, e persuadem-se, que o-é igualmente, em todas: e eles, que nam lhe-tem conta de-zenganá-lo, aceitam limpamente, tudo quanto se-lhe-oferece. Tenho visto muitos simpleses Juristas, aceitarem o lugar de Academico, para escreverem a Historia. nunca vi nenhum que o-regeitasse, com o pretexto, de nam a-ter estudado. De que nasce isto, senam de que intende, que é capaz de tudo? O mesmo digo, de alguns destes Teologos: que, sem nunca terem aberto livro de Historia, tomam a incumbencia, de escrever uma, e às vezes bem embrulhada. Sei muito bem, que o Jurista, e Teologo, se tem estudado o que devem, são proprios para escreverem a Historia: o que digo é, que o Jurista que estuda, polo estylo de Portugal; e o Teologo que nam tem lido mais, que Teologias Especulativas, e Morais; são totalmente incapazes, dos-ditos empregos. A historia, nam se-aprende em quatro dias. Para se-divertir um homem, basta ler um livro de Historia: para a-saber, é necessario estudar muita coiza, que são os prolegomenos dela, e tela estudado muitos anos. Mas para escrever a Historia, é necessario nam só sabê-la, mas de sorte entregar-se a ella, que nam se-faça outra coiza. O que suposto, como possa ser que omens, que tem mil occupaçoens, posam em algumas ferias, ou dias interrompidos, estudar os primeiros principios, e satisfazer bem aos seus empregos; é um problema,

que eu nam intendo. O que porein daqui se-lege, V. P. o-intende, sem que eu llio-explique * * *.

O maior favor que fazem estes, que engrandecem tanto, o estudo da Lei; é reconhecer, que as coizas que apontamos, podem ser utis: mas acrescentam logo, que são incompativeis com a Lei: nam sendo possível, que um homem se-aplique com fruto, a tam diferentes coizas: porque somente a Lei pode, ocupar um homem, no-curso de uma vida dilatada. Estes amigos sempre tem prontas razoens, para desculparem a sua ignorancia. Achei algum, que se-elcandalizou, de lhe-emendarem alguns solecismos, e barbarismos, que cometèra em um parecer Latino: e afirmou mui ferriamente, que o reparar niso, era puerilidade: porque um homem douto nam devia olhar, para tais coizas, que são só proprias de rapazes. Mas quem se-poderá persuadir, de semelhantes razoens? Confesso ingenuamente a V. P. que quando ouço falar assim, homens que profesam letras, envergonho-me de os-ouvir. Quem chega a reconhecer, a utilidade daqueles estudos, para intender a Lei, e nam confessa a necessidade; ou é teimozo, ou louco. Porque se eu confesso, que é util, devo conhecer, que a intelligencia da-Lei se-funda, naquelles tais conhecimentos: de que saie por-legitima consequencia, a necessidade. Nem é possível que eu confessa, que coiza é Lei, sem conhecer, que se-intende e explica, com a Istoria: que se-funda, na razam natural: e coizas semelhantes. De que se-conclue, a necessidade. O que suposto, torno a dizer, que os que assim respondem, nam sabem que coiza é Lei. Alem disto persuadir-se, que a Lei nam é compativel, com aqueles estudos; é outra frenezia semelhante. Confesso, que o-nam-seja a estes, que seguem o metodo que apontei, e pasam de um tratado para outro, sem advertencia, nem conexam: que cuidam somente, em encher a cabeça de textos: e que lem por-si, e refletem polo juizo dos-outros. Mas quem estuda com metodo, e le primeiro o que deve ler, e saber; e reconhece que coiza é Lei, e como se-deve estudar; em trez ou quatro anos pode saber mais Leis, do que muitos que pasáram a sua vida nelas. Nam consiste este estudo, em meter muitas leis na cabeça; como ignorantemente fazem muitos, que procuram nam dizer palavra, que nam seja fundada em alguma lei: esta é uma afetação ridicula, e que só se encontra em peioas, de pouco juizo. Se a coiza é clara, nam é necessario lei, para que a-intendamos. Ninguem julgou nunca, que um homem que injustamente mata outro, é digno de morte, porque o-dise Justiniano: mas porque assim o-mostra a boa razam. o ponto todo está em averiguar, se neste ou naquele cazo, justamente o-acometeo. Onde querer provar aquella maior, com muitas leis, é ter pouco juizo. Cicero naqule seu famoso arrezoadado, em que defendeo Tito Anio Milo, nam se-cansou em provar, aquella maior: *vim vi repellere licet.* mas supola

nota a todos: nam pelas leis Civis, mas pelas Naturais (1): e passou a provar o que devia, que Clodio injustamente acometèra, a Milo. O mesmo digo em muitas outras coizas, em que todos os dias, ouvimos repetir leis superfluamente. Menos memoria, e mais juizo se-requer, tanto no-Patrono, como no-Juiz. Se o-consideramos bem, fomente por-esta cauza o estudo da-Lei parece inoportavel, porque se-estudam mil ridicularias, que nam se-devem estudar: e nam se-reduz a Lei, aos primeiros principios.

Alem diso, se nós consideramos, quanto tempo neste Reino se-perde, nestes estudos; fica bem claro, que todos os oito anos de Leis, se-reduzem a um, ou dois: e pode ser, que ainda a menos. E assim fica bastante tempo, para poder estudar, o que é necessario. muito mais porque lansando bons fundamentos ao principio, tudo o mais é facil. Toda a razam desta dificuldade que se-acha, se-reduz ao metodo. Quem perde seis e sete anos, estudando a Gramatica comua, para intender um bocado de muito mau Latim: quem perde trez ou quatro anos, com a Filozofia Peripatetica, que nada serve para a Lei: e depois diso perde outros oito anos, com o estudo das-Leis, segundo o estilo dito: este omem tem razam de se-queixar, do-que nós lhe-propomos: e com razam presumirá, que, para estudar o que apontamos, se-requer a vida de um omem: e que nunca chegará o cazo de poder satisfazer as obrigaçoens, dos-empregos que occupa. Mas nam é deste omem, de quem nós falamos. Porque se-ele soubese, que a Gramatica, e Latim, se-podem saber em dois anos; e a Retorica; no-terceiro: que um simplez ano de Logica, se for boa, e bem explicada, lhe-pode dar grande luz, para intender a Lei: que lendo bem uma Etica, antes de intrar na Lei, e intendendo bem a latoria, tem feito a metade do-caminho. &c. Entam compreenderia, que lhe-aconselhamos, nam coizas impossiveis, mas mui facis: e que, seguindo a Lei polo metodo que dizemos, nam empregaria tanto tempo, e fãiria com mais utilidade. E, tendo bebido estes principios, ficava apto para no-discurso da-vida, e dos-estudos, adiantar-se incrivelmente. Onde a razam intrinseca persuade, que o Jurista pode, e deve saber, outras muitas coizas.

Temos alem diso a razam extrinseca, que é o exemplo das-outras Naçoens: nas quais os Jurisconsultos, tem produzido obras maravilhozas, nam só em Leis, mas em Filologia, e Letras Umanas, e linguas Orientais. E atrevo-me a dizer, que os Jurisconsultos tem escrito melhor, nestas duas ultimas materias, doque muitos, que fazem profissam delas. O estudo das-leis antigas conduz um omem insensivelmente a examinar, os antigos monumen-

TOM. II.

R

tos

(1) *Est igitur hæc, Judices, non scripta, sed nata lex: quam non didicimus, accepimus, legimus: verum ex natura ipsa arripuimus, hausimus, expressimus: ad quam non docti, sed facti; non instituti, sed imbuti sumus. ut si vi-*

ta nostra in aliquas insidias, si in vim, si in tela aut latronum, aut inimicorum incidisset; omnis honesta ratio esset expediendæ salutis. Cicero Orat. pro Milone num. 4.

tos da-Latinidade: e a ser um grande Latino. As Leis nam se-podem saber, sem entender o Grego; vistoque muitas constituições Imperiais, foram escritas em Grego: postos os quais principios, abre-se a porta, a toda a outra sorte de estudos. Alem de que oje, é costume moderno, que os Jurisconsultos entendam bem, estas duas linguas; e escrevam a Latina perfeitamente; contudo ainda nos-seculos menos polidos, que foram o 16. &c. se-executoiu isto muito bem. Podia citar a V. P. duzias de Jurisconsultos, que nam só escreveram bem Latim, e Grego; mas que nas linguas Orientais, foram insignes: muitos que escreveram sobre a Latinidade, como ninguem: que foram grandes Historicos, Poetas &c. Quem soube melhor Grego, e Latim no-16. seculo, que *Budeo*, *Alciato*, *Duareno*, *Latinio*, *Leunclavio*, *Pancirolo*, *Jeronimo Wolfio* &c.? Quem chegou à pureza da-Latinidade, de *Mureto*, *Gisauio*, *Antonio Agostinho*, *Pitheo*, *Hotomano* &c. muitos dos-quais tambem escreveram, sobre a lingua Latina? Aonde se-acha um poeta Latino, semelhante a *Buchanam*, e *Baudio*? Alem diso, se V. P. examina a erudição de muitos deles, achará, que nam pararam aqui, mas pasaram muito adiante: e que foram, alem de grandes Historicos, grandes Criticos, isto é, omens de juizo exato, na noticia dos-autores, e antiguidades. *Brodeo* sabia Grego, Ebraico, Caldaico, e Latim, na ultima perfeição, e era um critico excelente. *Mercier*, foi famoso no-Grego, Ebreo, Caldeo, Latim, e comentou otimamente a Escritura. *Masio*, alem de ser Filozof, soube bem Grego, Latim, Ebreo, Caldeo, Siriaco. Achan-se no-mesmo tempo muitos, que foram juntamente bons Teologos: deste numero é, *Mercier*, *Balduino*, *Jacob Bilio*, que alem de Teologo, foi tambem Matematico, Poeta, douto em Grego, e Latim. *Martin del Rio*, que soube o mesmo &c. posso acrescentar o mesmo *Cujacio*, que, alem de saber bem Grego, e Latim, soube perfeitamente a Historia da-Igreja. E por-nam deixar de nomiar um Portuguez, apontarei tambem o exemplo, de *Antonio de Goveia* Bejense: o qual indo menino para Franca, onde estudou, e ensinou; nam só foi um dos-mais doutos Jurisconsultos do-seu seculo; mas famosissimo Filozof Peripatetico; em cuja materia escreveu, contra *Pedro Rauo*: foi insigne Poeta, e Retorico: eruditissimo em Latim, e Grego: venerado em tudo do-mesmo *Cujacio*. Veja V. P. o que pode fazer um Portuguez, se tem quem o-ensine bem. Se passamos ao seculo 17. vemos que se-aumenta o numero, dos-doutos Jurisconsultos. *Morneo du Plessis* nam só era um doutissimo Teologo, mas Filologo insigne: sabia Grego, Latim, Ebraico, como a sua propria lingua. *Grutero*, tambem era um Filologo, e Critico erudito: bom Grego, e Latino. *Cuneo* é um daqueles omens, que tem poucos semelhantes: a sua Latinidade parece do-seculo de Augusto: era alem diso Poeta Grego, e Latino excelente: era bom Orador: sabia bem as linguas Orientais, Ebreia, Caldeia, Siriaca. *Salmasio*, e *Gronovio* o velho, nam só eram bons Criticos, e escreveram bem Grego, e Latim, mas eram Polihistores, e maiores que todo o louvor. *Joan Selden*

Selden, era um perfeito Historico, Cronologo, Filologo, e Critico: possuia perfeitamente Grego, Ebreo, Siriaco, Caldeo. *Rigaltio*, alem de ser muito erudito em Grego, e Latim, comentou e fez notas, a infinitos autores Ecclesiasticos, e Profanos. Finalmente quem pode nomiar sem admirar, *Ugo Grocio*, aquelle milagre de Olanda! Nam se-acha no-seu tempo, poeta Latino igual, em todo o genero de metro. Era Orador consumado, Historiador, Critico, Politico, Filologo. Na Latinidade é purissimo: no-Grego, Ebreo, Caldeo, Siriaco eruditissimo. Mas isto é nada: foi um dos-maiores Theologos do-seu seculo, e um dos-mais doutos Interpretes, da-Escuritura.

Fico aqui: por-nam fazer livro inteiro. o que succederia, se quizesse nomiar todos, os que me-ocorrem. Dos-que tenho apontado, se-conclue muito bem, quam grande fosse, a erudicam destes omens. Eles eram todos Jurisconsultos de profiam: muitos deles, catedraticos: e alguns eram ministros de Principes, e Republicas. Contudo a maior parte deles, nam só compoz, nas materias que aponto, mas fizeram alguns tratados particulares, e eruditissimos de Direito: o que facilmente conhecerà, quem revolver as suas obras, que sam notas, a todo o mundo Literario. Estes exemplos provam bem, o que pode fazer, um Jurisconsulto aplicado. Nam cito exemplos da-India, ou Japam: os que aponto sam daquelas Nafuens, que estam vizinhas: pola maior parte sam Francezes, Inglezes, Olandezes, Alemaens. Em uma palavra, sam das-mesmas Nafuens, que os Jurisconsultos Portuguezes desprezam: e a quem chamam ignorantes. E se esta erudicam tam particular, se-acha entre omens, que se-reputam rudes; porque nam se-á-de achar entre estes, que se-prezam de futilidade? Acrescento a isto, que ainda em um seculo tam ignorante como foi o XIV. conhecèram alguns Jurisconsultos, que mui bem se-podiam aplicar, a outras coizas. *Bartolo de Saxoferrato*, que pasou toda a sua vida ensinando, e escrevendo; contudo estudou Matematica, e Lingua Ebraica: como nos-ensina o Genebrardo, na sua Cronologia, e o Vossio na Filologia; por-nam trazer outros exemplos. Com que verá V. P. que estes que assim respondem, nam tem desculpa, na sua ignorancia. Sam teimozos, e obstinados, em nam admitir a razam: e sam inconstantes, nas suas mesmas razoens. Quando lhe-tem conta, os Estrangeiros nada sabem, e só eles sabem: quando lhe-argumentam, com o exemplos os-Estrangeiros; respondem, que a Lei deve ocupar, toda a vida de um omen: no-que vem a confesar-se inferiores, aos Estrangeiros: os quais certamente se-ocupam, e sabem muitas mais coizas diferentes. Sede la cura com tais freguezes! O que se-colhe daqui é, que injustamente se-condenam, as Nafuens estrangeiras: e que com grande razam se-deve condenar, o estylo de Portugal.

Mas ja me-parece que V. P. enfastiado de um tam comprido discurso, para persuadir uma coiza, que é bem manifesta; me-pede, que aponte brevemente, o sistema de estudar a Lei, segundo as reflexoens propostas. E aindaque do-que disse, se-podia intender muito bem; contudo, para facilitar a

intelligencia, aos que nam se-querem canjar, o-farei brevemente; fazendo primeiro, algumas reflexoens.

A lei comua é uma coleçam das-leis Romanas, que parte nos-tempos da Republica, parte no-dos-Imperadores se-fizeram, em-diversos cazos, e circumstancias. Em todos os tempos, e todas as Naçoens cultas, achamos Legisladores. Moizes é o mais antigo de todos: cujas leis ensinou Deus, e ele escreveo. Mercurio Trifnegillo o-foi dos-Egicios. Minos dos-Candios. Pitagoras dos-Povos da-Magna Grecia: como tambem Carondas, e Zeleuco. Licurgo de Sparta. Dracon, e Solon de Atenas. A estes seguiram-se os Romanos. As primeiras leis deles, foram propostas polo Senado, que na fundaçam de Roma criara Romulo, e confirmadas polo Povo. Papirio, que vivia no-tempo de Tarquinio Prisco, foi o primeiro que compoz, a Coleçam das-leis Regias. Desterrados os Reis, o Povo anulou as suas leis, em certas coizas: e Roma em parte, viveo com um Direito incerto: até que obrigado o Senado, polos Tribunos do-Povo, mandou omens à Grecia, buscar as melhores leis, daquelas Republicas: de que se-compuzeram, as leis das-doze Taboas: que foram todo o fundamento, da-lei Romana. A brevidade, e severidade destas leis deu lugar, à interpretação dos-Prudentes, e ao Edito dos-Pretor: os primeiros, explicaram o intento da-lei: os segundos, mitigaram o rigor, e suprimam as faltas. E como os Patricios invejavam aos Plebeos, terem usurpado alguns magistrados, que antes nam tinham; para se-distinguirem destes, e serem necesarios na Republica, inventaram mil formulas novas de Direito, e as-ocultaram com todo o cuidado. Aumentando-se sensivelmente tudo isto, comelou o estudo da-Lei, a ser dificultozo. E aqui comesam a apparecer os Jurisconsultos, os quais se-aplicavam a ele, para subir aos primeiros cargos da Republica: de que largamente fala Cicero, nos-seus tratados Retoricos.

Estes Jurisconsultos eram meros Consistentes: mas Augusto, que queria inclinar suavemente, as leis da Republica, para a Monarchia; elegeo alguns dos-seus amigos, e clientes, para que só eles respondesem *de jure*; e deu forçã de lei, às suas respostas. O mesmo fizeram, outros Imperadores seguintes até Justiniano: o qual das-ditas obras, e outras colleçoens de leis de alguns antecessores, fez a coleçam de Leis, que oje temos. Primeiro publicou o Codigo, no-ano 529. depois as Instituiçoens, no-ano 533. e no-seguinte ano as Pandetas, as quais ja estavam acabadas, antes das-Instituiçoens: e nele mesmo ano 534. reformou o Codigo. Feito isto, mandou executálas em Italia, que pouco depois aquistou, deitando fóra os Godos: dos-quais seu Rei Alarico, tambem tinha publicado, um Codigo de leis; que, ainda que palse com o nome de Teodoziano, é diferente, do-de Teodozio. Mas poucos anos depois da-sua morte, e no-tempo de seu sucesor Justino, intraram os Longobardos em Italia, no-ano 568. Desorteque, tirando o Exarcado de Ravenna, o Ducado Romano, as Ilhas de Veneza, o Ducado de Napoles, e algumas Cidades marítimas; que continuaram na obediencia, dos-Imperadores Gregos,

gos, e com as leis Romanas; (e ainda nestas partes, só tinha alguma estima-
 lam, o Código, e as Novelas de Justiniano) toda a Italia ficou sujeita, aos
 Longobardos: os quais, desprezando as leis Romanas, compuzeram as Lon-
 gobardicas: a que ao de pois acrescentaram outras, os Francezes que domina-
 ram em Italia. E isto durou, até o fim do-seculo XI. Nesta era, que compre-
 ende Longobardos, Francezes, e Tudescos, nam era alguém obrigado, a
 seguir as leis Romanas: mas nem menos era proibido: e podiam os Roma-
 nos, que se achavam naquelas partes, e outros por-costume antigo, servir-
 se das leis Romanas: o que principalmente faziam, os Ecclesiasticos. Alem
 dos-Juizes Longobardos, aviam outros Romanos; quero dizer, que julgavam
 segundo as leis Romanas: ainda que conjeturam os omens doutos, que lomen-
 te se serviam, de algum compendio do-Código, ou, quando muito, das-Ins-
 tituições. E avendo tantos Romanos em França, e Espanha, no-dito tem-
 po; por-esta razão a lei Romana, ja introduzida neles, nam se-extinguio to-
 talmente, nos-ditos paizes: ainda que a noticia era pouca, porque a copia de
 tam grossos volumes, custava muito, e raramente se-obtinha: e os Impera-
 dores Francezes, tinham permitido aos Romanos, servir-se de uma de trez,
 ou da-Lei Longobarda, ou Romana, ou Franceza.

No-principio do-seculo XII. apparece o Digesto em Bolonha: e Irnerio
 professor publico de letras humanas, na escola da-dita Cidade, (este tinha estu-
 dado leis, em Constantinopoli) namorando-se do-dito livro, publicamente o
 explicou. De cuja escola saíram alguns, que foram explicar leis em outras
 partes, nam só de Italia, mas da-Europa, v. g. em França, Inglaterra &c.
 Depois, polos anos 1137. appareceram em Piza os ditos Digestos, a que cha-
 mam Florentinos. Mas nem o Imperador Lotario II. anulou no-ano 1136. as
 leis Longobardicas, como muitos intendem; nem Imperador algum daque-
 les tempos, exprelamente confirmou; a lei Romana, ou obrigou os Povos
 de-Italia, a seguila. Mas insensivelmente de umas escolas, pasou para outras:
 e, quando estava bem introduzida, das-escolas pouco a pouco, para os-tribu-
 nais. Com a introduçam do-direito Romano, que sem duvida é mais racio-
 navel, pouco a pouco se-foram esquecendo, as leis Longobardicas. E este es-
 tilo de Italia, espalhou-se por-outros paizes. Neste tempo as Cidades livres de
 Italia, foram fazendo os seus estatutos, conformes aos seus costumes, e por-
 consequencia, menos conformes, à lei de Justiniano. Estes se-aperfeisoaram
 no-seculo XV. e XVI. e entam tiveram força maior, que a Lei de Justini-
 ano. Deste modo as leis Romanas, só tem força nos-tribunais, ou porque é
 costume, nas coizas que nam se-acham nos-estatutos, servir-se da-lei comua;
 ou porque assim o-manda, o estatuto. Por-este mesmo estilo, se-introduzio ela
 tambem, nas mais partes da-Europa. Nas quais vio-se obrigada, ceder o pri-
 meiro lugar, aos costumes, e outras leis municipais, dos-ditos Reinos.

Estas leis, que pareciam obscuras, comesaram na Italia a explicar, alguns
 Jurisconsultos, fazendo ou Sumas, ou Glozas. Deste numero foram, *Irnerio,*
Ro-

Rogério, Bulgaro, Placentino, B. isiano, Azone, e alguns outros: mas sobre todos, nos-principios no-seculo XIII. *Acurfio &c.* Tendo asim começado as explicaçoens, aumentaram-se sensivelmente, no-seguinte seculo XIV. noqual appareço, uma turba imensa de Jurisconsultos, *Bartolo, Baldo, Tratagna, Saliceti, Paulo de Castro, Jafone &c.* Estes omens naquele tempo eram venerados: mas, para dizer a verdade, eram aindaque doutos, ignorantes das antiguidades: delorteque abríram a porta, a mil futilizas: o que deu materia, de engrolar tanto os volumes legais, que oje nam se-podem suportar. No-seculo XVI. apparecêram omens, que, serviudo-se da-noticia da-Antiguidade, interpretaram melhor as leis. Deste numero foram, *Cujacio, Mureto, Holomano, Gotofredo, Antonio Fabro &c.* os quais com a sua profunda erudisam, mostraram os erros dos-antecedentes, no-explicar o Codigo, e Digestos: e nos-deram mais acertadas interpretaçoens. E entam é que parece, que se-espalhou este estudo, polas mais partes da-Europa. Contudoiso, de entam para ca, quero dizer, nestes ultimos dois seculos, é que apparecêram tantos *Tratadistas, e Consulentes de Direito*, que todo o trabalho de muitos doutos interpretes, das-leis Romanas, que entam apparecêram, pouco ou nada aproveitou, à Republica civil. Esta é a serie do-direito Civil: na qual manifestamente se-conhece, a necessidade que tem o Jurisconsulto, do-estudo da-Istoria: visto ser ela a que mostra, por-que fim, e em que circumstancias, e tempo, foram feitas as ditas leis: muitas das quais parecem contrarias, às outras. Comque, daqui é que deve o estudante, comeiar o estudo da-Lei.

Suponho pois, que o dito moço tem estudado, trez anos de Filozofia, como apontei, nas minhas antecedentes cartas: quero dizer, que tem estudado aquella Logica, que ensina a julgar bem, em toda a materia: e aquella Fizica, que ensina a formar verdadeiro conceito, do-que é natureza criada, e incriada. Se este moço tem lido no-terceiro ano, a Etica, pode pafar adiante: se a-nam-tem lido, é necessario, que primeiro a-estude. E nam deve estudar fomento aquella Etica, que trata do-sumo bem, e direito Natural; mas tambem a que trata, do-direito das-Gentes: em breve fim, mas deve entendê-la bem. Tendo visto quais sam as fontes, do-Direito todo, deve pafar a estudar, a istoria Romana. E como esta nam se-posa intender bem, sem intender ao menos, a istoria Universal; por-iso deve estudála: E no-mesmo tempo tomar alguma ideia, da-Cronologia, e seus principios: e juntamente procurar na carta Geografica, os lugares, e provincias, de que se-faz mençam: pois desta sorte, nam só intenderá melhor a Istoria; mas conservará perpetuamente, a memoria dela. Sem Cronologia, e Geografia, é superfluo ler a Istoria, porque nam se-intende. Nam me-cansarei agora, em apontar autores: basta dizer, que isto se-pode estudar pelo *Valemont*, que está traduzido em Portuguez. A noticia que ele dá, é a que basta, a um principiante: pois com o tempo, pode-se dilatar a tal noticia, e estudar perfeitamente a Istoria. Se o estudante tiver alguma noticia disto, basta que pafie logo, a istoria Romana:

a qual é necessário intender perfeitamente: pois quem a sabe bem, tem o commentario perpetuo, da Lei. Damesma sorte que quem sabe a istoria dos Judeos, seus costumes, e uzos &c. percebe facilmente, toda a Escritura. Onde é necessário saber, a istoria da Republica Romana, desde o seu principio, até o tempo de Augusto: a qual só se-intende, sabendo primeiro os uzos, e costumes deles. Para isto pode servir o Cantelio, *Respublica Romana* 12. da edisam de Utrech 1696., que é a mais correta: ou alguma das de Veneza, feita por-esta. Neste livro se-explicam suficientemente, as antiguidades Romanas. Pode-se ajuntar a este, o Nieuport = *Ritum qui olim apud Romanos obtinuerunt, succinta explicatio*. 8. Isto basta para um principiante: visto que um homem que quize se, internar-se nesta istoria, deveria ler o Roisino = *Antiquitates Romanae cum Thomae Dempsteri Paralipomenis* 4. o Lazio = *de Romana Republica*. ou tambem a *Noticia Imperii Romani, cum coment. Panciolti*. fol. E quem quizer saber melhor isto, deve ler o Sigonio, = *de Jure Civitum Romanorum &c. de Antiquo Romanarum Provinciarum jure &c.* o Bullengero, *de Romano Imperatore*: e tambem = *de Romano Imperio, & Magistratibus &c.* o Manucio = *de Romano Senatu: = de Romanis legibus &c.* Mas para o principiante, basta o que digo: o homem adiantado, pode servir-se dos que aponto. Depois disto, deve ler em compendio, a istoria Romana. O Nieuport escreveu uma Latina boa, e nam ditusa em 4. Nam aponto outros, que se-acham em varias linguas, porque nam fazem ao caso. Entre os Francezes, nam é mau o *Dupleix* fol. 2. O *Catrou*, e *Rouillé* escreveram a istoria da Republica mui bem: mas sam 18. volumes in 4. Francezes, ou Italianos: e nam sam para rapazes.

Segue-se a istoria dos Imperadores, até a destruisam do Imperio Romano, no-Occidente: e depois, ler a istoria Romana no-Oriente, até o tempo de Justiniano, e seus sucesores. Quem deixase esta istoria, no fim do sexto seculo da Igreja, eu o nam-condenaria: ainda que seria muito melhor, que continuase a do-Oriente, até a destruisam do-dito Imperio, no-meio do seculo XV. e a do-Occidente, que a-continuase, até o tempo presente. Ao menos, que se-achasse a istoria dos Imperadores: e as revolusoes que teve este Imperio Romano: e o modo com que acabou em Alemanha: onde oje existe somente o nome: e a razam por-que se-conservou, este nome. A falar verdade é loucura persuadir-se, como muitos fazem, que o Imperio Romano exista oje, em Alemanha. Conserva-se o nome, por-fins politicos: mas o que possui o Imperador em Alemanha, é nada, em comparasam do Imperio Romano: e ainda unindo a isto, todos os estados que possui, a casa de Austria; nam é mais que uma pequena provincia, do-antigo Imperio Romano. Mas o saber esta istoria é mui util, para intender as leis mais modernas, os uzos dos Feudos &c. A istoria dos Imperadores Romanos até Honorio, escreveu maravilhosamente M. de *Tillemont*, em Francez. Tambem o *Coeffeteau* escreveu em Francez, a istoria dos Imperadores, até Constantino Magno. fol. é mais breve

que

que o *Tillemont*, e ambos são famosos. Um só autor tratou esta história, desde o principio da Republica, até o ano 1500. depois de Cristo, melhor que ninguém. este é *M. Echard*. Mas escreve em Inglez: ainda que já o temos traduzido em Francez, até Constantino Magno, trezentos anos depois de Cristo. Quem não tiver outro, pode ler o *Egnatius*, que escreve em Latim, a história dos Imperadores, desde Julio Cezar, até Maximiliano I. em 8. ou o *Cuspiniano*, que escreve até o mesmo tempo, fol. ou o *Ejtrada*, que continua a dita história desde o principio, até Matias I. fol. Estes são Latinos.

Tendo o estudante lido bem, a história Romana, a qual dá luz para entender, as leis Romanas; deve, antes de fazer outro passo, ler a história do direito Civil, principalmente do Romano. Conheço, que a história Romana bem entendida, supre esta notícia: mas como não é fácil, que um estudante principiante, colha por si mesmo da dita história, o que deve; por isto me parece muito necessário, que busque algum autor, que lha ponha em breve. *Valentin Forsteri* escreveu no principio do seculo pasado, esta história: a qual se imprimio, um ano depois da sua morte em 1609. Nos fins do dito seculo compoz a mesma em 12. o *Doujat*, e é mais estimado, que o outro. *Claudio Jozè de Ferrieres*, escreveu a mesma história em Francez: mas é moderno, e bom. Em falta deles, pode servir o *Paulo Manucio*, *Antonio Agostinho*, *Hottomano*: mas melhor que todos, *Paulo Merula*: que escreveram *de Historia legum Romanarum, & Senatusconsultorum*: ou *Pancirolli*, e tambem o *Gravina*, que escreveu no presente seculo = *de Origine & progressu Juris* 4. ainda que é um pouco obscuro, e difuzo. Julga-se porem que melhor que todos, escreveu nesta materia, *Guilhermo Grocio*. Deve aqui o estudante, entender miudissimamente, toda a sorte de Magistrados, e Leis: e a história dos Jurisconsultos, e suas setas. Com estas notícias pode passar logo, às Instituições de Justiniano, que entenderá facilissimamente: advertindo porem, de fugir de toda a sorte de comentarios. Eu não permitiria, que o estudante lese, senão pelo *Perezio*, ou ainda melhor, pelo *Heinecio*: que escrevem uma breve parafrase, das Instituições: e o *Heinecio* escreve a história das Antiguidades, seguindo a ordem dos titulos das Instituições: e tambem uma breve história, do Direito Romano-Germanico. Todos os mais comentadores são impertinentes, e confuzos: e pouco proprios, para principiantes. Dos-quais digo, o que já disse um homem douto, dos comentarios do *Cardial Caietano* sobre S. Tomaz, que depois que os comentadores, explicaram S. Tomaz, ninguém o entendeo. Da mesma sorte eu digo de Justiniano, que depois que os interpretes o explicaram bem, reduziram-no a estado, de não se poder entender. E a razão disto é, porque querem descobrir nas suas palavras, tanta justiça, e tais misterios; que lhe atribuem muita coisa, que ele não quiz dizer.

Estes tais idolatras de Justiniano supoem, que o seu legislador teve, revelações divinas: e com esta ideia, não se resolvem a dizer, que disse mal em muitas coisas, e se contradizem em outras: mas tudo querem justificar. Po-

tem nisto enganam-se manifestamente. Justiniano era um Príncipe imprudente, inconstante, e pouco proprio para legislador. Era tam inclinado a decidir tudo ou bem, ou mal, que tambem quiz fazer leis, em materia de religiam. Publicou muitas leis más, e mudou muitas imprudentemente. Os que compuzeram a colesam do-Direito, tambem sabiam pouco o seu officio: e nam puderam evitar muitos erros, e inganos: especialmente Triboniano era imprudente, e pouco veridico. Os Imperadores do-Oriente, conhecêram mui bem, estes defeitos em Justiniauo. O Imperador Bazilio Macedonico, como diz Cedreno nos-seus Anais, condenava a grande extensam de Justiniano, e falta de clareza, e de ordem: e com effeito para uzo seu, publicou um compendio, do-Codigo de Justiniano. Seu filho Lean publicou, outro compendio das-Pandetas: e outros Imperadores Gregos, conhecendo a insuficiencia daquela obra, fizeram tambem epitomes do-Direito. Os mesmos Visigotos, preferiam o Codigo de Teodozio, ao de Justiniano. Onde, quem nam conhece isto, nam é bom para comentador. Por-este motivo é necessaria a istorya, para vermos, como se-devem intender, e tomar as coizas: e por-este mesmo principio, nam devemos fazer cazo, do-que dizem muitos interpretes.

Confeso a V. P. que tendo visto, muitos comentadores das-Instituisoens, e alguns bem pouco conhecidos, neste Reino; nam vi algum, que se-pudese tolerar, e que nam disese coizas indignas. Ou dizem coizas mal fundadas, ou se-metem a explicar coizas, que se-intendem melhor, quando se-nam-explicam: e persuado-me, que nenhum omem de juizo, que examinar sem paixão os ditos livros, dirá, que se-podem ler com paciencia. Mas, sem sair dos comuns, cuidava eu uma vez, que o *Vinio*, que mostrou bom juizo em muitas coizas, o-tinha tambem nesta: mas examinando melhor o dito livro achei que era o mesmo, que os outros: e talvez pior um pouco; porque afeta muita futilidade, e filozofia Peripatetica. Cada palavra um comento. As notas sam ainda piores, que o comentario. Ri muito, quando achei no-primeiro titulo, explicada a palavra *Generaliter*, desta sorte: *cursim, obiter, summatim*. E eu seguro a V. P. que se-intende melhor, ouvindo dizer a Justiniano: *Hic igitur generaliter cognitis &c.* doque lendo a dita interpretasam. Cada difinisam das-Instituisoens, deve ser feita por-genero, e diferenca, e com todas as solenidades, dos-Peripateticos. Nam quero sair da-mais celebre, que é a da Jurisprudencia, a qual deu *Ulpiano* (1), e repete Justiniano nas Instituisoens *Jurisprudencia est divinarum, atque humanarum rerum notitia, justis, & injustis scientia* =. Esta difinisam tem quebrado a cabeça, aos Jurisconsultos, que por-bem, e por-mal querem, que seja boa. Se *Ulpiano* parase em dizer, que era ciencia do-justo; e injusto, podia-se perdoar: mas dizer, que comprehende as coizas divinas, e humanas; é querer, que lhe-chamenos Enciclopedia: ou, para o-dizer mais claro, é querer, que demos uma rizada. Contudo isto, os Juristas nam sam dessa opiniam: e defendem mui seriamente, que dise bem.

TOM. II.

S

Acur-

(1) L. *Justitia est constans. ff. de Justitia, & Jure.*

Acurſu pergunta, ſe ſerá neceſario, que o Legiſta eſtude Teologia: e reſponde que nam: *Nam omnia in corpore Juris inventuntur.* Famoſo livro deve ſer eſte das-Leis! Mas aindaque ele comprehendêſe, o direito Canonico; é certo, que nele nam ſe-acha a Teologia, Filozofia, Mathematica, &c. onde vem ſempre a dizer uma falſidade. *Gotofredo* explica aſim: = *Quia conjuncta fuit olim Juris divini, & humani ſcientia.* Se diſeſe, *Juris divini, & humani notitia*, poderſe-ia perdoar a *Ulpiano*: mas nam ſe-pode perdoar o dizer, *Divinarum, & humanarum rerum.* O bom *Vinio*, parecendo-lhe a explicação de *Gotofredo*, mui popular, dá uma, a que ele chama ſutil; mas que é pior que a popular. *Nempe haetenus res divinas, & humanas eſſe objectum hujus ſcientia, quatenus ea, cum de jure harum rerum quaeritur, quid juſtum, aut injuſtum, ſit doceat.* Mas que coiza ve V. P. neſta explicação, que nam ſeja pior, que as antecedentes? É melhor dizer, que *juſtiniano* quiz falar, do-Direito de entam, doque querer defender, que a *Juriſprudencia*, ſerve para tudo. Gritaram logo os Teologos, que nam ſerve para eles, pois tem leis mais certas: gritaram os meſmos Pragmaticos legais, e diram, que ſe tudo ſe-acháſe, no-corpo das-Leis, ſeriam ſuperfluos tantos doutores, que acrecentaram limitaçoens. &c.

Niſto verá V. P. que tais ſam, as limitaçoens deſtes interpretes; e, ſe quizer abrir o dito livro, e examiná-lo em muitos e muitos lugares, achará o meſmo. Deſorteque um omem que ſaiba, que coiza é metodo, e intenda bem Latim; nam pode menos que rir-ſe, deſtes comentarios todos. Pois que, dirme-ám, nam devemos comentar as Inſtituiçoens? e eu reſpondo, que para rapazes, nam. Somente permetiria fazer algumas breves notas, em dois cazos: um, quando foſe lugar oſcuro, e neceſitáſe de iſtoria; apontar brevemente a dita erudição: porque iſto baſta ao rapaz, que tem lido a Iſtoria, e ritos Romanos. O outro cazo era, quando ſe-tratáſe de alguma lei velha, que ja nam eſtá em uzo, ou que ſe-acha revogada, por-outra Civil, ou Canonica; advertilo brevemente, em uma nota. Iſto baſtava: e deſta ſorte ſe-intenderiam bem as coizas, e em menos tempo. Onde concluo, que o principiante deve fugir, de todos os comentarios: e ler a primeira vez, as Inſtituiçoens: na ſegunda, notar no-ſeu caderno, em que tenha diſpoſtos os titulos delas, as coizas que apontamos: perguntando ao meſtre, quais ſam as leis revogadas &c. E quando nam tiveſe ocaſiam; de lho-perguntar; só em tal cazo, e com algumas cautelas lhe-permetiria, ler o mais curto expoſitor: e ſomente no-dito ponto. Nos-ſeguintes anos, quando ja o eſtudante é adiantado; entam pode ler um expoſitor, que, alem do-dito, rezolva algumas queſtoens, que naceſem do-texto: e proponha todas as limitaçoens &c. porque um omem adiantado, quando abre um livro, ſabe o que deve bulcar, e deixar: mas um rapaz confunde-ſe, com aquella machina de coizas. Digo poreſ, que ſeria mui neceſario, que algum omem douto, regulando-ſe pelo *Heinecio*, deſpoſáſe o *Vinio*, de todas as ſutilezas, e ſuperfluidades que tem: deixando-lhe uni-

unicamente, as notas dos-lugares obscuros: e apontando, como digo, algumas questões utis para o foro. Deviam porém advertir aos rapazes, que as simples notas, são para eles: e que as *questões*, são para os adiantados: porque as coisas claras, não têm necessidade de explicação: e as que são necessárias para o foro, basta que se-apontem, em breve. Pois é certo, que nenhum Advogado se-contenta, com a notícia que dão as Instituições, sem ir ver os outros interpretes do-Direito, ou Traductas, ou Consultentes.

Este é o defeito principal que eu acho, em todos os Jurisconsultos, falta de método. Nenhum facilita a intelligencia, das-coisas que trata: nenhum se-contenta de dizer pouco, contantoque diga bem: todo o ponto está, em acarretar erudição, e amontoar textos; sem pés nem cabeça. Como se para um homem ser bom Jurista, tivesse necessidade, de saber quantos textos se-acham, no-direito Civil, sobre a mesma materia! Isto é o que se-tem procurado emendar, no-século presente: dispondo as coisas de maneira, que sirvam a todos. E isto é aquilo mesmo que, em quanto não apparece um bom livro, deve ensinar aos discipulos, um mestre douto, e que verdadeiramente ame, o bem do-Publico. Seria muito melhor, que nas escolas, quando explica as Instituições, trouxesse o leitor de casa um caderno, com as notas necessárias, e que o-ditasse aos principiantes: e estes, escrevendo as ditas notas, evitariam o trabalho, de abrir livros que não entendem, e fariam grande adiantamento. Neste particular, não posso deixar de louvar, o *Heinecio*. Este Jurisconsulto compoz uma breve parafrase, de todas as Instituições, com algumas notas brevissimas, e bellissimas. compoz além disto, as antiguidades Romanas, necessárias para entender as Instituições, seguindo a mesma ordem dos titulos: são 2. tominhos em 12. compoz a historia do-Direito, e alguns opusculos bellissimos. E quem não tivesse lido a historia Romana, ou do-Direito; podia em caso de necessidade, aproveitar-se destes livros; que são famosos, para as dificuldades.

Tendo pois o estudante entendido, que as Instituições são um compendio, do-que se-contem nas Pandetas, e Código; que é o mesmo que dizer, de quasi todo o corpo do-Direito: deve notar juntamente, quais são os titulos do-Direito, que já não estão em uzo, para os-deixar: porque é tempo perdido, estudar coisas, que não são de servir. E deve juntamente notar, quais são os mais famosos, de que dependem, ou para os quais se-reduzem, os outros. Para fazer isto é necessário, que abra os Digestos, e Código, e leia brevemente, os titulos das-Leis: não só para conhecer, quais deve estudar; mas também para saber, em que livros se-acham, para podê-los buscar, nas occasões. Não digo, que leia tudo: mas que busque um autor, que brevemente exponha tudo isto, segundo a ordem dos-Digestos &c. e neste compendio, observe o que digo, e se-enfrie no-método, e ordem das-Leis: o que servirá de Prolegomeno para estudar, os tratados particulares. Esta noticia pode-se alcançar, em dois mezes: e para isto pode servir, o *Sebastian*

Brunt, que é um livro em 12. impresso em Veneza em 1584. e depois, em outras partes: em que traz o rezumo dos-titulos, de ambos os Direitos: ou algum semelhante. Pode tambem servir muito, o *Daniel Venitorio*, que faz a Analize Metodica, do-Codigo, e Pandetas. Quem intendese o Francez, podia servir-se de M. *Domad*, que poz todas as leis, na sua ordem natural e metodica: sam 2. v. folio. Ele faz reflexoens tam judiciozas, e acomodadas ao cazo, que nam me-lembro de as-ter lido, em nenhuma outra parte. Seria mui util, que o estudante compuzese por-si mesmo, um rezumo dos-ditos titulos: reduzindo a uma pagina; a summa de cadaum deles: pois desta forte imprimem-se na memoria, sem grande trabalho. Porque ja disse a V. P. e nunca me-cantarei de o-repetir, que ler sem a pena na mam, e sem fazer rezumos, do-que le; é o mesmo que nam querer, saber coiza alguma. Estes mestres, que compuzeram estes livros, por-que nós oje lemos, confesam sinceramente, que os-compuzeram, para seu uzo: mas que ao depois, achando-os bons, os-publicaram. A experiencia tem mostrado, que só quem escreve o que le, é que o-intende, e se-lembra. Parece-nos muitas vezes, lendo um autor, que o-intendemos: mas quando queremos reduzir a duas palavras, o que diz, entam é que conhecemos, o noso ingano: e reconhecemos, que nam intendemos, o que quiz dizer. Com este metodo, muitos omens de pouca memoria, chegaram a ser, grandes Jurisconsultos: e deste numero foi *Bartolo*, que fazia rezumos de tudo, como diz o *Boissard*, in *Iconibus*. Mas este metodo, é totalmente ignorado, em Portugal. Nam digo somente dos-rapazes, mas ainda dos-mestres nam á quem o-faça: e conheci alguns destes, que nem menos fizeram postila; mas serviam-se de outras velhas. O estilo comum é este, ler e ler muito: e por-isto se-sabe mui pouco, e com muito trabalho. Onde digo a V. P. que devemos cuidar com empenho, em persuadir isto, aos rapazes.

Quando o moço vai lendo, pode notar, os que sam de maior utilidade; e por-lhe um sinal; para se-aplicar a eles, com o tempo. Mas o principal ponto está, em reduzir as Leis, à sua ordem natural; como deviam ser dirigidas, se a cazo *Triboniano*, e seus companheiros conhecessem, (que certamente nam conhecèram) aquilo a que nós chamamos, *Metodo*. O que nam se-acha, nos-livros do-Direito; pois em diferentes partes, e com bastante interrufam, se-trata da mesma materia. Onde, para formar verdadeira ideia, do-Direito, e estudar o que deve, deixando o que nam deve; é necessario ao estudante, nam só fazer o rezumo dos-livros; mas em outro caderno separado, fazer o seu index dos-tratados, e titulos, polo estilo que dizemos: o qual sem duvida alguma ajudará muito com o tempo, para reconhecer a coerencia, ou antinomia das-Leis. E se neste index notar, a diversidade das-Leis, e se sam, ou nam corretas &c. poderá fazer uma obra, mui util para a Cadeira, e para o Foro. Torno a dizer, que isto é um prolegomeno: e que quando muito em cinco mezes, se-pode completar: ou ainda em menos, se o estudante tiver um mestre, que o-ajude, e a quem o-queira proguntar. Mas

Mas aqui é necessário, que o estudante advirta algumas coizas, que comumente advertem, poucos Jurisconsultos. Deve pois persuadir-se, que esta Jurisprudencia, e estes livros do-Direito, nam merecem todos aqueles elogios, que verã nas glozas, e alguns interpretes, que se-oferecem. Sam bons, é verdade: tem muito boas regras, para conhecer o *justo*, e *injusto*: mas tem tambem muitos defeitos intrinsecos, e extrinsecos. Quem nam fó ma este conceito, das-leis Romanas, ingana-se muito, e nam é bom para julgar. Por-mais de seicentos anos, que os Jurisconsultos explicam estas leis, rarissimo antigo se-tem achado, que confesse planamente isto: algum mais moderno, epecialmente os Tudescos, é que o tem confesado sinceramente, como diz o *Mulzio* (1). Antes polo contrario, como afirma disse, todos os velhos defendem, a bondade destas leis, para julgar tudo. Um amigo meu respondeo a estes argumentos, e moitrou, que alguns tinha.

O primeiro defeito intrinseco consiste, nas mesmas leis, que nam exprimem claramente, a mente do-legislador; desorteque sam fugeitas, a mil interpretaçoens: ou porque nam se-intende bem, o Latim, ou por-outras razões. E isto succede tambem, nas leis municipais. A futiliza do-Jurisconsulto examina, cada palavra, sílaba, virgula, ponto, para saber o que ele disse: e em lugar de se-declarar o negocio, confunde-se com estas disputas. O segundo defeito é, porque as leis nam acautelam, todos os cazos poliveis, que sam muitos: de que naceram tantas excessões, e limitaçoens, que os Juristas dam a muitas leis, ou deduzidas de outras leis, ou da-boua razam. E aqui abre-se a porta, a mil interpretaçoens: pertendendo uns, que uma asãm vestida de certas circumstancias, se-compreenda na determinaçam desta lei: e negando-o outros. O terceiro defeito consiste, em que nam bastam elas, para descobrir, e interpretar, a vontade dos-omens: a qual se-tira dos-fatos, ou das-palavras dos-tais omens: depende da-ignorancia, ou ciencia dos-notarios, que escrevem os testamentos, doaçõens &c. É coiza mui difficultoza, descobrir isto: e sempre ouveram, e averãm demandas, sobre contratos, fideicomisõs, substituiçoens, e outras determinaçoens dos-omens: para o que nam basta, todo o corpo das-leis Romanas. O quarto defeito provem, das-diferentes ideias dos-doutores, e juizes, que as-explicam. Sam fugeitos os omens, a mil incoerencias, contraditõens, inganos &c. tem ideias gerais do-*justo*, e *injusto*: mas quando as-devem aplicar, aos cazos particulares, acham-lê embrulhados: muito mais se estas, dependem da-intensam dos-outros; para descobrir a qual, nam á regra certa. Diversificam muito os doutores, sobre o mesmo ponto. Os mesmo juizes de um só tribunal, uns affirmam, e outros negam: aindaque cadaum tenha bem examinado, a cauza. O pior é, que o mesmo

(1) *Multi de Jure Romano e finibus Germania expellendo: alii de illo in ordinem, & compendium redigendo, novoque corpore Juris formando cogi-*

tarunt. Quorum sententia utinam obtineret. Repraesent. Maest. Imperial. p. 2. c. 1. §. 6.

mesmo tribunal revoga às vezes, o que primeiro tinha determinado. Isto confessa no seu *Doutor Vulgar*, o famoso *Cardial de Luca*; succeder ainda na *Rota Romana*, que é o mais acreditado tribunal, do-mundo: = *Ainda os tribunais grandes, e primarios: onde o juiz de uma instancia revoga aquilo, que tem feito o juiz de outra. E ainda os mesmos juizes, sem nenhuma alterasam de fato, revogam aquilo, que nam somente uma, e duas; mas muitas vezes tem decedido* = Desorteque ainda no-*Foro*, o ter tido muitas sentensas pola sua parte, nam produz certeza de justisa; mas iomente, prezuniam de reto juizo. E asim nos-*cazos particulares disputaveis*, por-*confilam dos-mesmos Juristas*, só a opiniam, é a que regula tudo: nam á certeza alguma, que aquele tal fato se-compreenda, debaixo daquela tal lei. E às vezes é tam oiscura a verdade, que se-acharam juizes de consciencia, os quais nam quizeram julgar: mas persuadiram a concordia, e ajuste racionavel, entre as partes. Onde conclue o dito *Cardial de Luca* ao noso intento: = *Posta a dita variedade de entendimentos, a pratica frequentemente ensina, que o successo é diverso daquillo, que os Advogados pronosticaram, que succederia bem, ou mal: e ainda porque os mesmos tribunais grandes retratam, o que tem decedido. Do-que se-prova, que nos-artigos legais, nam se-lá verdade certa, e determinada: e principalmente em materias conjeturais, e arbitrarias: porque as coizas totalmente claras, raras vezes se-disputam, entre os Advogados* (1). Daqui se-conhece concludentemente, que a *Jurisprudencia* nam é aquela regra certa, *do-justo*, ou *injusto*, que comumente se-diz: mas que tem defeitos tais, que nam á industria, que os-pola emendar; senam no-*cazo* que os *Principes*, reformasem muita coiza.

Quanto aos defeitos extrinsecos, claramente se-conhecem, na qualidade dos interpretes, que desde que refucitaram as leis Romanas em Italia, tudo quizeram explicar: e fizeram tais comentarios, e acarretaram tantas doutrinas, que oje somente desta fazenda, acham-se inumeraveis volumes. Proibira *Justiniano* (2) aos Juristas, comentar as suas leis: reconhecendo, por-experiencia do-*Edito Perpetuo de Juliano*, que os comentarios eram, a destruiam das-leis. Mas os Juristas desde o XII. seculo fizeram tantos, especialmente no-XIV. e XV. que oje nam se-*odem* soffrer. Como a ignorancia do-Latim, e da-Istoria impedia intender, os textos todos; contentavam-se dos-sumaros, e das glozas, dos-que julgavam, que os tinham entendido melhor. Os mestres nam faziam mais, que explicar um lugar do-Digesto, ou Decreto, por-meio de outro: os dicipulos abaixavam a cabeça, e somente se-aplicavam a executálo: tratando questoes sobre as consequencias, que deduziam dos-textos: dando conselhos, e decizoens. Onde nam tendo dos-principios da-*Etica*, tirado boas consequencias, somente procuravam, os seus particulares interesefes. Aqueles mesmos que buscavam a justisa, nam sabiam outros meios mais, que os remedios

(1) De Luca, *Doutor Vulgar* Cap. IX.

(2) L. Deo auctore. C. de vet. jur. enucl.

dios particulares contra a injustiça: de que nacèram tantas clauzulas, para os juizos. Nam preveniam os danos, tirando as cauzas gerais das-demandas, e delitos; que era fazer comque os Principes, propuzessem leis certas &c. iõmente procuráram remediar, os males atuais. Desta forte, quando as leis Romanas se-introduziram, nos-Reinos da-Europa; achando os Povos, com certos costumes contrarios, que nam se-podiam deixar; cazaram-se tam mal, que a Jurisprudencia ficou mais incerta, e embrulhada, doque tinha sido, com as leis Longobardas.

Isto porem e nada. dai para diante é que se-aumentáram as sutilezas. Um levantou uma doutrina nova, ou por-capricho, ou por-nécessitar dela, para alguma escritura: Os dicipulos abraçaram-na: algum Advogado servio-le dela para outro cazo: e desta forte, citando uns a outros, se-fez comua. Apareceo outro Advogado, a quem nam agradava: impugnou-a: teve sequazes: e temos outra opiniam comua contraria. E desta forte apparecèram tantas opinioens comuas, contrarias entre si, que é uma piedade. Este é o cazo que tinha succedido, a *Bartolo*, *Baldo*, *Rafael Fulgorio*, e outros muitos, que pecavam deste vicio: muitos dos-quais, nam só por-necessidade, mas por-tua alta recriafam, contrariavam os antecedentes: Como fez *Baldo*; que muito de proposito, censura em varias partes, *Bartolo* seu mestre: e, para me-servir das-palavras de *Pancirolo*, (1) *Conatus est ipsius nomini tenebras offundere: quem ex professo mordet, nec sine contemptu quandoque nominat: & judices eum sequentes, caecos vocat.* Mas opior de tudo está, em que muitos louváram, estas contradicoens. E certamente nunca pude perdoar, a *Paulo de Castro*, querer desculpar a summa inconstancia de *Baldo*, em se-contrariar a si mesmo; com dizer, = *id non levitate, sed ingenii subtilitate evenisse* =: como se o dizer parvoices, fosse sutileza!

Em fim isto chegou a termos, que oje nam se-fabe, qual é a opiniam comua. *Joam Belloni*, e *Oracio Cardon*, que recolheram as opinioens comuas legais, que corriam no-seu tempo; ou tambem, *Antonio Maria Corazio*, que no-principio do-seculo pasado, comprehendeo em trez-tomos, todas as comuas; viram logo perdido, o seu trabalho; porque no-mesmo tempo, *Jeronimo Zavallos* Espanhol comprehendendo no-seu *Speculum Aureum*, só as opinioens comuas, contra outras comuas; nam fez menos, que quatro volumes de folha. A este estado reduziram os Juristas, as doutrinas do-Direito! Mas isto é nada: os ditos Jurisconsultos, nam só fizeram das-suas opinioens, leis; mas mudáram elas mesmas leis privadas, segundo o seu arbitrio. Nam queira V. P. melhores testemunhas, que o *Azloguido* (2) *Communis opinio subjacet mutationi, ut est notorium. Sape enim contingit, ut aliqua opinio, quae a quinquaginta, vel sexaginta annis supra communiter tenebatur, desinat esse communis; si plu-*

(1) *De Claris leg. Interpret. p. 202.*

(2) *L. 3. c. 17. de Comm. Opin.*

rini ex sequentibus contrarium teneant = e. Cardinal Tosco: (1) = *Alia innumera-
merabiles conclusiones similes poni possent, quas doctores miro labore ut commu-
nes, & magis communes constituunt: & tamen per directam contradictionem simi-
lium opinionum communium, destruantur. Eorum quibus constat ea, quae opinionibus
nostris consistunt, posse semper continere fallaciam; prout in exemplis: quibus uno
tempore, communis opinio indubitata fuit apud antiquos, quae hodie communiter
reprobata reperitur* = . Mas se quer mais, leia Jeronimo Zanchi, que ja no fim
do-seculo XVI. descobrio as contrariedades, dos-principais Consulentos. leia
Paulo Francisco Perrenuto, Siziliano, que despois da-metade do-paiado secu-
lo, recolheo em V. tomos, as discrepancias, e contrariedades dos-Interpretes,
Consulentos, Decizoens de Rota, e outros Tribunais.

Nisto conhecerá V. P. que incerteza, é, a do-Direito. Por-estes tratados
forenses, que se-compuzeram despois das-interpretasoens, nestes dois ultimos
seculos; é que estudam os Advogados, e Juizes: e constantemente defen-
dem, que sem eles, nam se-pode saber Direito: avendo muitos que nunca
abriram o texto, senam é, para confrontar alguma lei, que opoem o Ad-
vogado contrario: o que raras vezes succede. Mas se é certo, o que eles di-
zem; fica desmentida a opiniam, que o texto é bastante, para julgar de tu-
do. Se nam é certo, fica claro, que é grande este defeito extrinseco da-Ju-
risprudencia; ser tam opremida das-opinioens, e fantazias dos-seus doutores;
e que isto se-deve evitar, e se-devia emendar, porquem tem faculdade, de fa-
zer leis municipais. Bastava preserever, quanto foise posivel, a decizam de
muitos cazos, que nam estam bem declarados: obrigando os suditos, a con-
formar-se com eles. *Ut pro tot indigestis legum voluminibus, unum breve habe-
remus, & perspicuum juris compendium*: como diz o Vernuleio (2). pois desta
sorte se-evitariam, mil demandas; e viviriamos Povos mais quietos.

Nam quero dizer, que o Juiz, ou Advogado, nam deve ler mais, que
o texto: pois é sem duvida, que a experiencia mostra, que, sem a noticia
de outras coizas, nam poderá no-estilo presente, julgar de muitas daquelas
leis, que foram feitas, para outro estillo: a mudansa dos-costumes, e gover-
nos é cauza, que muitos oje nam firmam. Ja nam temos os mesmos magis-
trados, e officiais publicos. Nam se-fala ja de *servos* no-mesmo sentido, de
manumisoens, libertos, libertinos, colonos, censitos, e outras especies de agri-
cultores: nem *de veteranos*, e outros uzos da-guerra. O *patrio poder* nam tem
oje, o mesmo vigor. Tudo isto oje é inutil: e por-isto se-querem outras no-
ticias. O que digo é, que estes Jurisconsultos devem observar, uma media-
nia prudente, que nam degenre nestas extremidades: e devem sempre pro-
ceder com a reflexam, que a lei comua, e toda a lei, é mui fugeita ao in-
gano: e isto para nam nos-inganárem, decantando a certeza, da-dita Juris-
prudencia. Quanto ao Catedratico, pode mui bem servir-se, das-ditas no-
ticias

(1) *Vrebo Opiniones Concl.* 152.

(2) *Instit. Politic.* l. 3. tit. 2. q. 4.

ticias, para explicar as outras leis: mas deve conhecer, que isto é mera erudição, que se acha também, em outras muitas partes: e nam dar a entender, que, sabendo todas aquelas coizas; tem a ciencia certa, de toda a justiça: ou que tem toda a liberdade para a-interpretar, como lhe parece. Tratou esta materia eruditamente *Filipe Lietneo*, em um livro intitulado, = *Defensio Justiniana, hoc est, Demonstratio errorum hujus sæculi Jurisconsultorum; qui sub prætextu legum interpretatione, & vera lectionis restitutione, Jura Casarea corrumpunt, mutilant, depravant* =. Com effeito pode o Jurisconsulto, em algumas circumstancias, separar-se do-rigor das-Leis, pois as circumstancias o justificam: mas nam deve encher a Lei, de tantas excessões, restrições, e ampliações, nacidas da-demaziada futilidade: o que nam só tem feito os Interpretes, mas pior ainda os Traductistas, e pesadamente os Consultentes. Deve alem disto intender, e confesar o Jurisconsulto, que nas leis de Justiniano, acham-se muitas injustas, em alguns cazos, ou em todos: entre as quais nam é a menor, aquella que ordena, que percam a herança os herdeiros, *quos necem testatoris inultam omisisse constiterit* (1). O que deu motivo a um douto Jurisconsulto, (2) de escrever os defeitos, da-moderna Jurisprudencia: para acautelar os Juristas, e mostrar, que Justiniano, entre tantas coizas boas, tem muita repugnancia, superfluidade, e coizas que necessitam de reforma.

Estas noticias e reflexões são mui necessarias, a quem se-deve engolfar, no-mar do-Direito: para nam se-deixar arrebatado, da turba dos-doutores, e coizas que eles dizem. É sem duvida, que quem a-tem conhece, o corpo do-Direito, e ordena primeiro as suas ideias; acha menos difficuldade nas materias, a que se-aplica. Deve pois o estudante nos-seguintes anos, comecar a ler, algum destes tratados famosos. Aconselho, que comecar polo *de Contractibus*, que comprehende a maior parte do-Direito util, para o Foro: reduzindo ao dito, todos os contratos, debaixo dos-seus titulos: e compendiando em poucas palavras, o que estuda. Depois, *Ultimas voluntates, Sustinuens* &c. Nam tem o estudante necessidade, de acumular textos: uma ou duas leis, bastam para prova, se são *in terminis*. Se o caso o-pedise, podia notar um ou dois interpretes dos-melhores, que a-confirmasem: e apontar brevemente os argumentos, com as suas respostas: o que se-pode fazer, na metade do-segundo ano, até o quarto inclusivamente. É aqui pode servir-se, de algum Dicionario Juridico, para intender os terminos de que duvidar, (o que está succedendo, ainda aomens grandes) e as formulas: para o-que podem servir, os Dicionarios de *Joam Calvino*, ou *Scardus*.

No principio do-quinto ano deve o estudante, ler o direito Portuguez;

TOM. II.

T

ou

(1) L. 1. ff. de His quibus ut indignis hereditates conferuntur.

(2) *Philippus Burcardus* = *De hodierna Jurisprudencia navis, & remediis*.

ou as leis municipais: notando as coizas, em que diversifica do-Comum. Sem duvida é digno de admirar, que saiam os omens das-Universidades, falando muito nas leis de Justiniano, que só servem, faltando a lei municipal; e nada saibam daquela lei, porque se-ão-de governar! Isto é o mesmo que um Teologo, o qual, depois de doutorado, saise das-escolas, sem saber os preceitos gerais, da-lei Divina. As leis municipais sam sujeitas, a varias interpretaçoens, como as Romanas: e porque nam ensinará um leitor na Universidade, aos que querem seguir o Foro, a melhor intelligencia destas leis, e mais seguida, e mais conforme às decizoens, dos-tribunais supremos? Negar isto, é mostrar que se-ignora, a utilidade que daqui resultaria ao publico. Muito bem a-conhecem, em outros Reinos estrangeiros, em que se-estableceram cadeiras, do-Direito municipal. O que especialmente fez Luiz XIV. em Franca: cuja memoria será eterna, na republica Literaria. Sendo admiravel naquele grande omem, que passando toda a sua vida occupado, em trabalhosissimas guerras, nam ouve Rei algum no-mundo, que igualmente promovese o commercio, e as letras: pois só ele fundou mais, e mais utis Academias, que os antecedentes todos, e as melhores, que se-vejam na Europa. Emfim este estudo, tambem se-deve fazer, na Universidade: e talvez que assim se-pouparem muitas demandas, que nascem, da-ignorancia da-Lei. O restante do-ano deve occupar, em fazer atos: os quais reduziria a trez, em cadaum dos-quais foise obrigado o estudante a comprehender um numero determinado, de conclusoens principais, das-materias que tem estudado, e comprehendem 9. Nos-primeiros, deviam argumentar-lhe em fórma: no-ultimo, fóra de-fórma fazer-lhe perguntas, sobre alguma coiza das-leis municipais, e outras coizas de pratica. Este metodo parece-me mais útil, doque propor um só ponto, tirado de um texto, que às vezes é tam safado, que o Bedel é capaz de o-defender. v. g. falando do-Direito Canonico, = *An Monachus possit esse procurator, in causa sui Monasterii*: = *An Abbatissa possit conferre, ordines minores &c.* Outras vezes saie um texto dezudado, e que de nada serve. Onde, nunca me-agradou este metodo. E muito menos, aquilo da-lizam de ponto, que nam serve de distinguir o ignorante, do douto; que é o fim dos exames: antes polo contrario, nam á coiza mais propria, para confundir o douto, com o ignorante, doque fazer que isto dependa, de um ato de memoria: como a experiencia todos os dias mostra. Acabado isto, dar-lhe o grao de Bacharel, sem mais outras arengas. Os que se-quizesem doutorar, o podiam fazer, no-seguinte ano; fazendo conclusoens em duas, ou trez das-melhores materias de Direito: e acabadas elas, dar-lhe o grao, ou quando muito, no-seguinte dia. Este ato deveria consistir, em uma orasam Latina, feita polo lauriado, em algum ponto de Direito. Depois dos-juramentos, uma orasam breve, em louvor do-lauriado, e dar-lhe o grao. Aqueles Exames privados, Vesperias, e outras coizas destas, sam atos de amofinar a paciencia; e nam dam doutrina: e, falando sem paixam, sam arengas dos-velhos,